

UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS
VICE-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
MESTRADO EM PSICOLOGIA

**OS PROCESSOS PRIMÁRIOS, SECUNDÁRIOS E TERCIÁRIOS
EM RORSCHACH : UMA COMPREENSÃO FENOMENOLÓGICA
E UMA PROPOSTA DE VALORAÇÃO**

ANA CRISTINA RESENDE

GOIÂNIA, JUNHO DE 2001

UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS
VICE-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
MESTRADO EM PSICOLOGIA

**OS PROCESSOS PRIMÁRIOS, SECUNDÁRIOS E TERCIÁRIOS
EM RORSCHACH : UMA COMPREENSÃO FENOMENOLÓGICA
E UMA PROPOSTA DE VALORAÇÃO**

Dissertação apresentada como exigência para a obtenção do Título de Mestre em Psicologia Social e da Personalidade, do Departamento de Psicologia, da Universidade Católica de Goiás, sob a orientação do Prof. Dr. Rodolfo Petrelli.

ANA CRISTINA RESENDE

GOIÂNIA, JUNHO DE 2001

UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS
VICE-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
MESTRADO EM PSICOLOGIA

FICHA TÉCNICA PARA AVALIAÇÃO

**TÍTULO: OS PROCESSOS PRIMÁRIOS, SECUNDÁRIOS E TERCIÁRIOS EM
RORSCHACH: UMA COMPREENSÃO FENOMENOLÓGICA E
UMA PROPOSTA DE VALORAÇÃO**

AUTORA: ANA CRISTINA RESENDE

DATA DE APRESENTAÇÃO: AGOSTO DE 2001

Orientador: _____

Prof. Dr. Rodolfo Petrelli

Examinador: _____

Prof. Dr. Cícero Emídio Vaz (Membro Convidado)

Examinador: _____

Prof. Dr. Weber Martins (Membro Convidado)

AGRADECIMENTOS

A Deus, o alicerce da minha existência.

Ao Prof. Dr. Rodolfo Petrelli de quem, seguramente, obtive idéias originais para desenvolver esta proposta.

Aos mestres Francisco Zimmerman e Agda Ferreira Soares Dias, pela sempre pronta disponibilidade, dedicação e inestimável contribuição para esse estudo.

Aos sujeitos da pesquisa que se prontificaram a contribuir com a consecussão desta investigação, pois sem eles este estudo não teria sido realizado.

A todas as pessoas com quem convivo diretamente, que estão sempre ao meu lado, me apoiando física e espiritualmente com a presença atuante de seus corações que são, certamente, maiores que o universo.

RESUMO

Mediante uma proposta de valoração das estruturas perceptivas do psicodiagnóstico Rorschach, em uma perspectiva evolutiva contínua, realizou-se uma investigação fenomenológica de como se configuram os processos psíquicos - primários patológicos, que evidenciam fenômenos regressivos, de fixação e desestruturação; os pródromos de patologia, que denunciam indícios patológicos; os primários ingênuos, indicativos de estruturas potencialmente abertas e longe de conotações negativas; os secundários, que exprimem uma consciência intencional, que ordena, racionaliza e administra de forma compatível, de acordo com as exigências de realidade, suas emoções; os terciários, que revelam mentes sistêmicas em uma atividade altamente integrativa de síntese na ordem da imaginação e da lógica, dos processos primários e secundários. Foram avaliados 110 sujeitos, sendo 30 crianças, 30 esquizofrênicos, 30 adultos e 20 artistas. Os dados obtidos desvelaram uma configuração de processos prodrômicos de patologia muito semelhante entre os quatro grupos. Os processos secundários evidenciaram diferenças estatisticamente significativas entre os esquizofrênicos, artistas e adultos, assinalando condutas peculiares de cada grupo, com exceção dos grupos de crianças e esquizofrênicos, que se aproximaram pela pouca frequência de produções secundárias. As crianças se destacaram nas produções psíquicas de potencialidades, os esquizofrênicos nas configurações psíquicas patológicas. Os artistas se sobressaíram pelas produções terciárias, pelas disposições aos processos primários ingênuos e pelas tendências patológicas. Nesse sentido, os dados sugerem que no artista existe o olhar inocente e aberto à experiência como é o olhar da criança, bem como uma certa proximidade da insanidade. Contudo, a garantia de um processo secundário, sempre presente, deixa o artista livre para transitar por todas as instâncias psíquicas sem se sentir ameaçado por seus impulsos, e a sua habilidade integrativa terciária permite uma busca de soluções mais abrangentes e originais, revelando um profundo *insight* de amplo significado humano. As aplicações práticas da valoração dos processos primários, secundários e terciários nas avaliações clínicas de qualquer área da psicologia, também foram expostas.

ABSTRACT

From a proposal of validation of the perceptive structures of the Rorschach psychodiagnose, in a continuous evolutionary perspective, a phenomenological investigation took place to assess how the psychic processes are configured – primary pathological, that evidences regressive phenomena of fixation and destabilization; the pathology trace, which denounces pathological indications; the primary naive, indicative of potentially open structures and far from negative connotations; the secondary ones, that express an intentional conscience, that orders, rationalizes and administers their emotions in a compatible way according to the demands of the reality; the tertiaries, that reveal systemic minds in a highly integrated synthesis activity in the order of the imagination and logic, of the primary and secondary processes. 110 subjects were evaluated, 30 being children, 30 schizophrenic, 30 adults and 20 artists. The data obtained showed a configuration of trace pathologic processes very similar to the four groups. The secondary processes evidenced significant statistic differences among the schizophrenic ones, artists and adults, marking peculiar conducts of each group, except for the children's group and schizophrenic's group, that themselves due to the little frequency of secondary productions. The children stood out in the psychic productions of potentialities and, the schizophrenic ones in the pathological psychic configurations. The artists stood out by the tertiary productions, the dispositions in the naive primary processes and for the pathological tendencies. In that sense, the data suggest that there is an innocent and open glance in the artist for the experience as it is in the child's look, as well as a certain proximity of the insanity. However, the warranty of the secondary process, always present, permits the artist to transit through all the psychic instances without feeling threatened by ones pulses and ones ability of tertiary integration allows a search for wider and original solutions, revealing a deep insight of great human meaning. The practical applications of the validation of the primary, secondary and tertiary processes in the clinical evaluations of any area, were also exposed.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	01
CAPÍTULO I	
DESCRIÇÃO DOS PROCESSOS PRIMÁRIOS, SECUNDÁRIOS E TERCÍARIOS EM UMA PERSPECTIVA EVOLUTIVA COM REFERÊNCIAS ÀS CLÁSSICAS TEORIAS DE SIGMUND FREUD, HEINZ WERNER E SILVANO ARIETI	04
1.1. Os Processos Primários	06
1.1.1. Freud: a hegemonia do id	06
1.1.2. Werner: o itinerário da experiência primária difusa, esquizóide e sincrética	07
1.2. Os Processos Secundários	11
1.2.1. Freud: o Domínio do ego	11
1.2.2. Werner: a razão cartesiana do claro e distinto	12
1.3. Os Processos Terciários	13
1.3.1. Freud: regressão compatível ao primário por conveniência do ego	13
1.3.2. Arieti: a mente que integra	15
CAPÍTULO II	
FENOMENOLOGIAS DOS PROCESSOS PRIMÁRIO, SECUNDÁRIO E TERCÍARIO NO PSICODIAGNÓSTICO DE HERMANN RORSCHACH	19
2.1. Fenomenologia do Processo Primário no Rorschach	26
2.1.1. Fenomenologia do processo primário ingênuo	28
2.1.2. Fenomenologia do processo primário patológico	30
2.2. Fenomenologia do Processo Secundário no Rorschach	34
2.3. Fenomenologia do Processo Terciário no Rorschach	36
CAPÍTULO III	
PROPOSTA DE QUANTIFICAÇÃO FUNDAMENTADA NA VALORAÇÃO DAS ESTRUTURAS RORSCHACH TENDO COMO ALICERCE A FENOMENOLOGIA DO PROCESSOS PRIMÁRIOS, SECUNDÁRIOS E TERCÍARIOS	41
3.1. Proposta de Quantificação das Estruturas Rorschach	43
3.2. Integração da Fenomenologia dos Processos Primários, Secundários e Terciários à Proposta de Valoração das Estruturas Rorschach	47

CAPÍTULO IV	
MÉTODO	52
4.1. Abordagem Metodológica	52
4.1.1. Origem do método fenomenológico	52
4.1.2. A fenomenologia como ciência descritiva do conhecimento	53
4.1.3. Procedimentos do método fenomenológico	54
4.1.4. O método fenomenológico aplicado ao psicodiagnóstico Rorschach	56
4.2. Objetivos	60
4.3. Procedimentos	60
4.4. Sujeitos	61
4.4.1. Grupo de Adultos	62
4.4.2. Grupo de Esquizofrênicos	63
4.4.3. Grupo de Crianças	65
4.4.4. Grupo de Artistas	67
4.5. Caracterização do instrumento utilizado	68
CAPÍTULO V	
RESULTADOS E DISCUSSÃO	72
5.1. Os Modos de Apreensão	72
5.2. Os Determinantes	79
5.3. Os Conteúdos e o Índice de Realidade	83
5.4. Os Fenômenos Especiais	90
5.5. Os Tipos de Vivências	101
5.6. A Proposta de Valoração das Respostas e Os Processos Psíquicos	110
CAPÍTULO VI	
APLICAÇÕES PRÁTICAS DA VALORAÇÃO DOS PROCESSOS PRIMÁRIOS, SECUNDÁRIOS E TERCIÁRIOS	118
6.1. Gráfico da Performance do Comportamento	118
6.2. Avaliação da Temporalidade	124
CONSIDERAÇÕES FINAIS	129
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	139

INTRODUÇÃO

O presente estudo, cujo tema é **Os Processos Primário, Secundário e Terciário em Rorschach: Uma Compreensão Fenomenológica e uma Proposta de Valoração**, busca desenvolver, dentro de uma abordagem fenomenológica uma proposta de valoração dos processos psíquicos, em uma perspectiva evolutiva, do indivíduo e suas aplicações na prática profissional e na pesquisa, que não privilegia mais a psicopatologia e menos as operações psíquicas de potencialidades e as operações psíquicas que exigem altos níveis de maturidade da mente.

Com essa intenção, procuramos distinguir, com base nas produções perceptivas e associativas do sujeito ao psicodiagnóstico de Rorschach, construções de processo primário ingênuo – próprias de uma experiência em expansão – de elaborações primárias do processo patológico de natureza traumática, bem como configurações terciárias que revelam atividades altamente integrativas originais e superiores, cuja complexidade pode confundir um psicólogo despreparado.

Defendemos o ponto de vista de que o Rorschach deve ser cada vez mais apurado com o intuito de definir e avaliar processos psíquicos superiores para que os dois níveis extremos, patológico e de excelência, jamais se confundam, uma vez que se faz necessário em nossa sociedade identificar mentes sistêmicas que colocam à prova a ortodoxia e chegam a soluções mais abrangentes, úteis e apropriadas para a situação em que ocorrem.

Nesse sentido, prosseguimos nosso estudo no domínio do Rorschach dando continuidade ao esforço sempre renovado para avançar no conhecimento do funcionamento psíquico humano. Em consonância a esse posicionamento, o presente estudo consta de seis capítulos inter-relacionados.

O Capítulo I, denominado de **Descrição dos Processos Primário, Secundário e Terciário em uma Perspectiva Evolutiva**, teve seus alicerces em um núcleo teórico distinto, que integra alguns conceitos psicanalíticos freudianos com as teorias do desenvolvimento evolutivo de Werner (1957) e Arieti (1969). O capítulo aborda estes três processos

psíquicos como três pólos de um contínuo que vai do mínimo ao máximo de organização, equilíbrio e finalização das diversas atividades do aparelho psíquico.

No Capítulo II, **Fenomenologias dos Processos Primário, Secundário e Terciário no Psicodiagnóstico de Hermann Rorschach**, procura-se desvelar como se configuram esses processos primário ingênuo, primário patológico, secundário e terciário nas estruturas perceptivas do psicodiagnóstico de Rorschach tendo como base os estudos de vários autores neste método de avaliação.

O Capítulo III: **Proposta de Quantificação Fundamentada na Valoração das Estruturas Rorschach Tendo como Alicerce a Fenomenologia dos Processos Primário, Secundário e Terciário**, propõe uma forma de avaliação alternativa, sem a pretensão de substituir qualquer estilo de análise, seja ela mais quantitativa ou mais qualitativa, mediante a atribuição de valores numéricos às estruturas perceptivas do Rorschach dentro da perspectiva dos processos psíquicos evolutivos.

No Capítulo IV, intitulado **Método**, apresentamos a abordagem fenomenológica como orientadora de nossa postura de pesquisadores. Este capítulo expõe ainda a explicitação dos nossos objetivos, a descrição dos quatro grupos distintos – crianças, esquizofrênicos, adultos e artistas – que constituem a amostra de sujeitos, bem como a caracterização do instrumento utilizado.

O Capítulo V, **Resultados e Discussão**, abordou os modos de apreensão, os determinantes, os conteúdos, o índice de realidade, os tipos de vivência e a configuração dos processos psíquicos evolutivos em cada grupo em que a análise de variância entre os grupos se revelou extremamente importante para se pontuar algumas considerações finais.

E, finalmente, no Capítulo VI: **Aplicações Práticas da Valoração dos Processos Primários, Secundário e Terciário**, evidenciamos um meio operativo-aplicativo, prático e de fácil visualização das tendências espontâneas do indivíduo.

CAPÍTULO I

DESCRIÇÃO DOS PROCESSOS PRIMÁRIOS, SECUNDÁRIOS E TERCIÁRIOS EM UMA PERSPECTIVA EVOLUTIVA COM REFERÊNCIAS ÀS CLÁSSICAS TEORIAS DE SIGMUND FREUD, HEINZ WERNER E SILVANO ARIETI

De acordo com Ferreira (1986, p. 1395), processo representa uma sequência de estados de um sistema que se transforma o que envolve, além das noções de evolução e transformação, aquela de um conjunto organizado, sistemas, que sofre alterações dentro de uma certa continuidade.

Podemos dizer que a palavra processo já nos indica algo dinâmico, ativo, em marcha para uma determinada meta. Ela comporta uma conotação evolutiva, de mudança. Bucher (1989) indica que processo não é um fenômeno aleatório, obedece as leis que determinam sua ocorrência e as regras que presidem o seu desenrolar efetivo; deixa-se estimular, desencadear, mediante determinados métodos ou técnicas, como também permite-se manipular de fora, embora desenvolva segundo uma lógica própria, que limita o impacto da manipulação externa.

Em seguida, podemos afirmar, também, que no ser humano, a dinâmica dos seus processos psíquicos pressupõe todo o movimento existencial do conjunto histórico da pessoa. Ela está inserida, inevitavelmente, entre os pólos biológicos, ontológicos e ônticos de sua existência e participa da transitoriedade de que a caracteriza como ser finito e histórico. Nesse contínuo evolutivo, que faz a história da pessoa, o desenvolvimento ocorre por etapas ou estágios progressivos que podem ser chamados de processos primários, secundários e terciários; no ser humano *normal* esses processos não são estáticos e rígidos, eles são estáveis e com uma certa flexibilidade

Partindo desses pressupostos podemos argumentar que Freud (1990), em 1920, descreve dois tipos de processos psíquicos inconscientes que constituem a mente humana: a) os processos primários que são os mais antigos no tempo, onde prevalecem os processo imaginários de natureza inconsciente; b) os processos secundários que são regidos pelo paradigma da realidade externa objetiva, que têm como finalidade adotar o estabelecimento

de uma identidade do pensamento que busca atuar ao nível das necessidades vitais e inibir o processo primário.

Werner (1970), em 1957, define funções que abrangem de forma contínua os extremos da escala evolutiva dos seres vivos, desde o animal até as modalidades da vida adulta. Essas funções se apresentam desde o caráter difuso, indefinido, lábil e sincrético ao estável, definido, diferenciado e articulado. Segundo o autor todo desenvolvimento procede de um estado de relativa globalidade e falta de diferenciação a um estado de crescimento, definição, articulação e integração hierárquica.

Orientado por estes princípios, Arieti (1969), em 1967, compõe, num único modelo evolutivo, as diferentes perspectivas de Freud, Piaget e Werner. Acentua, porém, o núcleo intrapsíquico, situando-o nas condições de: patologia, normalidade e momento criativo. Integra o eu intrapsíquico não apenas à percepção, mas também à cognição e à motivação, destacando a cognição como condição que distingue filogeneticamente a espécie humana dos outros seres vivos e integra, ainda, os aspectos da ontogênese e microgênese.

O autor propõe um terceiro nível de organização da experiência que vai além do primário e secundário, que seria a organização terciária. Estes processos são caracterizados pela capacidade de síntese perfeita entre os processos primários e secundários dando origem aos processos psíquicos superiores. Ao nosso ver, esses três níveis de organização da experiência são modalidades e configurações estruturais de apresentação do indivíduo no mundo, modalidades da presença, formas habituais ou emergenciais de reagir aos eventos. São três modelos que se configuram em uma perspectiva evolutiva, como três pólos de um *continuum* que vai do mínimo ao máximo de organização, equilíbrio e finalização das diversas atividades do aparelho psíquico.

1.1. Os Processos Primários

1.1.1. . Freud: a hegemonia do id

Segundo Freud (1990) o âmago de nosso ser é formado pelo obscuro id. Dentro do id operam os instintos vitais, que são compostos da fusão de duas forças primevas (Eros e destrutividade) em proporções que variam e se diferenciam umas das outras por sua relação com órgãos ou sistemas de órgãos. O único e exclusivo impulso destes instintos é a satisfação com o auxílio de objetos do mundo externo. Os processos primários de um psiquismo administrado pelo id diferem amplamente daqueles que nos são familiares, elaborados mediante uma percepção consciente, em nossa vida intelectual e emocional. Porém, eles não estão sujeitos às restrições críticas da lógica, que repudia alguns desses processos como inválidos e busca desfazê-los. Estes processos são marcados por impulsos instintuais e por compulsões à repetição, desse modo, obedece ao inexorável princípio de prazer, onde se substitui a realidade externa pela psíquica que são atividades da vida mental infantil.

Partindo desse pressuposto, Freud (1990) descreve o tipo de processo encontrado no inconsciente como sendo o processo psíquico primário em contraposição ao processo secundário, que é o que impera em nossa vida de vigília normal. Visto que todos os impulsos instintuais têm nos sistemas inconscientes o seu ponto de impacto, quase não constitui novidade dizer que eles obedecem ao processo primário.

Freud (1990) presume que os estados patológicos do ego caracterizam um afastamento da realidade insatisfatória mediante uma regressão aos processos primários, que prevalecem no início da vida mental do desenvolvimento humano. Fundamentam-se numa cessação ou num afrouxamento da relação com o mundo externo, nos quais o ego mais se aproxima novamente do id.

Isto harmoniza-se muito bem com o que aprendemos da experiência clínica - a saber, que a causa precipitadora da

irrupção de uma psicose é ou que a realidade tornou-se insuportavelmente penosa ou que os instintos se tornaram extraordinariamente intensificados - ambas as quais, em vista das reivindicações rivais feitas ao ego pelo id e pelo mundo externo, devem conduzir ao mesmo resultado. O problema das psicoses seria simples e claro se o desligamento do ego em relação à realidade pudesse ser levado a cabo completamente. Mas isso parece só acontecer raramente ou, talvez, nunca. Mesmo num estado tão afastado da realidade do mundo externo como o de confusão alucinatória, aprende-se com os pacientes, após seu restabelecimento, que, na ocasião, em algum canto da mente (como o dizem) havia uma pessoa normal escondida, a qual, como um espectador desligado, olhava o tumulto da doença passar por ele. (Freud, 1990, p. 231)

Desse modo, podemos afirmar, segundo uma concepção freudiana de processos primários, que estes prevalecem nas atividades da vida mental infantil e patológica. Nelas imperam a hegemonia do id que, por sua vez, é governado pelo princípio de prazer que visa a instaurar a identidade das percepções de tal modo que o aparelho psíquico busca reencontrar o mesmo objeto ao qual sua satisfação se associara uma primeira vez. Essa modalidade de funcionamento psíquico é dominada substancialmente por uma emergência de descarga total e imediata de energia, sem nenhum vínculo com as circunstâncias e oportunidades, obedecendo exclusivamente o princípio da redução e eliminação do desprazer.

1.1.2. Werner: o itinerário da experiência primária difusa, esquizóide e sincrética

Werner (1970), por sua vez, não se refere a processos primários, mas descreve fenômenos que define o itinerário da experiência primária com as posições difusa, esquizóide e sincrética. Esses fenômenos seriam os mais regressivos, estariam relacionados aos primeiros estágios da infância, aos recém nascidos, quando os estados de consciência indiferenciados tornam as experiências perceptivas sensoriais e emotivas inseparáveis, confusas; as combinações seriam incompatíveis com a realidade por uma absoluta falta de

estética. Estes estados seriam melhor descritos como simples estados de sensibilidade, sensações táteis em que o sujeito e o objeto se encontram indiferenciados, e só gradualmente ele aprende a distinguir, em seu mundo representacional, o eu do não-eu. As imagens são, a princípio, extremamente rudimentares e indistinguíveis das experiências de satisfação das necessidades básicas.

A posição difusa, hierarquicamente a mais primeva, se dá quando os conteúdos mentais se fundem, se superpõem e se confundem, formando um amálgama de elementos indistintos, caóticos, confusos e até mesmo antagônicos. O indivíduo não reconhece as características que identificam e distinguem os conteúdos da consciência e, portanto, os conteúdos do mundo. Na posição esquizóide já é possível a percepção de objetos significativos, como o seio, a boca e a mamadeira, porém, não têm coerência em um contexto, suas tentativas de análises padecem de um todo sintético. Mais tarde a criança atinge a posição sincrética, iniciando as tentativas de compor as partes de um todo, mas os conteúdos da consciência ainda não são claros e distintos.

Ao início da infância o sentimento é difuso e unido a toda uma situação afetiva móvel. Gradualmente essas emoções ambíguas se desenvolvem e se diversificam uma da outra, assumindo caráter específico e unívoco. Um bebê inicialmente grita de uma forma monótona e indistinta. Muito cedo este grito vem se diferenciando e depois de algumas semanas será possível distinguir o som que significa fome daquele que significa *as fraldas estão molhadas*.

A criança apreende o mundo como um amontoado indiferenciado de coisas e reage diante dele de forma sincrética e com a participação de todo o organismo. Só mais tarde, e gradualmente, esse mundo será percebido como um todo, mas com suas partes distintas e com forma e significados próprios. Esta característica sincrética da criança pode ser observada também pela sua imaginação lúdica e inocente nas brincadeiras, onde um cavalo pode parar para *abastecer de gasolina*, ou um trem pode responder ao comando *pare* ou simplesmente com um grito. Os desenhos das crianças, assim como as representações fantasmáticas e as imaginações são ricas de

formas sincréticas. Faz parte desse sincretismo infantil a labilidade, a relativa falta de constância ao conteúdo do eu e do outro, inconstância do humor, egocentrismo e a indeterminação. Isso seria o que Petrelli (1989) descreve como sincretismo ingênuo.

Nas modalidades defeituosas do homem adulto que regride a níveis inferiores – o que Petrelli (1989) denomina de sincretismo patológico – o sincretismo pode ser observado, por exemplo, nas alucinações, onde imagem e realidade se misturam, ou onde identidades se superpõem. Na verdade, muitas vezes, no pensamento esquizofrênico toda operação intelectual está intacta à medida em que se refere às tarefas práticas cotidianas. Somente no nível de problemas abstratos a deficiência se manifesta sob a forma de uma regressão para o sincrético, concreto e afetivo. Por exemplo, diante de uma forte dor de cabeça, o sujeito normal pode compará-la a um prego que lhe é fincado, a imagem, porém, será distinta do prego real. Nos estados alucinatórios, imagem e prego são uma mesma coisa. O indivíduo fala em prego na cabeça, que passa, inclusive, a ser o causador de sofrimento. Essa modalidade de sincretismo, patologicamente primitiva, é caracterizada por uma relativa difusão e falta de centralização, assim como por uma profunda perda da objetividade do mundo. Nesse sentido, há uma regressão a um nível de organização em que as diferenças entre o mundo interno e o externo, tão importantes nos níveis mais evoluídos do desenvolvimento, não têm sentido algum.

O mundo do esquizofrênico, em particular, adquire um decisivo caráter animístico e sonhador que para ele invade os objetos. Por exemplo, um paranóico esquizofrênico diz, olhando com temor as portas que oscilam para frente e para trás: *A porta quer me devorar*. A emotividade, como se vê, tornou-se o fator determinante da organização do mundo circundante, como no caso de uma mente regredida. E isso vem no senso de que o mundo das coisas é carregado de uma intensa tonalidade emotiva, mas, mais do que isso, no sentido de que a emotividade modela verdadeiramente o mundo. Neste caso, as portas e

os seus movimentos são vividos diretamente sob a base das suas qualidades fisionômicas que lhe são atribuídas.

A particular confusão bizarra, que gradativamente atinge cada coisa como um centro de gravidade e como uma coação para a anormalidade, da qual tão frequentemente o paciente esquizofrênico se lamenta no início da doença, está em parte embasada na mudança de aspecto dos objetos, devido ao fato de que suas características animísticas e dinâmicas adquiriram um exclusivo significado. A propriedade das coisas cessa de ser completamente objetiva, geométrica e exterior. Essas adquirem uma profundidade muito maior e um significado interior. A regressão patológica coloca em evidência as raízes das expressões e leva a uma gradual substituição de um nível psicológico mais elevado para um mais regressivo.

O sujeito, neste nível, não consegue assumir sua tarefa perante a vida de forma independente e madura. Não reconhece o mundo de acordo com seu significado e com a estrutura e essência de cada coisa. Não há uma organização global definida, mas uma organização bastante vaga. Revela uma presença que não se impõe como elementos de ordenação do conceito, do emocional e do dinâmico-motivacional. Manifestam a impotência do sujeito diante do caos originário e da simbolização dos objetos.

1.2. O Processo Secundário

1.2.1. . Freud: o domínio do ego

Freud (1990) define outra região da mente, conhecida como ego, que, por ser adaptada à recepção e exclusão de estímulos, está em contato direto com o mundo externo, a realidade. Sua função psicológica consiste em

interpolando, entre a exigência feita por um instinto e a ação que a satisfaz, a atividade de pensamento que, após orientar-se no presente e avaliar experiências anteriores, se esforça, mediante ações experimentais, por calcular as conseqüências do curso de ação proposto. Dessa maneira, o ego chega a uma decisão sobre se a tentativa de obter satisfação deve ser levada a cabo ou adiada, ou se não será necessário que a exigência do instinto seja suprimida completamente por ser perigosa. Da mesma maneira que o id é voltado unicamente para a obtenção de prazer, o ego é governado por considerações de segurança e autopreservação que o id parece negligenciar. O ego, portanto, é uma estrutura organizada de funções psíquicas fundamentais para a adaptação.

Esse princípio não abandona a intenção de fundamentalmente obter prazer; não obstante, exige e efetua o adiamento da satisfação, o abandono de uma série de possibilidades de obtê-la, e a tolerância temporária do desprazer como uma etapa no longo e indireto caminho para o prazer. Ele tem o papel de dominar a excitação instintual, subordinando a gratificação pulsional, segundo as normas de adaptação à realidade.

Estes processos psíquicos ditos secundários tendem à identidade de pensamentos e palavras e fundam o pensamento e a conduta racionais, sendo necessária a exigência de um grande esforço para preservá-los de alterações devidas aos processos primários. Seria o momento evolutivo da idade adulta, que coincide com a adaptação às regras comuns da convivência. Neste nível de organização há o predomínio dos processos mentais lógicos, racionais e realísticos, o que garante uma certa eficiência da presença do ser para si e do ser com o outro. É o nível do indivíduo normal e produtivo na sociedade.

1.2.2. . Werner: a razão cartesiana do claro e distinto

É pertinente a esse processo o que Werner (1970) argumenta sobre o homem adulto *normal*. Para ele, o homem adulto, que já atingiu a

maturidade emocional e sobretudo conceitual, representa o mundo de forma diferente. Os conteúdos da consciência são claros e diferenciados, isto é, distinguem-se entre si pelas suas diferenças e semelhanças e cada um mantém a sua própria identidade apesar da unidade da consciência. Reconhece, também, a imagem e o conceito da coisa representada. Nesse caso, a subjetividade deixa intacta a objetividade - posição discreta e articulada na concepção de Petrelli (1989).

O sujeito, no domínio das operações psíquicas em questão, possui uma intencionalidade e uma inteligência que se volta ao mundo e o torna cognoscível e diferenciado. Ele mantém a estruturação e a harmonia das partes no todo, sobretudo, no fluir do tempo e das mudanças. O indivíduo está pronto para assumir o compromisso com as formas mais elevadas da vida humana. Aqui existe uma consciência que ordena e racionaliza. A cognição, considerada uma fonte segura de conhecimento, é enriquecida pelo conceito que permite uma melhor percepção da realidade. A emoção amplia os processos cognitivos. E a conação é enriquecida pela capacidade de escolha contra os aspectos mais impulsivos e lábeis do carácter, que se manifestam no reconhecimento e na aceitação da vontade do outro também.

É importante asseverar que, descrevendo o comportamento, Werner (1970) ao se ocupar das fases difusa, esquizóide e sincrética, se ocupa também com uma fase diferenciada e com uma articulada; não se trata apenas de fases progressivas, e sim de polaridades em que uma dimensão é um momento da psiquê, de sístole, e outro, é um momento de descanso, de relaxamento de diástole, a polaridade é uma unidade funcional dos extremos e não um antagonismo.

1.3. O Processo Terciário

1.3.1. . Freud: regressão compatível ao primário por conveniência do ego

Freud não trata de um processo terciário, mas refere-se a uma forma de funcionamento peculiar dos processos psíquicos primários e secundários na arte que se aproxima do que Arieti (1969) denominou de processos psíquicos superiores (processos terciários).

Podemos afirmar que, segundo Freud (1990), a arte se torna duplamente profilática, ou seja, previne o perigo do aumento dos conflitos como também previne a neurose própria do artista. Para ele a arte ocasiona uma reconciliação entre os dois princípios, de maneira peculiar. Um artista é originalmente um homem que se afasta da realidade, porque não pode concordar com a renúncia à satisfação instintual que ela a princípio exige, e que concede a seus desejos eróticos e ambiciosos completa liberdade na vida de fantasia. Todavia, encontra o caminho de volta deste mundo de fantasia para a realidade, fazendo uso de dons especiais que transformam suas fantasias em verdades de um novo tipo, que são valorizadas pelos homens como reflexos preciosos da realidade. Assim, de certa maneira, ele na verdade se torna o herói, o rei, o criador ou o favorito que desejava ser, sem seguir o longo caminho sinuoso de efetuar alterações reais no mundo externo.

O artista, como o neurótico, se afasta de uma realidade insatisfatória para o mundo da imaginação; mas, diferentemente do neurótico, sabe encontrar o caminho de volta daquela e mais uma vez consegue um firme apoio na realidade. Suas criações, obras de arte, são satisfações imaginárias de desejos inconscientes, da mesma forma que os sonhos; e, como estes, são da natureza de conciliações, visto que também são forçadas a evitar qualquer conflito aberto com as forças de repressão. Mas diferem dos produtos associativos, narcísicos do sonhar, à medida que são calculadas para despertar interesse compreensivo em outras pessoas, e são capazes de evocar e satisfazer os mesmos impulsos inconscientes repletos de desejos inerentes a elas.

O neurótico tem o conflito como uma divergência pessoal, o único auxílio que conhece é encontrado na tentativa de negar o conflito e remover a percepção da consciência. O neurótico quer, por assim dizer, digerir isto que é penoso, enquanto o artista o libera e expõe por meio de sua obra.

O artista representa suas fantasias mais pessoais plenas de desejo como realizadas; mas elas só se tornam obra de arte quando passaram por uma transformação que atenua o que nelas é ofensivo, oculta sua origem pessoal e, obedecendo às leis da beleza, seduz outras pessoas com uma gratificação prazerosa. A psicanálise não tem dificuldade em ressaltar, juntamente com a parte manifesta do prazer artístico, uma outra que é latente, embora muito mais poderosa, derivada das fontes ocultas da libertação instintiva. A conexão entre as impressões da infância do artista e a história de sua vida, por um lado, e suas obras como reações a essas impressões, por outro, constitui um dos temas mais atraentes de estudo analítico. (Freud, 1990, p. 183)

De uma forma geral, a Psicanálise sustenta que no ato criativo prevalece a ação do primário. Isso produz uma condição psíquica pela qual o princípio de realidade não pode suceder. A partir do momento da não existência de um ego para filtrar os conteúdos do inconsciente, o material que emerge é como um magma incandescente, livre, sem encontrar obstáculos, passando de representação em representação, de imagem em imagem. Por isso Freud (1990) se referia a energia livre em contraposição a energia ligada” que caracteriza o processo secundário.

1.3.2. . Arieti: a mente que integra

De uma certa maneira, Freud (1990) sustentava que a arte é a sublimação de um desejo frustrado, ligando-a, portanto, à psicopatologia. Mas para Maslow (1954, *apud* Carotenuto 1996), uma concepção que muito se assemelha à de Arieti (1969), a criatividade é uma pulsão superior, além da saúde e da satisfação de necessidades fundamentais, que constituem um pré-requisito para a sua realização.

Em sua dissertação, *Verso una Psicologia Dell' Essere*, Maslow (1954, *apud* Carotenudo 1996), define três tipos de criatividade:

- a) aquela em que há uma ausência de estereótipos, de modelos pré-determinados, que dão um olhar inocente, como é inocente o olhar da criança, ou seja, um olhar espontâneo, aberto à experiência. Caracteriza-se pela liberdade perceptiva, cognitiva e afetiva. Carotenudo (1996) comenta que, provavelmente, Maslow (1954) encontrou estas qualidades da personalidade infantil em mentes extremamente refinadas;
- b) aquela que se refere à capacidade de integração de opostos: à mesma medida em que há uma integração interior da personalidade, há também uma criatividade sintetizadora construtiva, unificadora e integrativa. Seria a capacidade de superar os dualismos e a dicotomia encontrando uma solução unitária. Podemos dizer que a psiquê humana funciona segundo categorias dicotômicas e que percebem o mundo operando em contínuas divisões. Isso é o resultado de uma consciência dominada pelo processo secundário, que ordena, racionaliza e, portanto, cinde. Porém, as pessoas que se auto-realizam são capazes de construir uma síntese, entre a razão e o instinto, entre egoísmo e altruísmo, entre prazeres e deveres, e assim por diante. Trata-se de uma verdadeira e própria elaboração dos opostos e do conflito, ou uma visão idealizada da psiquê que, como mágica, harmoniza todo o vivido em um jogo equilibrado de partes. Os desejos dessa pessoa estão em acordo com a razão. Seria a fórmula de Santo Agostinho '*Ama Dio e fa ciò che vuoi*'. Isso poderia ser interpretado, segundo Carotenudo (1996), como "seja íntegro e saudável e poderá confiar em teus impulsos";
- c) aquela que daria uma maior abertura da personalidade criativa ao processo primário. O oposto do que ocorre na cultura e na sociedade ocidental, onde esta dimensão psíquica vem reprimida e removida do sujeito sendo este educado segundo a modalidade de funcionamento do processo secundário.

Arieti (1969) chega a conclusões semelhantes às de Maslow (1954). Para ele, a essência desse processo está em uma combinação adaptativa, funcional e estética de esquemas arcaico do comportamento com esquemas secundários mais tardios e recentes. Seria a síntese perfeita dos

processos primários e secundários, ou seja, uma articulação integrativa desses dois níveis evolutivos. Uma nova combinação desses dois processos, com o objetivo de superar a simples finalidade adaptativa do processo secundário, se colocando como uma solução divergente e criativa e, ao mesmo tempo, superando os dualismos e a dicotomia, encontrando, dessa forma, uma solução unitária por meio de uma síntese.

Nesse nível o indivíduo se permite dissociar em várias dimensões para depois fazer novas associações dialéticas, estéticas e éticas. Estaria presente a capacidade de se abandonar ao imaginário, inocente, ao paradoxo, ao pré-lógico, em uma atitude de passividade. Mas uma passividade transitória, reversível e intencional. Nesse sentido, não se perde a análise da realidade, pois essa passividade não se estende a toda psiquê, não invalidando o processo secundário, ou seja, a atividade racional, como subentende-se na análise freudiana, dando origem à síntese terciária (Arieti, 1969, *apud* Petrelli, 1989)

Poderíamos afirmar que se trata de uma característica fundamental da natureza humana presente em todos, isto é, uma potencialidade dada ao nascer a todos os seres humanos. Mas a maioria dos homens a perde à medida que se insere na cultura.

Para melhor compreendermos o ponto de vista de Arieti (1969), que mais se aproxima de nossas convicções, descreveremos uma ilustração de Carotenudo (1996) ao sugerir que as pessoas fortes, expressivas, que estão em condições de transformar as coisas, têm capacidade de se abandonar ao espírito da criatividade sem ser destruídas, sem perderem o auto-controle. Da mesma maneira que Ulisses ouviu o canto da sereia, mesmo sabendo do perigo de ser aniquilado por ele. O herói se amarrou firmemente ao mastro de seu navio com a promessa de não ser desamarrado em hipótese alguma independente do que dissesse ou do que pudesse acontecer. Em seguida, obrigou os seus companheiros a taparem os ouvidos com cera e a prosseguir a viagem no mar sem voltar para trás. Isso se refere à possibilidade de viver e utilizar a experiência, à capacidade de realizar o impossível, de se permitir

vivenciar algo aparentemente absurdo, de visitar o processo primário sem ser subjugado e vencido por ele, sem perder a sua autonomia.

Desse modo, parece existir uma relação entre a sereia que pode matar e as cordas (imaginação criativa) que amarram a vida, da mesma forma como parece existir uma relação entre o sofrimento e a criatividade, entre os complexos e a imaginação criativa. A individualidade do homem é construída pelas relações que ele sustenta entre os processos primário e secundário. É em razão dessa relação e desta síntese que o homem pode ser livre.

Meditar, refletir sobre o absurdo significa, então, colocar-se nas proximidades do processo primário. O artista sabe se inserir neste processo espontaneamente: seria o mesmo que se permitir amarrar pelas mesmas cordas que prenderam Ulisses, propiciando-o escutar os cantos melódiosos e encantadores da sereia sem ser capturado. No processo terciário, a pessoa que sofre sente que existe uma ligação estável que lhe dá a força de escutar a sereia e, ao mesmo tempo, impedir a sua própria destruição pelo *canto* que pode enfeitiçar qualquer humano. Poder-se-ia inferir que esse raciocínio que Neumann (1956, *apud* Carotenudo, 1996) afirma sobre o “eu aberto”, como característica peculiar do homem criativo, significando, essencialmente, o eu receptivo, elástico. Dessa forma, a abertura do eu se configura como uma capacidade de ser movido e aprisionado pela experiência sem ser prejudicado, ou seja, com vigilância e aceitação da própria inferioridade.

Nesse sentido, os processos terciários, como postula Arieti (1969), estariam ligados às pessoas que desafiam o domínio e o campo, que colocam à prova a ortodoxia, que buscam ir além do que veio antes, que chegam a uma solução que constitui um domínio novo, mais abrangente, revelando um *insight* de amplo significado humano e comportamento inovativo. Como exemplo temos os artistas, e escritores e grandes líderes.

CAPÍTULO II

FENOMENOLOGIA DOS PROCESSOS PRIMÁRIO, SECUNDÁRIO E TERCIÁRIO NO PSICODIAGNÓSTICO DE HERMANN RORSCHACH

Mayman (1967) em seus estudos tenta explorar algumas implicações da hipótese de que podem ser apreendidas a composição do mundo interno e a qualidade dos relacionamentos com os objetos mediante as condições não estruturadas inerentes ao psicodiagnóstico de Hermann Rorschach.

Quando um indivíduo é solicitado a dispendir uma hora deixando-se imergir em um campo de impressões onde o caráter amorfo prevalece, e onde formas estranhas ou mesmo bizarras podem aparecer, ele irá colocar em movimento um processo reparatório, cujo objetivo é substituir a falta de formas por reminiscência do mundo real palpável. Ele se prepara para chamar de volta, recapturar, reconstituir seu mundo tal qual ele o conhece, com pessoas, animais e coisas que se adequam o mais naturalmente possível às expectativas arraigadas, em torno das quais ele aprendeu a estruturar seu mundo fenomenológico (Mayman, 1967, p. 17).

Poucos autores se referem à fenomenologia dos processos primários, secundários e terciários no Rorschach - com exceção de Holt (1981) que distinguiu os processos primários e secundários no teste, Cechin (1985) e Petrelli (1989), mas todos perceberam uma dimensão evolutiva das respostas nos protocolos, tanto no que diz respeito às abrangências quanto aos determinantes, dentre eles Hertz (1951), Klopfer (1954), Piotrowski (1957), Loosli-Usteri (1962), Beizmann (1968), Augras (1969), Jacquemin (1977), Bohm (1979), Exner (1993, 1994), Petrelli (1989) e Vaz (1997).

Hermann Rorschach (1973), em 1921, reconheceu as diferenças nas estruturas evolutivas e sugeriu que alguns sujeitos demonstram processos complexos ao darem suas respostas, enquanto outros produzem processos perceptivos de um modo muito mais simples ou mais concreto. Os vários autores que se interessaram pelo progresso do teste descreveram estas diversidades em termos de processos cognitivos, atribuindo nomes e níveis

como respostas simples, complexas, organizadas, desorganizadas, combinatórias e superiores.

Uma resposta desorganizada é aquela em que o sujeito percebe o estímulo do teste, uma mancha de tinta, sem especificação de formas. Respostas tais como fumaça e sangue são exemplos de uma utilização indiferenciada, simplista e pouco comprometida com o campo estimular. Elas podem adotar uma grande variedade de contornos. Uma resposta simples, porém organizada, define a mancha como um objeto singular, com uma maior especificidade, como por exemplo um morcego ou uma pessoa. Neste contexto, a atividade cognitiva expõe, com maior precisão, o contorno do estímulo. Já uma resposta combinatória superior requer uma elaboração cognitiva mais elevada das partes que constituem o estímulo, a exemplo tem-se a percepção de dois lutadores de sumô se cumprimentando antes de iniciar a luta (prancha II), e duas mulheres preparando o jantar (prancha III).

Dworetzki (1939, *apud* Exner, 1994) se encontra entre os primeiros estudiosos que reconheceram a capacidade potencial do Rorschach para diferenciar níveis mentais de complexidade e flexibilidade. Esta autora estudou os níveis de complexidade na escolha das localizações que as crianças apresentavam em idades diferentes. Baseou as suas análises nos postulados de Rorschach (1921), Piaget (1924) e Beck (1933). Observou que, com o aumento da idade, as crianças apresentavam uma maior integração e articulação nas abrangências, e sugeriu a possibilidade de estudar o desenvolvimento cognitivo mediante as diferenciações dos vários tipos de localizações.

Rappaport e colaboradores (1946) perceberam esta mesma possibilidade potencial, a partir da qual desenvolveram um sistema para diferenciar experimentalmente os diversos tipos de respostas. Friedman (1953, *apud* Santos, 1996) foi quem idealizou o método mais elaborado para distinguir as especificações das localizações das estruturas no Rorschach, baseando o seu estudo na teoria do desenvolvimento evolutivo de Werner (*apud* Friedman, 1953). Os resultados encontrados por Friedman são similares, porém de alcance muito maior do que os de Rappaport (1946).

Beizmann (1968), na França, seguindo mais ou menos esta mesma linha de raciocínio, dedicou-se ao estudo da psicologia infantil abordando-a mediante o teste de Rorschach. Pesquisou, mais especificamente, os diferentes níveis de estruturação da personalidade segundo o modo dominante de apreensão.

O nível mais elementar seria o sincrético. Neste momento, por volta dos quatro anos, as respostas obtidas manifestam a indiferenciação perceptiva e verbal da criança. Nota-se a presença constante de globalizações confusas e absurdas como as percepções de uma cama e uma cortina na prancha I. Existem, também, muitas qualificações enunciadas ligadas às relações espaciais: longe de, perto, em cima, sobre, com, testemunhando a necessidade fundamental de se situar em relação ao espaço, característica dessa idade.

O nível analítico primitivo surge, de acordo com os estudos de Beizmann (1968), depois dos quatro anos, quando começam a aparecer as respostas de pequeno detalhe (Dd) que a criança encadeia em extensas enumerações, sendo incapaz de definir um conjunto. O tipo sincrético de resposta persiste até, aproximadamente, oito anos. Beizmann (1968) percebeu, também, que estas características subsistem nos surdos-mudos, nos neuróticos e nos débeis mentais. Nestes prevalecem as globalizações confusas e ilógicas, porém, combinatórias por justaposição (DG- ou DdG-), como na percepção de duas cabras em seu sofá vermelho na prancha II.

Mais tardiamente, surgem os níveis analítico superior e sintético. O nível analítico superior caracteriza-se por apreensões únicas e precisas em G+, D+ e Dd+ como a percepção de uma máscara na prancha I (GF+A) ou de um cavalo marinho na X (DF+A). O nível sintético, por sua vez, se desvela em respostas globais bilaterais e combinatórias (DG+), como a percepção de duas senhoras se aquecendo junto ao fogo (prancha III), ou, ainda, dois pássaros arrebatando uma presa na prancha I.

Esta qualidade evolutiva dos processos mentais é observada não somente pela maior ou menor descrição de detalhes ou pela percepção de partes que compõem o todo, ou partes distintas, ou, ainda, um todo

indiferenciado. É examinado, também, pelo ajuste da resposta ao contorno da mancha; pelos conteúdos que exprimem os limites e permeabilidade do ego; pelas cinestésias, movimentos, projetadas sobre o estímulo, podendo indicar os diversos graus de integração das necessidades, que motivam a conduta, à personalidade. Além desses dados, a vasta literatura sobre o Rorschach sustenta, ainda, que a maneira como as cores cromáticas ou acromáticas são incorporadas às manchas desvelam maior ou menor nível de elaboração evolutiva das emoções no sujeito.

Blatt e colaboradores (1976, *apud* Santos, 1996) propuseram um modelo de avaliação sistemática das relações objetais por meio do Rorschach, baseado nos critérios evolutivos de Piaget (1937) e Werner (1957), em que se aplicava ao protocolo uma escala composta por diferentes dimensões da resposta humana, de acordo com as seguintes características estruturais:

- a) diferenciação (dimensão estrutural): as figuras humanas inteiras - H - são consideradas mais evoluídas, do ponto de vista desenvolvimental, do que as figuras pára-humanas inteiras - (H); estas, por sua vez, têm um nível evolutivo maior do que as respostas de detalhes humanos - Hd, que também são de qualidade superior às respostas de detalhes pára-humanos - (Hd) , logo, $H > (H) > Hd > (Hd)$;
- b) acuracidade (índice do teste de realidade): cada resposta é avaliada como perceptualmente acurada ou não, dependendo da conformidade com a configuração do estímulo;
- c) articulação: avaliam-se as características perceptivas, como postura, tamanho e vestimenta, e as características funcionais da figura apresentada, como sexo, idade e papel atribuído ou identidade;
- d) integração (dimensão temática): a resposta é avaliada de acordo com a natureza da integração entre objeto e sua atividade, como a maneira pela qual a resposta é integrada, no contexto da ação, com outros perceptos: se ela é ativa ou passiva, se a ação representada é intencional ou involuntária.

Estes estudos dos procedimentos destinados a avaliar a representação de figuras humanas mediante o Rorschach, em termos do seu grau de diferenciação, articulação e integração prosseguiram, na década de 70

e 80, em uma linha evolutiva que parece confirmar seu valor na investigação clínica, proporcionando uma contribuição empírica à investigação de diversas psicopatologias.

Holt (1981) tentou operacionalizar os conceitos de processos primários e secundários diferenciando várias categorias de distúrbio do raciocínio no Rorschach mediante alguns aspectos: os conteúdos das respostas; as suas avaliações formais; os diferentes níveis de controle e defesa e, também, as avaliações gerais das respostas. Para isso, o autor recorreu à teoria freudiana do trabalho do sonho e aos mecanismos nela mobilizados (condensação, deslocamento e simbolização), aspectos que não abordaremos no presente estudo.

Em relação ao conteúdo, Holt (1981) destacou o processo primário do secundário a partir de respostas que desvelam imagens libídicas ou agressivas, que apontam tendências que visam a uma forma mais ou menos apropriada de satisfação do desejo. Por assim dizer, este autor divide estes dois grupos de respostas, libídicas e agressivas, seguindo a teoria dualista freudiana das pulsões, em dois grandes segmentos, indicados como nível 1 (n1) e nível 2 (n2) em relação a uma maior ou menor aproximação do processo primário. Estes níveis são definidos a partir de uma série de critérios. Entre eles um considera a dimensão primitivo-civilizada: quanto mais a resposta que traduz o desejo se apresenta distante e sob vias socialmente aceitáveis dos modos normais de comunicação, tanto mais ela é reconhecida como expressão do secundário, siglando, dessa forma, como n2. Um exemplo seria: dois garçons trabalhando em uma festa. Por outro lado, quanto mais o desejo se manifesta direto, intenso e evidente, mais a resposta se aproxima dos processos primários e é siglada como n1 – exemplo: uma fêmia deitada de costas com as pernas abertas.

Um segundo critério considera o grau em que a resposta está centrada sobre o corpo e sobre as zonas erógenas ou sobre o órgão diretamente interessado. Em geral, as percepções de órgãos, libidicamente significativos, vistos de forma isolada são siglados como n1, ao passo que são siglados como n2 quando o órgão é indicado entre outras partes do corpo. Isso

pode ser melhor exemplificado nas seguintes respostas: isso é a parte posterior de uma pessoa, o anus (n1); são duas mulheres, aqui estão os seios delas, a cabeça e as pernas (n2).

Em relação às avaliações formais das respostas o autor fez uma tentativa de medir o desvio do pensamento logicamente ordenado e fundamentado na experiência de realidade (o que caracteriza o processo secundário). Como exemplo de respostas de qualidade formal n1 teríamos as contaminadas e confabuladas, de n2 as respostas que combinam aspectos compondo imagens que existem no cotidiano, na mitologia, na arte e no folclore, ou as respostas que fundem conteúdos em figuras, explicitamente, pomposas e retóricas, como nos seguintes exemplos: são gêmeas siamesas; este é Ícaro; as manchas sobre as asas da borboleta são transparentes como se fossem de cristal.

Quanto aos níveis de controle e defesa, que requerem uma certa experiência de juízo clínico, as respostas podem vir associadas a um sinal positivo (+) ou negativo (-) – positivo quando a resposta se torna mais aceitável socialmente a partir do uso de qualquer tipo de controle, e negativo quando a resposta indica que a tentativa de defesa tornou-a menos aceitável – como nos dois casos exemplificados abaixo:

- a) quando o distanciamento no tempo permite um controle adaptativo como por exemplo na resposta da prancha II: um duelo entre dois cavaleiros ou na resposta: são dois torturadores da época da inquisição;
- b) sempre que ocorre uma autocrítica, ou seja, quando o sujeito critica a si mesmo de maneira inapropriada, após uma resposta dada, denuncia, por assim dizer, uma defesa mal adaptada: devo ser um demente ou um louco por estar vendo estas coisas; por favor, me desculpe, estou entediado, cansado, hoje.

Nas avaliações gerais da resposta, Holt (1981) propõe o levantamento do nível formal ou de acuracidade perceptiva da resposta (forma nítida (F+), forma banal (Fo), forma plausível (Fw+) e outras), a avaliação do grau de eficiência das funções sintéticas (combinação e integração), bem como a avaliação da necessidade e da eficiência da defesa, agregando pontuações

(+2, +1,5, +1, 0, -1, -2) às respostas que têm como objetivos, dentre outros, o de facilitar o reconhecimento dos processos primários e secundários em qualquer protocolo e o de identificar regressões adaptativas, a serviço do ego, e regressões patológicas.

Podemos asseverar, com base nos autores citados, que as fenomenologias dos processos primários, secundários e terciários no Rorschach, já apresentadas por Petrelli (1989) e, de certa forma, descritas sob perspectivas diferentes por outros autores, são dados inerentes a este psicodiagnóstico que revelam componentes estruturais-temáticos organizados dentro da perspectiva evolutiva teórica já apresentada no presente estudo.

O Rorschach, ao nosso ver, é um instrumento aberto e inesgotável em suas possibilidades no campo da investigação da personalidade, e o nosso objetivo é compreender, por intermédio do ato perceptivo, as estruturas constitutivas da experiência humana em um contínuo evolutivo. Neste sentido, as estruturas dos processos evolutivos colhidas mediante os atos perceptivos não significam apenas níveis de funcionamento e maturação filo e ontogenético, mas também configurações da presença, modos habituais ou emergenciais de reagir aos eventos.

No ser humano normal, estas estruturas primárias, secundárias e terciárias não são estáticas e rígidas, elas são estáveis, mas com uma certa flexibilidade. Há uma convivência harmônica e adaptativa entre os processos. Na realidade, estas podem conviver simultaneamente manifestando informações sobre estratégias que se combinam, potencializando a capacidade de solucionar problemas e de se adaptar às novas situações.

2.1. Fenomenologia dos Processos Primários no Rorschach

Petrelli (1989) propõe a distinção, em Rorschach, de um processo primário patológico por fixação e regressão e um processo primário simplesmente primário indicativo de estruturas potencialmente

abertas. O processo primário primário, neste sentido, longe de conotações negativas, manifesta uma região de potenciais energéticos psíquicos característicos em crianças e constituídos por impulsos, dinamismos, operações pré-lógicas, pré-éticas. A presença deste processo primário primário (estruturas F, CF, ClobF, (C)F, kan em +- e -+) não deveria prejudicar o diagnóstico do sujeito; ao contrário, coexistindo com formações secundárias garantidas por D ou GF+A, representam núcleos dinâmicos que evoluirão nos processos terciários. Defendemos em Rorschach um processo primário absolutamente livre de patologia; o problema se dá na hora da codificação e da atribuição de valores quantitativos.

Em sua tese, Petrelli (1989) argumenta que o destino do processo primário, depois da infância, pode seguir alguns dos seguintes caminhos:

- a) continua predominante e perdura após os limites concedidos pelas normas sociais, orientando para um diagnóstico de imaturidade, fixação, regressão e desestruturação, como já foi dito acima; situação que se verifica nos defeitos orgânicos, com os mais variados quadros de patologia do pensamento, da afetividade e da ação, incluindo casos de carência nas intervenções educativas;
- b) é suprimido totalmente, ou seja, é removido do comportamento, dando lugar a uma maturidade adulta um pouco empobrecida de imaginação;
- c) permanece com os seus esquemas e processos em alguns setores do comportamento consciente, ou se apresenta periodicamente com invasões ou regressões com duração variável, resistindo à censura e aos controles do ego. O processo primário se desloca de um momento de atividade a um momento de latência, interferindo nos processos cognitivos, nas respostas da afetividade e da conação, comum em pessoas normais momentaneamente *distraídas* ou cansadas ou, ainda, submetidas a situações estressantes, sob tensões que bloqueiam temporariamente os aspectos racionais, emocionais e dinâmicos do comportamento;

d) o processo primário vai além dos limites evolutivos e se articula, integrando-se às manifestações do processo secundário e dando origem a um outro tipo de conduta que podemos chamar de originais - *ad litteram* enquanto vêm das origens da psiquê. Arieti (1969) define tal conduta com o termo de processos terciários, típicos de pessoas que desafiam o domínio e o campo, que colocam à prova a ortodoxia, que buscam ir além do que veio antes, que chegam a uma solução que constitui um âmbito novo, mais abrangente, revelando um profundo *insight* e um comportamento inovativo; como exemplo temos os artistas, escritores e grandes líderes.

Dependendo da idade do sujeito que apresenta, esta estrutura refere-se à estruturas próprias de uma experiência em expansão e evolução, de amadurecimento contínuo e progressivo: de processos de crescimento e potencialidades. É o caso das crianças pequenas que se encontram na fase sincrética da comunicação em que ainda lhes falta a capacidade de organizar a experiência de forma diferenciada e articulada - isto é o que chamamos de processo primário primário ou primário ingênuo. Ou fala-se em estruturas de fixação e de regressão, como é o caso dos pacientes afetados por uma esquizofrênia avançada, em que a imaturidade representa um defeito estrutural funcional.

É oportuno, neste momento, reiterar que as vivências do adulto que regride às fases primitivas - processo evolutivo primário patológico - são diferentes daquelas da criança, pois trazem as marcas do que se denomina de falência do adulto. Assim como, da mesma forma, as vivências dos estágios superiores carregam em si os vestígios dos inferiores. Viver num mundo sincrético e difuso é normal para a criança - processo evolutivo primário ingênuo. Imaginemos, porém, que este processo não é o mesmo que ocorre com um indivíduo que já experimentou e incorporou as vivências próprias do adulto, regredindo e perdendo a articulação com o mundo e não conseguindo mais diferenciar a realidade externa - pessoas, coisas e fatos - da realidade interna.

2.1.1. Fenomenologia do processo primário ingênuo.

Seriam, por exemplo, as estruturas G,D, Dbl e, F+-, F-+, kan+-, kan-+, CF+-, (C)F+-, ClobF+-, conteúdos humanos, animais, de arte, natureza e botânica. Estas estruturas estariam relacionadas às operações psíquicas em evolução, às estruturas potenciais em crescimento, ao olhar inocente, espontâneo e aberto às experiências.

O ato perceptivo do processo primário ingênuo é caracterizado pela liberdade perceptiva, pela ausência de estereótipos e modelos pré-determinados. Como exemplo temos as crianças que projetam suas experiências do mundo vivido de forma lúdica e inocente que, como já mencionamos, é bem diferente das vivências do adulto que regride às estruturas mais primitivas, uma vez que a imaturidade seja ela emocional-afetiva, racional-cognitiva ou motivacional-dinâmica é normal em uma dimensão evolutiva do desenvolvimento infantil.

Klopfer (1954), Piotrowski (1957), Loosli-Usteri (1962), Jacquemin (1977), Adrados (1991) e Passalacqua e colaboradores (1992) consideram o predomínio de cinestésias menores (kan, kob e kp) e das estruturas afetivo-emocionais de maior intensidade (CF e C) como modos de reações próprios da pequena infância. São estruturas que exprimem a busca de uma satisfação imediata dos desejos e espontaneidade de expressão. Apontam nelas o domínio do princípio do prazer sobre o princípio de realidade.

Nas cinestésias menores, a criança dá vida aos objetos e se identifica facilmente aos animais, projetando neles seus sentimentos com toda a naturalidade que lhe é peculiar. Nas estruturas afetivo-emocionais mais intensas, a criança demonstra a sua instabilidade, sugestibilidade, labilidade e impulsividade. O valor subjetivo da cor é empregado segundo suas necessidades de expressão afetiva e não por um acordo com a realidade externa. Podemos, então, inferir que isso dá às pinturas infantis uma nota incrivelmente artística, já que o assunto representado e sua cor estão intimamente ligados, como ocorre com o artista.

Porém, o adulto normal maduro também pode usufruir da fluidez destas estruturas potenciais abertas para produções criativas, sem se sentir ameaçado por seus impulsos e emoções, pois já tem garantidas as estruturas intelectuais, afetivas e motivacionais adaptativas do processo secundário. Isto seria o que Holt (1981) denomina de uma regressão adaptativa a serviço do ego.

A exemplo desse processo primário ingênuo têm-se as percepções de crianças e adultos normais nos protocolos Rorschach aplicados e analisados para o presente estudo:

Figura 2.1.1.a Protocolos Rorschach de crianças de 2 a 3 anos

- (prancha IV – G) Bicho bonzinho.
- (prancha II – D2) É o parabéns no berçário! É o parabéns no berçário! (bate palmas e sopra velhinha)
- (prancha VII – Dbl13) Tem uma maçã, é bem aqui.
- (prancha IX – D2+D1) É árvore, pintou tudo de verde, essa cor é verde.
- (prancha IX – G) É um abajur gigante.

Fonte: Aplicação do Psicodiagnóstico Rorschach em crianças – 1999.

Figura 2.1.1.b Protocolos Rorschach de adultos normais

- (prancha IX – DGDbI) Lagoa cristalina protegida por uma formação rochosa, árvores e fogo.
- (prancha X – DG) Um tecido pintado a mão.

Fonte: Aplicação do Psicodiagnóstico Rorschach em adultos – 1999.

2.1.2. Fenomenologia do processo primário patológico

As estruturas no Rorschach representativas da experiência primária patológica são: G, DG, DGDbl, D, DDbI, Dd, DdDbI, Do em F-, kob, kp, C, (C), Clob, em conteúdos deteriorados, desvitalizados, disfóricos, macabros, mórbidos, demoníacos e grotescos. Além das respostas confabuladas e contaminadas são, também, comuns as estereotípias e perseverações que Portuondo (1972), Chabert (1993) e Vaz (1997) sublinham como expressivas da distorção da realidade, da dissociação do pensamento, do deterioramento e da desorganização da personalidade.

Aqui poderíamos enquadrar, de acordo com Santos (1996), os protocolos Rorschach que expressam uma imagem corporal comprometida em sua integridade, acompanhada de perda da identidade. As respostas nestes protocolos evocam nitidamente a desintegração e fragmentação. Remetem a uma imagem de corpo estilhaçada e dispersa. A angústia pode ser muito intensa ou, então, completamente negada. As relações como tais não mais existem, mas apenas a projeção de fantasias destrutivas, violentas e evanescentes. Os afetos ou são maciços, ou suprimidos, porém, independentemente da forma como eles se manifestam, aparece o sofrimento ligado à forma como o corpo é vivido. Assim, o sujeito acaba recorrendo às referências perceptivas arbitrárias, ou elas simplesmente inexistem, à medida que ele já não percebe mais como destacado de seu contexto.

Desse modo, as estruturas emocionais denunciam uma confusão de sentimentos, descargas afetivas intensas sem o menor controle das condutas impulsivas e agressivas ($C+CF > FC$ onde FC, quase sempre, é igual a zero), bem como indícios de que a ansiedade, a angústia e a depressão invadem o indivíduo em função de seu precário domínio das funções racionais ($Clob+ClobF > FClob$). Ele pode ser engolfado pelo afeto, sendo incapaz de diferenciá-lo e integrá-lo devido a uma falha não só estrutural como também dinâmica de sua personalidade. Ou pode, em um outro extremo, se retirar do mundo real, paralisando-se e apagando em suas expressões afetivas (Portuondo, 1972).

O aspecto formal das respostas é arbitrário e aberrante (F-), indicando pobreza dos processos associativos, distanciamento e incapacidade de percepção coerente e objetiva do mundo externo. As cinestésias maiores (K) são praticamente ausentes, indicando a falta de integração com as pessoas (Vaz, 1997). As cinestésias menores são frequentemente inadequadas (kobF- ou kob, kp, kan-), o que aponta para uma capacidade pobre de elaborar a agressividade e fracasso nos relacionamentos com o mundo objetal (Portuondo, 1972). E no que concerne aos conteúdos são comuns: as respostas anatômicas; a insistência no eixo de simetria como referência corporal, em sua verticalidade e constância; as respostas que simbolizam o corpo; e as sequências de respostas que podem oscilar do nível objetal bem percebido ao próprio corpo como o exemplo na prancha V: uma borboleta, não, uma coluna vertebral. Neste último caso, a adesão momentânea ao objeto banal não é mantida. Tudo isso exprime o desinteresse pelo mundo exterior e o centramento sobre si e sobre o próprio corpo, onde esse vai-e-vem entre o indivíduo e o mundo externo indica uma tentativa penosa de restaurar a sua integridade psico-física (Santos, 1996).

É pertinente, ainda, descrever outras características deste processo no Rorschach que Chabert (1993) levantou. Para a autora, a descontinuidade, a falta de focalização, as disjunções do discurso expressam a falta de conexões lógico-causais, a ausência de cadeias associativas e o predomínio de um pensamento disruptivo, já que a sua função básica seria estabelecer vínculos, unir as coisas. Essas características, em seu conjunto, permitem concluir que o pensamento esquizofrênico não é nem verdadeiramente livre, nem tampouco pode ser visto como vinculado. A particularidade mais marcante dos protocolos dos pacientes psicóticos é, justamente, revelar o quanto as características dos processos de pensamento coincidem com as características que definem as representações de si. Não é por outra razão que os índices de angústia de fragmentação e despedaçamento são considerados, pela totalidade dos autores, como patognomônicos da esquizofrenia.

Todas essas estruturas perceptivas, ao nosso ver, denunciam uma perda do poder penetrativo na realidade, de perda *total* do controle da situação, bem como de abandono aos impulsos agressivos e mórbidos. Denotam articulações incompatíveis. Acusam pensamentos contraditórios, ilógicos e alucinatórios, combinando e associando idéias ou imagens de maneira arbitrária. No Rorschach, os sujeitos que apresentam as estruturas acima citadas negligenciam as considerações temporárias e espaciais, bem como passam de um argumento para o outro de maneira insensata.

Estas manifestações devem ser postas, de acordo com Petrelli (1989), na ordem de uma desestruturação orgânico-psíquico-existencial. Estariam relacionadas aos comportamentos impulsivos e regressivos, ao deterioramento da experiência, à fragilidade das estruturas cognitivas que comprometem o exame real, ao diagnóstico de imaturidade, fixação e desestruturação, à carência de intencionalidade e à pobreza categorial. Tudo isso implicaria, por assim dizer, em comprometimento nas relações interpessoais, falta de imaginação criadora, nível intelectual medíocre e atitude superficial. Nestes casos há sempre uma reserva prognóstica de uma identidade patologicamente desadaptada.

Neste processo ocorre uma quebra da sintonia, da harmonia, da estética, da funcionalidade e do equilíbrio; não se trata apenas de um pré-lógico, mas, sim, de um não lógico absurdo que ofende o senso comum, a convivência. As operações, de uma forma geral, encontram-se em uma perspectiva de perda e regressão em nível de uma psiquê desorganizada e confusa, como se dá nos transtornos psicóticos e nas demências. O indivíduo, nesse nível, não tem condições de assumir a sua tarefa perante a vida de forma independente.

Abaixo temos algumas respostas elucidativas da experiência primária patológica retiradas de protocolos, por nós aplicados e analisados, de sujeitos com diagnóstico psiquiátrico de esquizofrenia:

Figura 2.1.2. Protocolos Rorschach de esquizofrênicos

(prancha VIII – D1)	É o corpo do meu filho. Corpo recuperado do derrame cerebral, graças a Deus. É o meu corpo. Tomo remédio de cabeça. Não gosto da minha família, de nenhum, ele tá bom.
(prancha III – G)	É um seraguiano. Não sei o que é, tá transmitindo bactérias nos rins.
(prancha V – G)	É um coração. Esse coração invade qualquer coisa, quem for bem para ele é bem, quem não é não é, é o meu coração.
(prancha IV – G)	Ichii! Eu vejo aqui a figura de um corpo todo cortado, repicado, esquisito o trem na cabeça. A gente vai olhando assim e vai vendo os sapatos de salto.
(prancha I – G)	Sujeira voando pra tudo quanto é lado e atrapalhando as vistas.

Fonte: Aplicação do Psicodiagnóstico Rorschach em esquizofrênicos – 1999

Concordamos com Donnet e Green (1973, *apud* Chabert, 1993) quando afirmam que nas psicoses os processos primários não se desvelam. Eles estão tão deteriorados quanto os processos secundários. Podemos asseverar que psicopatologia tem a ver com processos primários corrompidos que tentam desesperadamente operar a reconstrução delirante como tentativa de cura.

2.2. Fenomenologia do Processo Secundário no Rorschach

São as estruturas que exprimem uma consciência que ordena e administra racionalmente. Segundo Werner (1970) seriam as estruturas que marcam o desenvolvimento de um estágio difuso do psiquismo para um estágio de operações diferenciadas e selecionadas. Trata-se de um nível onde existe

um trabalho de conceitualização, uma atitude intelectual ativa e uma adaptação ao real. Há o predomínio dos processos lógicos racionais e da capacidade de adaptação às regras de convivência com o grupo, as normas do senso comum. Há também uma boa capacidade de discriminação, de atenção e um pensamento coerente

As estruturas no Rorschach representativas dessas experiências são: G, DG, D, Dbl, Dd em F+, K, kan+, F(C), FC, FClob, em conteúdos estéticos e funcionais em contextos claros e distintos. O aspecto formal das respostas é unívoco, comum e de fácil visualização (F+). Aqui os fatores cognitivos, afetivos e motivacionais são canalizados por vias socialmente aceitáveis. O ato perceptivo manifesta não apenas o exercício de uma inteligência categorial-dedutiva (GF+), que garante visões e decisões imediatas e coerentes no comportamento do dia a dia, como também uma inteligência analítico-indutiva (DF+), que libera o indivíduo para prosseguir na sua investigação e adaptação aos aspectos práticos da realidade externa. Em relação as cinestésias, as estruturas exprimem a capacidade de discriminar e resolver racionalmente as situações que provocam conflitos intrapsíquicos (Fkob) e, não raro, se percebe a presença da intencionalidade do sujeito, o *elan* vital, o dinamismo empreendedor, o dinamismo disponível para um projeto de vida, ou seja, determinações volitivas (K). Aqui a subjetividade deixa intacta a objetividade.

Poderíamos sustentar, neste nível evolutivo, que os protocolos Rorschach de adultos evocam um funcionamento normativo. Eles podem evidenciar alguns movimentos regressivos e pontos de fixação patológicos. Contudo, se tratam de pessoas que, de acordo com Petrelli (1989), conseguiram superar a fase da infância e não estão acometidos por quadros psicopatológicos graves. Embora elas possam apresentar estruturas perceptivas que revelam espontaneidade, espírito lúdico, potencialidade de atuação e possibilidade de crescimento (kan+ e CF+-), e estruturas que denunciam sentimentos de ansiedade e angústia, estas são, quase sempre, integradas aos processos cognitivos e, ao mesmo tempo, compativelmente administradas, sem se deixarem invadir por essas emoções (FClob e F(C)).

Apresentaremos agora alguns exemplos de respostas de sujeitos adultos, retiradas dos protocolos Rorschach utilizados no presente estudo, que elucidam as características inerentes ao processo secundário:

Figura 2.2. Protocolos Rorschach de adultos normais

(prancha III – G)	Duas pessoas de frente, uma olhando para a outra.
(prancha X – D5)	Um cavalo marinho
(prancha I – G)	Me lembra um pássaro voando
(prancha VI – G)	Parece pele curtida, pele de animal aberta no chão.
(prancha IV – G)	Parece um gorila de frente, dá a impressão de ser peludo e grande.

Fonte: Aplicação do Psicodiagnóstico Rorschach em adultos – 1999.

2.3. Fenomenologia do Processo Terciário no Rorschach

São processos psíquicos superiores, elaborações cuja complexidade, porém, pode confundir um psicólogo não preparado. Porque, de fato, é próprio da natureza dos processos psíquicos superiores apresentar mecanismos residuais de processo primário, mas que são diferenciados dos processos primários psicóticos.

Petrelli (1989) chamou a atenção para as características inerentes aos atos perceptivos em nível de processos terciários e de uma personalidade madura na excelência da sua evolução psíquica social:

- a) a mais representativa característica é a dimensão estética. Entendemos por estética o equilíbrio, a proporção, a distribuição harmônica das

partes, concorrendo para a construção de inteiros e de conjuntos de uma forma compatível com a realidade e com o senso comum;

- b) uma segunda característica é a criatividade que, por sua vez, é saturada pela originalidade. Ser original nada tem a ver com raridade estatística, extravagância ou excentricidade. Menos ainda com construções aberrantes, grotescas e incompatíveis com a lógica e a ordem. A originalidade está relacionada à capacidade de voltar às origens, conservando e integrando estruturas e esquemas operativos da infância a construções mentais e comportamentais da idade adulta. São atividades altamente conjuntivas, tanto em relação à organização do tempo quanto em relação à organização do espaço, bem como de síntese na ordem da imaginação e da lógica, do desejo e da realidade, do que já foi, do que é hoje e do que pode vir a ser amanhã. Essa forma de originalidade deve ser diferenciada de uma originalidade negativa, a qual se aproxima de produções sincréticas e aberrantes, que produzem no observador um sentimento de mal estar e perplexidade frente a um juízo de valor. O problema se dá quando o observador carece desta dimensão estética e não consegue captar estas estruturas. Neste caso, sobram apenas os critérios estatísticos comparativos sem a compreensão intuitiva.

Nestas estruturas é possível identificar uma síntese perfeita dos processos secundário e primário primário (primário ingênuo), nos quais ocorre uma reelaboração lógica desse primário reintegrando-o ao secundário. Revelam atividades altamente integrativas de uma personalidade equilibrada o suficiente para não se sentir ameaçada ao relaxar-se, abandonando-se de maneira controlada e reversível à modalidade de funcionamento secundário, utilizando para fins produtivos e criativos, a liberdade e a fluidez do primário primário. O processo terciário, segundo Petrelli (1989), inicia no ato da percepção, ocupa os processos cognitivos ideativos, investe nas emoções e nas motivações, estendendo-se a comportamentos complexos inovativos e revolucionários.

Atribuiremos-lhe, neste estudo, uma fórmula ideal como parâmetro de referência e de comparação: DGDBI K FC H Nat Obj / original+, em que:

- a) DGDBI é indicativa de operações perceptivas integrativas de partes articulando-se entre figura e fundo e ocupando, por uma presença ativa da mente, toda uma extensão do campo – tudo é observado, tudo é relacionado, concorrendo à construção de um todo sistêmico;
- b) KFC se refere a operações psíquicas, cuja função intelectual (há sempre uma F+, forma bem vista, na produção de um movimento humano ativo – extensivo) orienta e ilumina energias psíquicas do *elan vital*, suscitadas por uma profunda sintonia (ressonância interior) do eu com o mundo que é a própria afetividade da pessoa; as percepções de cor integradas com formas bem vistas (FC) são indicativas desta afetividade;
- c) H – conteúdo humano, Nat – natureza, Obj – resposta de conteúdo objeto;
- d) original+ qualifica como criativa a composição estrutural temática do ato perceptivo.

Essa preocupação em destacar a performance de mentes mais refinadas, no psicodiagnóstico Rorschach, pode ser remontada ao próprio idealizador da técnica, Hermann Rorschach (1973), que em 1921 levantou, como inerente às pessoas dotadas de imaginação, as seguintes características:

Intensa capacidade de vivência, introversão pronunciada e ao lado de momentos extratensivos igualmente fortes. K e F muito bem vistas; as respostas originais muito variadas, ausência total de respostas banais: forte individualismo e autocultura. Riqueza e presença de associações. As relações G-D e sua sucessão: lógica concreta e treinada sem mesquinhas nem meticulosidade, G e D parcialmente combinados com muita riqueza de associações. Várias respostas G combinatórias típicas. Contudo, nisso não se encontra nada de confabulatório, sendo as formas apreendidas com muita acuidade. As interpretações estão pontilhadas de satisfação: alegria das formas e das cores.

Não há repressões de momentos extratensivos. Boa aproximação afetiva e empatia; vida afetiva intensa e impulsiva; tudo isto e algo perturbado por componentes afetivas egocêntricas no mínimo de igual intensidade:

labilidade, perturbações nas quais a impulsividade se torna mais evidentes. De qualquer maneira, há forte estabilização da vida afetiva através dos momentos introversivos. Contato mais intensivo que extensivo.

Durante as perturbações que por vezes aparecem, os momentos combinatórios podem predominar e condensarem-se em “pressentimentos” ou coisas semelhantes; viva capacidade de representação visual, delicado senso para composição. Ama as cores vibrantes (p. 146-7).

O sujeito, ao nosso ver, tende a enriquecer a qualidade da resposta sem sacrificar o aspecto formal. É sempre uma resposta singular pelo modo como se definem os detalhes, em que se usa e se especifica a forma. O que diferencia este nível evolutivo é a natureza da modalidade da combinação e o seu produto final sempre compatível com uma série de exigências éticas, tanto subjetivas quanto objetivas, exigências estas tanto pessoais quanto coletivas. Estas estruturas revelam experiências complexas, satisfatórias que realizam plenamente quem as produz e as vive. São experiências bem integradas e impregnadas de dimensões e qualidades originais.

Os exemplos, citados abaixo, referem-se a respostas de protocolos Rorschach do nosso grupo de estudo composto por indivíduos considerados artistas:

Figura 2.5. Protocolos Rorschach de artistas

(prancha VI – DG)	Cenário de guerra naval, é um navio à vapor, bombas explodindo, navio pegando fogo, está quase ficando noite. É uma batalha do século passado.
(prancha VI – D1+D2+ Dbl3)	Uma flor desabrochando, abrindo, saindo das folhas verdes.
(prancha III – DG)	Um foguete bem iluminado subindo noite escura adentro.

Fonte: Aplicação do Psicodiagnóstico Rorschach em artistas – 1999.

CAPÍTULO III

PROPOSTA DE QUANTIFICAÇÃO FUNDAMENTADA NA VALORAÇÃO DAS ESTRUTURAS RORSCHACH TENDO COMO ALICERCE A FENOMENOLOGIA DOS PROCESSOS PRIMÁRIOS, SECUNDÁRIOS E TERCIÁRIOS

Nosso interesse para o Psicodiagnóstico Rorschach parte de uma exigência metodológica que concilia duas vertentes de pesquisa: a qualitativa e a quantitativa. As duas abordagens se distinguem, nessa técnica de avaliação, por focalizarem diferentes aspectos básicos no campo da investigação da personalidade: a análise temático-simbólico-qualitativa que abrange categorias e representações existenciais mais subjetivas do indivíduo, e o estudo de suas estruturas perceptivas, passíveis de sistematizações mensuráveis mais rigorosas, com suporte para interpretações, preferentemente, objetivas.

Petrelli (2001) argumenta que uma experiência de vida, uma idéia ou uma ideologia influencia sempre o comportamento, seja ele verbal, motor ou social, em termos de identidade, gestos, rituais, que caracterizam um indivíduo ou grupo de indivíduos, em uma população. Porém, nem sempre estas variáveis são tão claras nas suas interações ao ponto de imediatamente manifestar um significado. Dessa forma, muitas vezes é necessário recolher os dados quantitativos, organizá-los em tabelas e só então as diferenças se tornam significativas. Os números, com suas operações matemático-estatísticas, são uma linguagem expressiva de qualidade. Normalmente, a análise quantitativa é uma função da análise qualitativa; isso leva o presente estudo fenomenológico do Rorschach para o campo das ciências exatas, sem contudo perder sua natureza intuitiva, eidética.

Segundo Gamboa (1995), essas categorias modificam-se, complementam-se e transformam-se uma na outra e vice-versa, quando aplicadas a um mesmo fenômeno. As duas dimensões não se opõem, mas se inter-relacionam como duas faces do real num movimento cumulativo e transformador, de tal maneira que não podemos concebê-las uma sem a outra, nem uma separada da outra. Em outras palavras, podemos dizer que

toda mudança qualitativa é o resultado de certas mudanças quantitativas. Uma qualidade nova, surgida em decorrência de mudanças quantitativas determinadas, não se comporta de maneira passiva em relação a essas últimas, mas pelo contrário, exerce uma influência de volta, acarretando também mudanças características quantitativas rigorosamente determinadas (Cheptulin, 1982, p. 213).

Inseridos na concepção acima, nossos estudos focalizaram as estruturas das respostas nos protocolos Rorschach, propondo um sistema para avaliar o nível de desenvolvimento evolutivo do indivíduo, fundamentado em um núcleo teórico distinto (já abordado nos capítulos I e II), que integra alguns conceitos psicanalíticos freudianos com as teorias do desenvolvimento de Werner (1970) e Arieti (1969).

Apesar de já existirem alguns indicadores numéricos da conduta no Rorschach como frequências, porcentagens e proporções de determinadas estruturas normativas e patológicas, propostas por vários autores – como Hertz (1951), Klopfer (1954), Piotrowski (1957), Loosli-Usteri (1962), Augras (1969), Bohm (1979), Exner (1991,1993), Jacquemin (1977), Holt (1981), Petrelli (1989), Vaz (1997), Traubenberg (1998) e outros –, entendemos ser pertinente expor a nossa proposta de análise estruturalista-evolutiva da personalidade aplicada a essa técnica de psicodiagnóstico .

A atribuição de valores numéricos às estruturas perceptivas do Rorschach, dentro de um perspectiva evolutiva contínua – que vai do mínimo ao máximo de organização, integração e equilíbrio –, surgiu: da necessidade de tornar este instrumento um meio mais prático e científico para os profissionais da área da psicologia; da intenção de facilitar o seu uso em pesquisas de grupos e intergrupos e em operações de treinamento, classificação e seleção de pessoal; da pretensão de tornar mais objetiva a avaliação do desenvolvimentos mental contínuo em uma perspectiva temporal de teste e reteste em comparações clínicas; além da tentativa de auxiliar avaliações forenses práticas como em decisões de disputa pela guarda de crianças.

A perspectiva acima originou-se, também, da necessidade de se identificar mentes sistêmicas que percebem elementos em relação, que

possam, por exemplo, conectar atos políticos e consequências culturais. A nossa sociedade moderna necessita de inteligências que captam contextos, que compreendam as relação entre os fatos, que tenham a capacidade de substituir os modelos descontextualizados e obsoletos de orientar nossas organizações por meios mais contextualizadas que venham ao encontro de uma visão de homem que é bio-psico-social ao mesmo tempo (Bateson, 1984). Para atingir nossos objetivos estabelecemos critérios diferenciais, idealizados por Petrelli (1989), que vêm sendo, desde então, aprimorados e submetidos a testes de precisão.

3.1. Proposta de Quantificação das Estruturas Rorschach

3.1. Tabela de Valores

Localizações		Determinantes			Fenômenos Especiais		
Valores					Valores		
G	0,0	F+			1,0	Confabuladas	-4,0
D	0,0	F+-			0,5	Contaminadas	-4,0
Dbl	0,0	F--			-0,5	Rejeições	-5,0
Dd	0,0	F-			-1,0		
GDbI+	0,5	K	(na prancha III vale +3,0)		2,0		
DG+	0,5	kan+			1,5		
DGDbl+	0,5	kan +-			1,0		
DDbl+	0,5	kan -+			-1,0		
GDbI-	-0,5	kan -			-1,5		
DG-	-0,5	Fkob			2,0		
DGDbl-	-0,5	kobF+-			1,0		
DDbl-	-0,5	kobF--			-1,0		
Do	-4,0	kobF-			-1,5		
		kob			-2,0		
		kp			-1,5		
		FC	Fclob	F(C)	2,0		
		CF+-	ClobF+-	(C)F+-	1,0		
		CF-+	ClobF-+	(C)F-+	-1,0		
		CF-	ClobF-	(C)F-	-1,5		
		C	Clob	(C)	-2,0		

Como mencionado anteriormente, nossa proposta de valoração dos processos primários ingênuos e patológicos, secundários e terciários no Rorschach, tem a vantagem de propiciar uma análise quantitativa dos elementos qualitativos que aparecem nos protocolos. De um modo geral, não obstante tal vantagem, esse tipo de análise não se propõe a substituir os modos habituais de cotações, mas apenas complementá-los,

conferindo-lhes maior precisão. Mesmo porque, esta proposta não consegue e nem tem a pretensão de esgotar ou abarcar as múltiplas modalidades de análise do material perceptivos que as manchas de tinta do Rorschach propiciam. Os valores agregados às estruturas Rorschach, ainda, não são, de fato, definitivos e a proposta encontra-se aberta a eventuais revisões.

Agregamos valores quantitativos contínuos às estruturas Rorschach de acordo com o nível evolutivo psicodinâmico - tendo como parâmetro a fenomenologia dos processos primários, secundários e terciários - de tal modo que as estruturas patológicas assumem valores negativos, e as estruturas eficientes valores positivos em que os negativos e os positivos se anulam reciprocamente.

Estes valores, em nossa concepção, deveriam se anular de qualquer forma, pois somos radicalmente contra as tendências, nos psicodiagnósticos, que enfatizam mais a psicopatologia e menos as operações psíquicas que exigem altos níveis de maturidade da mente. Há muita discrepância entre o quanto os estudos em Rorschach, têm se aplicado para investigação da patologia psíquica e o quanto tem sido utilizado para estudar, por exemplo, a criatividade.

Seguindo esta linha de raciocínio, partimos do pressuposto de que as respostas, ou melhor, as estruturas perceptivas mais comuns, que aparecem com maior frequência na maioria dos testes valeriam +1 (GF+A ou H ou Obj / DF+A ou H ou Obj). Aqui o recurso da estatística representa uma proteção contra os riscos de uma apreciação subjetiva. Este critério empírico, estatístico é indispensável para auxiliar na identificação dos fenômenos, mas a sua compreensão e mensuração dos mesmos só será esclarecida pela psicologia evolutiva proposta nos capítulos anteriores.

Acreditamos, ainda, que a psicologia evolutiva possa auxiliar na elucidação de dúvidas na determinação de uma F- ou F+, ao invés de resolvê-las de uma forma simplista com um F+-. Da mesma forma, auxilia na diferenciação entre, por exemplo, uma CF- (traumática) e CF+- (estética) e uma FC.

As modalidades mais primitivas, menos diferenciadas, são as reveladas por meio dos detalhes oligofrênicos ou inibitórios, contaminadas, confabuladas e C, (C) e Clob associadas ao kob. As modalidades mais ricas e melhor articuladas são FC, K, F(C), FClob associadas e aliadas à originalidade.

É importante esclarecermos que quando a localização da resposta for a combinação de duas ou mais abrangências (GDbI, DG, DGDbl ou DDbI) o valor da estrutura é acrescido em +0,5 se o determinante for *positivo* (+ ou +-), ou em -0,5 se o determinante for *negativo* (- ou -+). Afinal, as abrangências combinatórias, incluindo ou não o espaço em branco (DbI), consideradas positivas, sempre revelam a capacidade de integrar diferentes aptidões intelectuais que, em uma dimensão evolutiva do ser humano, são alcançadas mais tardiamente ou, talvez, nunca atingidas. Colombo et al. (1993), Petrelli (1989) e outros autores apontam que este tipo de apreensão – principalmente quando integrado à determinantes que indicam melhor adequação dos estados emocionais (FC, FClob, F(C)) e maior riqueza das vivências internas, espontaneidade, espírito lúdico e capacidade de solucionar conflitos intrapsíquicos (K, kan+ e Fkob) – é comum em artistas, em gênios e em superdotados.

No outro extremo, as abrangências combinatórias negativas denunciam pensamentos sincréticos, confusos, inadaptação à realidade, à lógica do senso comum e à intersubjetividade. Anzieu (1989) e Petrelli (1989) associam este modo de apreensão, na idade adulta, às psicopatologias, aos déficits intelectuais ou a pessoas normais que apresentam falta de julgamento crítico ou temperamento expansivo que generaliza sem se preocupar com uma verificação. Seria neste caso uma fixação ou regressão aos processos primários patológicos.

Para facilitar a compreensão da aplicação dos valores da tabela 3.1. nas estruturas Rorschach daremos alguns exemplos:

a) $G F+ A = 0 + 1 + 0 = 1$

b) $DG F+ (H) = 0,5 + 1 + 0 = 1,5$

c) $D\ kan+ A = 0 + 1,5 + 0 = 1,5$

d) $DDbl\ kobF-+ Nat = (-0,5) + (-1) + 0 = -1,5$

e) $GDbI\ CkobF+- Arte = (\text{onde } CkobF+- = (CF+-) + (kobF+-)) = 0,5 + (1+1) + 0 = 2,5$

f) $DG\ Clobkob\ Abst = (\text{onde } Clobkob = Clob +kob) = (-0,5) + (-4) + 0 = -4,5$

O essencial nesta proposta é que os escores não são, meramente, baseados em uma análise temático-dinâmica que utiliza habilidades intuitivas para cotar as respostas, mas contam, também, com o auxílio de um critério empírico elaborado, especificamente, para ancorar os julgamentos subjetivos. Esses critérios mais objetivos, que propiciam a avaliação do nível de maturidade dos indivíduos, são baseados no grau de diferenciação, articulação e integração das representações e dos perceptos do mundo no Rorschach. Essas medidas, presumivelmente, fornecem uma estimativa da maturidade das estruturas cognitivas que mediatizam a experiência dos afetos, dos impulsos e das relações interpessoais do sujeito.

3.2. Integração da Fenomenologia dos Processos Primários, Secundários e Terciários à Proposta de Valoração das Estruturas Rorschach

Quadro Valorativo das Estruturas Evolutivas Rorschach na Perspectiva Teórica dos Processos Primários Ingênuos e Patológicos, Secundários e Terciários

DIAGNÓSTICO DE NORMALIDADE E PATOLOGIA	POSIÇÕES EVOLUTIVAS DE WERNER	NÍVEIS OPERACIONAIS DE ARIETI	PETRELLI	ESTRUTURAS PERCEPTIVAS RORSCHACH	VALORES PROPOSTOS
Excelência	Articulada	Processo Terciário	Processo Terciário	DGDbI KFC H Nat Obj DG kan+FC A Bot	3,5 – 5,0 ou mais
Normalidade	Discreta Diferenciada	Processo Secundário	Processo Secundário	DG FC Nat G M H D F+ A	1,0 – 3,0
Operações de potencialidades / em expansão	Sincrética Ingênua	Processo Primário	Processo Primário Ingênuo	D F+- Obj	+0,5
Estruturas de risco (risco de desestruturação)	Tendência ao Secretismo Patológico	Processo Primário	Pródromo de Patologia	D F+- A	-0,5
Patologia	Sincrética Esquizóide Difusa	Processo Primário	Processo Primário Patológico	D F- Anat D Ckob Fog GDbl kobClob Nat Contaminadas	-1,0 - -5,0 ou menos

Essa perspectiva esboçada no quadro¹ acima parte de uma visão perceptivo-estruturalista do Rorschach. De acordo com Chabert (1993), dentre as técnicas projetivas, o psicodiagnóstico Rorschach é uma das que melhor propiciam uma abordagem estrutural do funcionamento mental. Embora Herman Rorschach (1973) não se refira a estruturas, em seu modo de proceder estas estão implícitas. O jogo figura-fundo que se impõe imediatamente ao sujeito constitui uma estrutura própria do teste. Talvez seja a mais evidente estrutura que induz a mais fundamental e elementar atividade de adaptação, aquela de discriminar sobre um fundo indiferenciado, formas dotadas de senso e de valor. Discernimento este que se pode perder em

consequência dos distúrbios da percepção. Dessa forma, Herman Rorschach (1973) descreve os componentes integrantes de cada prancha: divide os elementos estruturais perceptivos em: G, D, Dd, Dbl, Do; codifica as respostas em categorias de abrangências, determinantes e conteúdos; descobre na sucessão a análise da sequência dos processos perceptivos e, ao comparar cinestesia e cores, encontra a maneira particular do indivíduo solucionar problemas e dirigir sua atenção, bem como de experimentar e viver os acontecimentos da vida.

Alguns autores não hesitam em reconhecer nas formas produzidas pela mancha a estrutura da totalidade da unidade (por exemplo na p.V), a estrutura da dualidade (p. VII e VIII) e a estrutura da multiplicidade e da dispersão necessária (p. X). Outros autores como Minkowska (1956, *apud* Petrelli, 1989) e Mucchielli (1968, *apud* Petrelli, 1989) detêm-se de forma particular aos princípios estruturais das respostas e das pranchas. Cada prancha possui uma estrutura e significados próprios, que Mucchielli (1968) chama de especificidade e Minkowska (1956) de clima. Já McCully (1980) visa a ligar parte da teoria

-
1. O quadro valorativo das estruturas evolutivas Rorschach na perspectiva teórica dos processos primários ingênuos e patológicos, secundários e terciários foi elaborado tendo como referência Petrelli (1989).

da personalidade implícita no método Rorschach às estruturas arquetípicas de C. G. Jung, bem como examinar dados do Rorschach e a arte do homem primitivo. Este autor examina cada prancha com o intuito de identificar o seu potencial como ativador de arquétipos.

O estímulo, ao nosso ver, é propício a vários tipos de análises: a estrutural-objetiva, a dinâmico-subjetiva, bem como a análise do comportamento durante o teste, que podem juntas, em suas diferentes dimensões, chegar às dimensões constitutivas do psiquismo, do comportamento e da personalidade tanto nas manifestações patológicas, nas operações intermediárias de potencialidades, quanto em suas construções da normalidade e da excelência.

É importante esclarecermos, mais uma vez, que quando tratamos de estruturas e processos evolutivos não estamos nos referindo a estruturas rígidas e estáticas, ou a superação definitiva de etapas. Estamos nos remetendo a estruturas estáveis e flexíveis, em que os processos evolutivos superiores estão relacionados à abertura e à possibilidade de articular de forma harmônica todo o vivido. Sendo assim, as estruturas podem conviver simultaneamente, oferecendo informações e estratégias que se combinam, potencializando a capacidade de solucionar problemas e de se adaptar a novas situações.

Traubenberg (1998) argumenta que o teste de Rorschach é, de certo modo, o lugar de expressão em que os processos primários e secundários podem ser individualizados. O processo primário parece favorecido pela ausência de exigências precisas e pode manifestar-se no abandono provisório do controle e, concomitantemente, na liberdade e fluidez das expressões. As respostas devidas a este processo são aceitáveis e admitidas à medida que não são dominantes, e que correspondem a um relaxamento provisório do controle e introduzem a noção de uma regressão útil ao funcionamento do ego. Em nenhum caso elas podem ser consideradas hierarquicamente superiores às ditadas por um processo secundário em que as condutas são regidas por formas mais adaptadas à realidade externa.

Dentro da nossa proposta de avaliação evolutiva da personalidade no Rorschach, poderíamos asseverar que o material propicia projeções em que quatro processos podem ser individualizados em um mesmo protocolo. É possível, então, a manifestação das quatro dimensões, em proporções diferentes, convivendo e interagindo entre si. Dessa forma, quando a administração, a codificação e interpretação temático-estrutural do protocolo se dá de forma correta, perspicaz e inteligente, por um especialista que une as qualidades de um bom clínico, aí se desvela o quadro singular de uma pessoa, que poderá assemelhar-se ao de outras em alguns aspectos, mas em outros será sempre genuíno.

A seguir, faremos uma explanação breve do quadro valorativo das estruturas evolutivas Rorschach – na perspectiva teórica dos processos

primários ingênuos e patológicos, secundários e terciários – que, por sua vez, integra sinteticamente as perspectivas teóricas constantes dos capítulos I e II.

- Estruturas de risco e patológicas

Como o próprio nome sugere, são estruturas que anunciam uma patologia ou se referem aos diagnósticos psicopatológicos, propriamente ditos, comuns nas regressões, fixações e desestruturações. Estariam relacionadas à continuidade do processo primário além dos limites concedidos pelas normas sociais. São inerentes às psicoses, às deficiências intelectuais, aos casos de carência nas intervenções educativas ou, ainda, às pessoas normais que estão, momentaneamente, submetidas a situações estressantes que bloqueiam temporariamente os aspectos cognitivos, emocionais e dinâmicos do comportamento. O valor máximo da estrutura Rorschach, neste nível, é 0,5 negativo, que anuncia um prodromo patológico, podendo atingir um valor de 8,5 negativo, equivalente à estrutura DGDbI CClob(C)kob Anat, que denuncia uma desestruturação mais intensa.

- Estruturas potenciais

Estariam relacionadas às operações intermediárias e às potencialidades. Petrelli (1989) associa estas estruturas aos processos primário-ingênuos. São estruturas próprias de uma experiência em expansão e evolução, de amadurecimento contínuo e progressivo, inerentes às crianças e às pessoas normais que usufruem da fluidez destas estruturas potenciais abertas para produções criativas sem se sentir ameaçadas por seus impulsos e emoções, pois já têm garantidas as dimensões intelectuais, emocionais e motivacionais adaptativas do processo secundário. O valor destas estruturas concentra-se em 0,5 positivo porém, quando associadas às estruturas afetivas e cinestésicas, como em D CF+-Bot e DGDbI CFkobF+- Nat Fog, podem atingir valores próprios de processos secundários e terciários.

- Estruturas eficientes

São estruturas sempre presentes em um diagnóstico de normalidade. Elas exprimem uma consciência intencional, que ordena, racionaliza e administra de forma compatível as suas emoções. Os valores propostos para essas estruturas, como GF+A e GKH, variam de +1 a +3.

- Estruturas originais superiores

Revelam atividades altamente integrativas de síntese na ordem da imaginação e da lógica, do desejo e da realidade. São típicas de pessoas altamente dotadas de imaginação e criatividade, de pessoas que desafiam o domínio e a ortodoxia, que apresentam comportamentos inovativos e éticos. As estruturas originais superiores, normalmente, ocupam os processos cognitivos ideativos, investem nas emoções e nas motivações, estendendo-se a atitudes complexas e revolucionárias. O valor mínimo da estrutura Rorschach, neste nível, é 3,5 positivo podendo, por exemplo, atingir um valor de 8,5 positivo, equivalente a estrutura DGDbI FC K F(C) Fkob H Nat.

CAPÍTULO IV

MÉTODO

4.1. Abordagem Metodológica

O método fenomenológico parece atender exatamente aos nossos requisitos que postulam, de um lado, o reconhecimento da subjetividade, e, do outro, os meios de elaborar uma compreensão objetiva dos dados. Nas palavras de Merleau-Ponty (1969, *apud* Augras, 1993) a mais importante aquisição da fenomenologia é, sem dúvida, ter associado o extremo subjetivismo ao rigoroso objetivismo em seu conceito do mundo, ou seja, ter integrado os aspectos qualitativos e quantitativos da realidade como duas faces

do fenômeno, que se complementam, de tal maneira, que não podemos concebê-las uma sem a outra.

4.1.1 . Origem do método fenomenológico

Segundo Petrelli (2001), a fenomenologia nasceu no âmbito da filosofia. Os dois grandes mestres e pais da filosofia antiga, Platão e Aristóteles, são dois pólos da fenomenologia moderna, a qual se fecha e se consubstancia com Husserl – que assimilou no olhar platônico, por assim dizer, uma concepção idealista para a qual o mundo das coisas é apenas uma imagem imperfeita do mundo das idéias, ao qual se chega pela anamnese, quase como um retorno a uma condição originária e autêntica da experiência – e com Heidegger – que se identificou com o realismo ôntico de Aristóteles, uma concepção filosófica realista que fundamenta a verdade do conhecimento sobre formas intrínsecas às próprias coisas, em que nada há no intelecto que antes não tenha sido experiência dos sentidos.

Husserl ao propor uma fenomenologia como uma ciência eidética, ou ciência das essências universais, recuperando, na sua proposta, tanto o idealismo platônico antigo quanto o idealismo moderno de Hegel, foi acusado, principalmente pelo existencialismo de Heidegger, de perder de vista a realidade concreta delimitada em um tempo e espaço dado, de ter se omitido diante de uma existência singular e de ter apagado a individualidade na universalidade das categorias essenciais. Heidegger, por sua vez, propõe uma fenomenologia como ciência das essências singulares, preocupando-se com a função individualizante do conhecimento: com a essência que individualiza o ente existente (Petrelli, 2001).

Tanto Husserl quanto Heidegger utilizam o mesmo princípio norteador, voltar às coisas. O método é comum, ambos pretendem chegar às coisas tal como elas se apresentam, sem preconceitos ou pressupostos teóricos e arbitrários. Concordamos com Cechin (1985) quando sustenta que, para o psicólogo orientado fenomenologicamente, as duas posições são

fundamentais porque compreendem o homem nas duas dimensões: ser e existir, isto é, o ser em suas modalidades de existência.

Nessa perspectiva, a fenomenologia é o método para a compreensão da existência, deixando claras as matrizes éticas do existencialismo de Kierkegaard, Nietzsche e Sartre em Heidegger. Neste sentido, o existencialismo é o conteúdo, ou melhor, o objeto de estudo da fenomenologia (Petrelli, 2001).

4.1.2. A fenomenologia como ciência descritiva do conhecimento

Jaspers (1979) afirma que a fenomenologia é uma ciência rigorosa, mas com uma atitude diferente das ciências exatas. Ela é uma ciência eidética que procede por descrição compreensiva e não por dedução causal, que tem a preocupação em mostrar, e não demonstrar, explicitar as estruturas em que a experiência se verifica, em deixar transparecer na descrição da experiência *sui generis* as suas estruturas universais.

Petrelli (2001, p. 16) também compreende a fenomenologia como uma ciência descritiva, e assim a enuncia:

A fenomenologia é uma ciência descritiva do objeto (realidade) considerado, em si mesmo, na sua essência. É uma ciência descritiva da realidade, de seus objetos e fatos, como significativos de algo que abstrai e transcende a pura materialidade significante. E, sendo uma ciência dos objetos e dos fatos da realidade, de como estes se apresentam à consciência de quem os experienciam, é, então, a ciência de uma realidade significante “para mim”, “para nós”, ou “para eles”.

Heidegger (*apud* Augras, 1993) assegura que o sentido metodológico da descrição fenomenológica é a explicitação. Augras (1993), por sua vez, assevera que a explicitação do mundo tanto pode ser uma teoria científica, um mito antigo, um poema, ou a simples descrição de uma problemática individual. Enquanto pretendem formular uma imagem do mundo, isto é, existencialmente, do ser no mundo, todas essas explicações são

testemunhas de existências que não as reduzem, apenas acrescentam e enriquecem a verdade. Tencionam abarcar a verdade ainda encoberta, a verdade provisória e histórica, pois está sempre submetida a mutações do devir temporal . Neste sentido, lançam mão do conhecimento de imagens do mundo já preconcebidas. Constroem assim um novo modo de acesso à realidade que não a esgota e, também, não a violenta.

4.1.3. Procedimentos do método fenomenológico

Este método, idealizado por Husserl (1901, *apud* Petrelli, 2001), compreende uma abordagem à realidade que se atém a observar os fatos com uma autêntica exigência ética, não manipuladora, buscando identificar as estruturas fundamentais dos fenômenos, as essências. Ele caracteriza-se por um movimento investigativo progressivo, sistêmico, de passos reflexivos. É um processo tríplex redutivo, composto, basicamente, por três momentos simultâneos que, de forma operativa, se refazem constantemente.

O primeiro momento desse processo redutivo é denominado de redução teórica, que consiste em eliminar da consciência intencional qualquer construto conceitual e resíduo de construto deixados por teorias antecedentes e concomitantes diante da consciência, alegoricamente aqui apresentada como uma tela. Os dados na intencionalidade da própria consciência se configuram numa relação lógica, simbólica e significativa, que deve ser colhida objetivamente. É o momento de desprendimento do saber acumulado, de suspensão das pressuposições do pesquisador, de abertura ao fenômeno, despojada de pré-conceitos (*epoché*), deixando-o se desvelar em sua forma única e irrepitível na história. O objeto se desvela em todos os seus ângulos e perspectivas, inclusive a perspectiva temporal, por uma regressão ao passado e uma projeção no futuro. O fenomenólogo observa todas as variações possíveis do objeto e as registra para, no momento seguinte, suspendê-las, ficando com o invariante.

De acordo com Husserl (1969, *apud* Petrelli, 2001), o segundo momento do processo redutivo coincide com a busca das essências (redução eidética). É o momento em que se reduz a particularidade, individualidade, para deixar aparecer o universal, o invariante, a estrutura essencial. É o conhecer por intermédio da razão, da idéia. Em nosso estudo seria a etapa de questionamento dos protocolos Rorschach e a organização deste material em unidades compreensivas, em que a constituição das essências é o resultado de um persistente processo indutivo de análise do fenômeno, bem como o resultado da consciência intencional.

O terceiro momento do itinerário redutivo quer atender às exigências existencialistas de Heidegger (*apud* Petrelli, 2001) que, junto com uma ciência ontológica, reivindicava uma ciência ôntica, compondo, assim, as essências universais com as essências individuais. Para chegar a esse intento, é preciso, agora, reter momentaneamente o universal, para que dele se manifestem as características que o individualizaram, como uma diferença singular entre tantos incluídos no conjunto da mesma ordem. Essa é a redução do transcendental, pela qual se pode defender a peculiaridade de um evento, tentando, quase paradoxalmente, chegar a uma essência única, a visão sintética de todas as diferenças. Nesse momento, as diferenças se relacionam formando atributos específicos, contingências exclusivas, modalidades *sui generis*, que individualizam o universal, dando-lhe um lugar num espaço e um momento num tempo determinando e definido. O investigador articula, em um único ato compreensivo os dados relativos ao fenômeno em estudo, os dados da eidética universal e os da eidética individualizante e determinante do objeto.

A partir da explicitação dos procedimentos metodológicos da fenomenologia, fica mais evidente a sua preocupação em colher relações constantes, e por isso significativas, entre fatos e, nestas, chegar à compreensão de cada um e do conjunto dos fatos. Essa relação não é dada, *a priori*, nem como forma de hipótese nem como expectativa do pesquisador. Ela é registrada como se desvela à consciência não manipulada ou distorcida por interpretações subjetivas, mesmo que teoricamente fundamentadas.

4.1.4. O método fenomenológico aplicado ao psicodiagnóstico de Rorschach

Vaz (1997) argumenta que não basta a visão qualitativa do mundo interno de uma pessoa. Isso pode expor o psicólogo ao risco de uma avaliação subjetiva, como também é incompleta a avaliação com base no simplesmente numérico. Faz-se necessária a integração quantitativo-qualitativa de todos os dados.

Uma análise mais objetiva, quantitativa, dos dados Rorschach envolve um modo objetivo de amostragem, codificação e delineamento de inferências com base em diferenças individuais de estilo de estruturação cognitiva. Para esse fim Weiner (2000) descreve que foi estabelecido um material e um procedimento padronizado de aplicação e avaliação do Rorschach. Foram elaborados critérios específicos para classificação das respostas de acordo com características como localização, determinante e conteúdo. E com bases normativas observou-se diferenças entre grupos diversos de sujeitos, propondo-se, por assim dizer, diretrizes interpretativas para inferir características da personalidade a partir de porcentagens, índices, coeficientes de correlação, proporções e frequências. Estes dados são compartilhados por todos os sujeitos em maior ou menor grau (padrões normativos).

Uma análise mais subjetiva, qualitativa e temática dos dados Rorschach envolve os processos de associação, projeção e simbolização. Estes processos levam o sujeito a atribuir, a seus perceptos, características que extrapolam as qualidades reais do estímulo, como ao dizer que duas figuras humanas brigam por um mesmo objeto ou que discutem assuntos de trabalho em uma mesa de bar. Da mesma forma, descrições do estímulo podem incluir referências simbólicas, como por exemplo dizer, no cartão III, que a mancha vermelha central indicaria a paixão das duas pessoas. Nesse sentido, o estímulo também funciona para investigações subjetivas de fantasias, necessidades, conflitos, preocupações, investigações de como o

sujeito pensa, age e sente. Estes dados das respostas Rorschach são peculiares ao estado mental do sujeito, fornecendo a base para interpretações idiográficas que ajudam a definir sua individualidade enquanto pessoa.

Rapaport (1968, *apud* Weiner, 2000) e Miale (1977, *apud* Weiner, 2000) defendem a importância de uma abordagem integrada da interpretação da estrutura e do conteúdo, sustentam que as reações às manchas de tinta do Rorschach envolvem um processo de organização perceptiva que se estende à percepção na vida diária da personalidade subjacente. Rapaport (1968, *apud* Weiner, 2000, p. 24) expressou seu ponto de vista da seguinte maneira:

Os processos de organização perceptiva e os processos associativos sempre estão presentes em todas as respostas do Rorschach... Eventualmente pode-se apreender mais sobre o sujeito considerando uma resposta do ponto de vista de sua organização perceptiva, outras vezes analisando-a do ponto de vista do processo associativo que a originou. Porém, jamais se deve negligenciar a integração de ambos os processos... Obviamente, então, não seria correto concluir que a resposta de Rorschach deve ser considerada principalmente como um produto da percepção ou da associação livre.

Acreditamos que debates que intencionam evidenciar no Rorschach abordagens quantitativas em detrimento de abordagens qualitativas ou vice-versa, dados objetivos em detrimento de dados subjetivos ou vice-versa, medidas perceptivas em detrimento de medidas associativas, devem ser superados. Só a atenção adequada aos vários aspectos da resposta do indivíduo ajudará o profissional que utiliza o Rorschach a estender ao máximo a riqueza e a utilidade da interpretação que vierem a formular.

A fenomenologia aplicada ao Rorschach conduz à busca dos universais – que em meio às ciências psicológicas e psicopatológicas se apresentam mediante investigação da essência, da constante, do invariante, por exemplo da esquizofrenia, da epilepsia, da criatividade, da convivência e da inteligência – e como eles se configuram no psicodiagnóstico Rorschach, como também conduz à busca de como estas estruturas essenciais se individualizam, se personalizam, num ato de compreensão do ser singular que

se destaca como portador de suas experiências significativas, pessoais e subjetivas.

Como podemos observar, o psicodiagnóstico Rorschach nos oferece uma série de dados – sejam eles perceptivos, cognitivos, objetivos, subjetivos, dinâmicos, temáticos, associativos, psicométricos e projetivos – que constituem o resultado do teste. Esses dados podem ser analisados tanto pelo método das ciências naturais quanto pelo método das ciências sociais mediante o método fenomenológico que, por sua vez, procura recolher todos esses significados em um único ato compreensivo e em um único e ponderado juízo, pois o mesmo evita qualquer dogmatismo científico. O Rorschach produz dados sobre a experiência de vida do sujeito e sobre modalidades de sua existência, logo, também podemos descrever sobre a fenomenologia dos diferentes níveis evolutivos de maturidade nas pessoas, como em uma fenomenologia dos processos primário ingênuo, primário patológico, secundário e terciário como foi proposto neste estudo.

Dessa forma, ao nosso ver, o método que se adequa ao presente estudo, que concilia as exigências de pesquisa qualitativa e quantitativa, é o fenomenológico, pois o mesmo permite a articulação de teorias idealistas e positivistas em uma atitude conjuntiva, integrando os métodos das ciências do espírito e das ciências naturais. O método se ajusta, ainda, apropriadamente, ao nosso instrumento que apresenta características tanto objetivas quanto subjetivas, que mede processos tanto perceptivos quanto associativos e projetivos, e avalia aspectos da personalidade tanto estruturais quanto dinâmicos e que, segundo Weiner (2000), funciona não apenas como um teste, mas como um método multifacetado de coleta de dados referentes a processos de personalidade.

Após essa breve explanação sobre o método fenomenológico, podemos afirmar, a rigor, que este dispensa, momentaneamente, a formulação de hipóteses, e as verifica *a posteriori* com as teorias que as justificam, em uma postura dialética de argumentação. É assim que o saber, fenomenologicamente, vem sendo construído mediante a pesquisa: um saber autêntico, não dogmático da realidade em si.

4.2. Objetivos

Nosso objetivo geral constitui-se em estabelecer uma sistematização das principais etapas evolutivas do homem, mediante uma proposta de valoração das estruturas perceptivas no psicodiagnóstico Rorschach, sem perder de vista o contexto em que esses estudos foram produzidos, como uma contribuição a este método de avaliação da personalidade em relação às teorias, citadas anteriormente, do desenvolvimento evolutivo do ser humano.

Dessa forma, intencionou-se: apresentar uma proposta avaliativa no Rorschach que registrasse os diferentes níveis de maturidade psíquica, tendo como alicerce a literatura específica dos capítulos I e II; descrever, mediante a proposta, como esses níveis evolutivos primário patológico, primário ingênuo, secundário e terciário se desvelariam nos diferentes grupos avaliados; oferecer meios alternativos confiáveis para a elaboração de uma visão abrangente do funcionamento da personalidade e, ao mesmo tempo, responder a questões de diagnóstico específico.

4.3. Procedimentos

Os sujeitos ou responsáveis pelos sujeitos foram informados sobre os objetivos acadêmicos do presente estudo, sobre o compromisso com o sigilo frente ao diagnóstico e aos dados pessoais, bem como sobre a impossibilidade de lhes oferecer qualquer retorno diagnóstico.

A aplicação do método deu-se em salas e escritórios isolados de barulho e demais indivíduos após uma breve entrevista. Foi a partir desta entrevista que pode-se separar os indivíduos participantes das amostras, segundo os critérios estabelecidos para cada um dos grupos, e, ao mesmo tempo, estabelecer um *rapport*.

A codificação dos protocolos Rorschach seguiu o sistema da escola francesa, exposto em suas principais linhas em Loosli-Usterri (1962)

e Anzieu (1981), com algumas adaptações. Apenas excluímos a anotação do tempo, o que não alterou de forma significativa a análise dos dados. Esclareceremos melhor o processo de codificação no item 4.5 que trata da caracterização do instrumento utilizado.

Na aplicação do teste no grupo de crianças e esquizofrênicos, por ser uma tarefa mais complexa e envolver fatores totalmente diversos daqueles previstos na técnica habitual para o sujeito adulto, foram permitidas breves interrupções para sanar dúvidas, para descanso ou narrar fatos diversos, para continuá-la, em seguida, se estivessem motivados.

O inquérito, nos dois grupos, para reconhecimento da localização, do determinante, do conteúdo e dos fenômenos especiais foi realizado logo após a resposta dada ou após a respectiva prancha. Este é um procedimento que Beizmann (1968) recomenda em casos especiais como estes.

Os protocolos Rorschach foram codificados por três juizes (estudiosos do método). Quando ocorria alguma divergência de intercotadores um quarto juiz, o orientador do presente estudo, era requisitado para, juntamente com os demais, discutirem o aspecto em discordância e chegarem a um critério comum.

4.4. Sujeitos

Este estudo consta de protocolos de 110 sujeitos, divididos em quatro grupos distintos:

4.4.1. Grupo de adultos

A escolha dos sujeitos foi realizada de modo a garantir o objetivo de normalidade da amostra. O critério de inclusão foi a inexistência de

antecedentes clínicos de ordem psiquiátrica ou graves transtornos psicológicos. Seleccionamos uma amostra de sujeitos não-pacientes de clínicas psicológicas ou psiquiátricas, que não estivessem sob medicação referente à possíveis distúrbios psíquicos e não fizessem uso de drogas tóxicas no último ano.

Somam ao total 30 sujeitos adultos, com idade a partir dos 19 até 61 anos, sendo 20 do sexo masculino e 10 do sexo feminino. Estes sujeitos possuem diferentes níveis de escolaridade e as mais variadas profissões e ocupações, tais como estudantes, comerciantes, professores, cabelereira, advogados, militares, outros. Uma melhor distinção deste grupo encontra-se no Quadro de caracterização da amostra de adultos avaliados em termos dos dados bibliográficos básicos: idade, estado civil, profissão/ocupação e nível de escolaridade.

Quadro de caracterização da amostra de adultos avaliados em termos dos dados bibliográficos básicos: idade, estado civil, profissão/ocupação e nível de escolaridade

Sujeito	Sexo	Idade	Estado Civil	Profissão / Ocupação	Escolaridade
1	M	23	solteiro	militar	2º grau completo
2	M	23	solteiro	estudante de medicina	5º ano superior
3	M	22	solteiro	militar	2º grau completo
4	M	22	solteiro	estudante de psicologia	3º anos superior
5	M	22	solteiro	corretor de seguros	2º grau completo
6	M	21	solteiro	vendedor	2º grau completo
7	M	34	casado	advogado	Superior
8	M	47	casado	comerciante	2º grau completo
9	M	61	casado	professor univ. e escritor	Superior
10	M	25	casado	biomédico	Superior
11	M	25	casado	auxiliar de contabilidade	2º grau completo
12	M	30	solteiro	bombeiro	2º grau completo
13	M	29	casado	bancário	2º grau completo
14	M	32	casado	engenheiro electricista	superior
15	M	22	solteiro	estudante de direito	4º ano superior
16	M	21	solteiro	estudante de direito	1º anos superior
17	M	36	casado	veterinário	superior

18	M	53	casado	administrad. de empresa	superior
19	M	21	solteiro	auxiliar de programa de jornalismo em rádio	2º grau completo
20	M	23	solteiro	estudante de zootecnia	3º ano superior
21	F	33	casada	arte terapeuta	superior
22	F	20	solteira	professora de música	2º grau completo
23	F	23	solteira	técnica em edificações	curso técnico
24	F	41	casada	comerciante	2º grau completo
25	F	59	casada	aposentada	superior
26	F	35	casada	bancária	superior
27	F	40	casada	cabeleireira	2º grau completo
28	F	34	casada	funcionária púb. federal	superior
29	F	53	casada	professora universitária	superior
30	F	23	solteira	estudante de psicologia	4º ano superior

4.4.2. Grupo de esquizofrênicos

Participaram da pesquisa 30 sujeitos (15 homens e 15 mulheres), com o diagnóstico de esquizofrenia, com recidiva da doença e em tratamento. Todos os pacientes estavam recebendo medicamentos antipsicóticos diversos, em dosagens variadas, de forma única ou associadas com outros medicamentos. A faixa etária variou entre 21 e 69 anos. Com referência ao nível de instrução, nota-se uma tendência de um baixo nível de escolaridade. No que diz respeito à atividade profissional, os pacientes ocupam-se, ou se ocupavam, predominantemente, de atividades que exigem baixo nível de especialização ou requerem apenas habilidades ou semi-habilidades manuais (atividades relacionadas a vendas e escritórios, ajudantes ou serviços braçais em geral). Sua distribuição, de forma mais detalhada, encontra-se no quadro abaixo.

A investigação foi realizada em uma clínica psiquiátrica de Goiânia, mediante articulações feitas com a diretoria, bem como por meio do consentimento para a realização do estudo junto à equipe multidisciplinar de profissionais que trabalham diretamente com os pacientes. A triagem dos sujeitos levou em conta o diagnóstico médico de esquizofrenia, dado por

ocasião das internações, e a posterior confirmação deste pelo médico da unidade onde o paciente estava internado.

Quadro de caracterização da amostra de esquizofrênicos avaliados em termos dos dados bibliográficos básicos: idade, estado civil, profissão/ocupação e nível de escolaridade

Sujeito	Sexo	Idade	Estado Civil	Profissão / Ocupação	Escolaridade
1	M	43	solteiro	Aposentado	1º grau completo
2	M	35	solteiro	Lavrador	1ª série
3	M	21	solteiro	braçal (fábrica cimento)	5ª série
4	M	28	solteiro	pedreiro	6ª série
5	M	40	casado	lavrador	1º grau completo
6	M	29	solteiro	lanterneiro	4ª série
7	M	30	separado	faxineiro	1º grau completo
8	M	67	casado	pedreiro	1º grau completo
9	M	19	solteiro	lavrador	1ª série
10	M	40	solteiro	aposentado (contabilista)	2º grau completo
11	M	24	solteiro	lavrador	4ª série
12	M	32	separado	feirante	1º grau completo
13	M	55	casado	pintor	1º grau completo
14	M	29	solteiro	Pedreiro	1º grau completo
15	M	24	solteiro	Estudante	3º ano / 2º grau
16	F	41	solteira	do lar	4ª série
17	F	49	solteira	do lar	4ª série
18	F	37	separada	do lar	1º grau completo
19	F	34	solteira	balconista na prefeitura	2º grau completo
20	F	26	solteira	estudante	1º ano / 2º grau
21	F	42	solteira	doméstica	1ª série
22	F	34	casada	do lar	6ª série
23	F	51	solteira	do lar	1º grau completo
24	F	30	solteira	do lar	1º grau completo
25	F	24	solteira	do lar	5ª série
26	F	46	separada	faxineira	1ª série
27	F	31	casada	do lar	2º grau completo
28	F	69	separada	costureira	2ª série
29	F	34	solteira	aposentada	5ª série
30	F	40	casada	do lar	2ª série

4.4.3. Grupo de crianças

Participaram da pesquisa 30 crianças normais, sendo 15 do sexo masculino e 15 do sexo feminino, na faixa etária entre 2 e 3 anos e 11 meses. São crianças provenientes de dois berçários situados em Goiânia, um deles conteúdo maternal e jardim I.

Tendo por princípio que os dados deste grupo deveriam refletir informações gerais provenientes de crianças consideradas normais, algumas informações acerca do desenvolvimento motor, social, da linguagem, controle esfincteriano e saúde foram coletadas nas fichas de matrícula ou de acompanhamento das crianças. Todas elas começaram a andar entre o 10º e o 13º mês, a falar por volta do 14º e 17º mês e a estabelecer o controle esfincteriano próximo ao 23º mês. Nenhum componente desta amostra apresentava problemas orgânicos, alimentares ou distúrbios do sono. Constatamos, dessa forma, um desenvolvimento normal nos aspectos investigados.

Outro procedimento adotado, mais específico para este grupo, foi a realização de uma reunião com os pais ou responsáveis pelas crianças, informando os objetivos da pesquisa e solicitando a permissão para que os menores pudessem participar das atividades.

Quadro de caracterização da amostra de crianças avaliados em termos dos dados bibliográficos básicos: idade, e nível de escolaridade

Sujeito	Sexo	Idade	Escolaridade
1	M	2 anos e 3 meses	berçário
2	M	2 anos e 3 meses	berçário
3	M	2 anos e 5 meses	berçário
4	M	2 anos e 6 meses	maternal
5	M	2 anos e 6 meses	berçário
6	M	2 anos e 7 meses	maternal

7	M	2 anos e 8 meses	maternal
8	M	2 anos e 10 meses	maternal
9	M	3 anos e 2 meses	maternal
10	M	3 anos e 5 meses	jardim I
11	M	3 anos e 5 meses	berçário
12	M	3 anos e 6 meses	jardim I
13	M	3 anos e 9 meses	jardim I
14	M	3 anos e 11 meses	jardim I
15	M	3 anos e 11 meses	jardim I
16	F	2 anos	berçário
17	F	2 anos e 2 meses	berçário
18	F	2 anos e 6 meses	berçário
19	F	2 anos e 6 meses	berçário
20	F	2 anos e 6 meses	maternal
21	F	2 anos e 11 meses	maternal
22	F	3 anos e 3 meses	maternal
23	F	3 anos e 10 meses	maternal
24	F	3 anos e 11 meses	jardim I
25	F	3 anos e 5 meses	jardim I
26	F	2 anos e 10 meses	berçário
27	F	3 anos e 5 meses	berçário
28	F	2 anos e 7 meses	berçário
29	F	3 anos e 9 meses	maternal
30	F	3 anos e 6 meses	maternal

4.4.4. Grupo de artistas

Composto por 20 artistas, 16 homens e 4 mulheres, com idade entre 28 e 82 anos, cuja a participação se deu por conveniência. O sujeito pertenceu à amostra por atender aos itens necessários à pesquisa e concordar com a sua participação no estudo. O critério para a aplicação do teste neste grupo foi o reconhecimento social, mediante o seu trabalho, quer seja nas artes plásticas, esculturas, literatura ou música.

Quadro de caracterização da amostra de artistas avaliados em termos dos dados bibliográficos básicos: idade, estado civil, profissão/ocupação e nível de escolaridade

Sujeito	Sexo	Idade	Profissão / Ocupação
1	M	51	artista plástico
2	M	40	compositor
3	M	-	escultor
4	M	28	músico
5	F	48	escritora
6	M	70	artista plástico
7	M	41	artista plástico
8	M	56	artista plástico
9	M	82	escritor
10	M	41	artista plástico
11	F	49	musicista
12	M	37	escultor
13	M	43	escultor
14	F	64	artista plástica e escritora
15	F	65	escritora
16	M	-	artista plástico
17	M	-	escultor
18	M	-	músico
19	M	48	artista plástico
20	M	59	escultor

4.5. Caracterização do Instrumento Utilizado

Compartilhamos com Santos (1996) que, de um ponto de vista fenomenológico, é possível distinguir duas atitudes básicas frente ao Rorschach que correspondem a uma conduta perceptiva e uma conduta imaginativa. Ao contrário das técnicas objetivas, tais como os testes de nível intelectual e de aptidões específicas, o Rorschach exigiria, sobretudo, essa atitude imaginativa, que Lagache (1957, *apud* Anzieu, 1961) denomina de

rêverie imageante. Isso porque põe à prova a capacidade do sujeito para relaxar o controle consciente e se deixar levar por uma atitude que seja, ao mesmo tempo, imaginativa e figurativa, isto é, uma conduta tanto criativa como contenedora, que lhe permita elaborar criativamente os conteúdos psíquicos e, simultaneamente, produzir os conteúdos psíquicos que possam contê-los. A possibilidade de vivenciar os estímulos, sejam eles exógenos ou endógenos, está intimamente relacionada com a capacidade de outorgar contornos às sensações, mediante a figuralidade das experiências vividas.

Como já foi especificado anteriormente, a codificação dos protocolos Rorschach seguiu o sistema da escola francesa, exposto em suas principais linhas em Loosli-Usterri (1962) e Anzieu (1981), com algumas adaptações. Abaixo temos o quadro que especifica as principais nomenclaturas utilizadas na leitura dos protocolos Rorschach.

4.5. Quadro da nomenclatura utilizada na avaliação do teste de Rorschach

R	Número total de respostas
G	Resposta global
DG ou DGDbl	Resposta combinada elaborada: o examinando vai percebendo os detalhes (D, Dd, Dbl) sucessivamente e termina por englobá-los numa única resposta, podendo ser de forma bem elaborada (+ ou +-), ou parcialmente inexata (-+) ou, ainda, totalmente arbitrária (-, confabuladas e contaminadas)
GDbI	Resposta global integrando o branco
D	Resposta de grande detalhe
DDbl	Resposta de grande detalhe integrando o branco
Dd	Resposta de pequeno detalhe
Dd Dbl	Resposta de pequeno detalhe integrando o branco
Dbl	Resposta de detalhe branco (obs.: as respostas explicadas da seguinte forma: porque é branco, foram cotadas como Dbl)
Do	Resposta de detalhe oligofrênico ou inibitório
F	Resposta determinada pela forma
F+	Resposta bem vista, clara, nítida e exata
F+-	Resposta de forma indeterminada, mas que ainda conserva uma proximidade com a forma bem vista, com potencial de progressão. Conceito adequado para uma descrição imprecisa
F-+	Resposta de forma indeterminada, parcialmente inexata, com uma certa distância da forma bem vista, e que não chega a ser uma forma mal vista, que inicia um processo de degradação. Conceito claro, mas de ajuste muito precário à mancha
F-	Resposta mal vista, totalmente arbitrária e inexata
F%	Porcentagem de respostas forma em relação a R
F+%, F+-%, F-+%, F-%	Porcentagem de respostas forma (bem vista, indeterminada ou mal vista) em relação ao total de F
K	Resposta de cinestesia humana (projeções de dinamismos às

	figuras humanas inteiras)
kp	Resposta de cinestesia humana vista em um Dd ou resposta de movimento humano parcial ou tipo de cinestesia de inferioridade, medo, perda, abandono, necessidade, terror, inércia, desvitalização, queda
kan (+, +-, -+ ou -)	Respostas em que são projetadas cinestésias (antropomórficas ou não) aos animais. Acompanham os sinais +, +-, -+ ou - de acordo com a qualidade formal e dinâmica (passiva, ativa ou regressiva) da resposta
kob (Fkob, kobF+, kobF+-, kobF-+, kobF- ou kob)	Respostas em que são projetadas cinestésias em objetos ou forças da natureza. Fkob: quando há o predomínio da forma sobre a cinestesia. kobF+- ou -+: a cinestesia predomina sobre a forma. kob: cinestesia pura.
ΣC	Total das respostas cor ponderadas – usadas na fórmula primária do TRI
C	Resposta de cor pura. Valor de 1,5 no levantamento das cores ponderadas (ΣC) no TRI.
CF+- e -+	Resposta em que a cor predomina sobre a forma. Valor (ΣC): 1,0.
FC	Resposta forma-cor. Valor (ΣC): 0,5
Cn	Resposta de cor nomeada
F(C), (C)F+-, (C)F-+, (C)F- e (C)	Resposta de claro-escuro detalhado, associada às nuances das cores, às diferentes tonalidades. Pode variar de acordo com a ausência de forma {(C)}, predominância ou não da mesma (F(C), (C)F+-, (C)F-+, (C)F-). Seus valores, usados somente no TRI secundário são: F(C)= 0,5, (C)F+-, (C)F-+, (C)F-+ 1,0 e (C)= 1,5. Obs.: foram consideradas nesta categoria as respostas de textura, profundidade e perspectiva
FClob, ClobF+-, ClobF-+, ClobF- e Clob	Resposta de claro-escuro difusa. Seus valores, usados somente no TRI secundário, são: FClob= 0,5, ClobF+-, ClobF-+, ClobF-+ 1,0 e Clob= 1,5. Obs.: as respostas explicadas da seguinte forma: porque é preto, foram cotadas nesta categoria, verificando a predominância ou não da forma e, até mesmo, a sua ausência.
TRI	Tipo de vivência: - primário: $\Sigma K : \Sigma C$ - secundário: $\Sigma kan + \Sigma kob + \Sigma kp : \Sigma(C) + \Sigma Clob$
Ban	Resposta banal (apenas as quatro banais universais nas p. III, V, VIII e X)
IR	Índice de realidade obtido a partir do somatório das Ban (cada uma vale 2 pontos como primeira resposta, 1 como segunda resposta e 0,5 como terceira ou quarta) x 100 dividido por 8
A	Resposta de conteúdo animal: - A: animal inteiro - (A): A descaracterizado (mitológico, sobrenatural...) - Ad: detalhe animal - (Ad): Ad descaracterizado (mitológico, sobrenatural...)
H	Resposta de conteúdo humano: - H: figura humana inteira - (H): H descaracterizado (mitológico, sobrenatural, caricatura) - Hd: detalhe de H - (Hd): Hd descaracterizado (mitológico, sobrenatural, caricatura)
Sex	Resposta de conteúdo sexual
Anat	Resposta anatômica (parte interna do corpo de A e H) e radiografias

Sg	Resposta de sangue
Fog	Resposta de fogo
Mancha	Resposta de manchas
Nuv	Resposta de nuvens
Explosão	Resposta de explosão
Alim	Resposta de alimento
Masc	Resposta de máscara
Obj	Resposta de objetos fabricados, incluindo vestimenta
Arte	Resposta de cunho artístico: quadro, desenho, pintura, escultura
Arq	Resposta de arquitetura, construções imóveis
Simb	Resposta de símbolo, emblema, letra e figura geométrica
Bot	Resposta de planta, árvore, flor
Geo	Resposta geográfica, mapas e toda localização territorial especificada
Nat	Resposta referente a fenômenos naturais como: sol, estrela, lua, céu. Incluindo as respostas de Nat e Geo como: montanha de gelo e gruta com água correndo
Frag	Objetos destruídos
Rejeição	Quando o examinando recebe o cartão e o devolve sem emitir resposta. Caso produza alguma resposta durante o inquérito, esta não será mais cotada como rejeição, mas como um choque em que o bloqueio, ou a impotência da força interpretativa, foi superado no fenômeno da temporalidade
Negação	Recusa do sujeito em elaborar uma resposta, embora perceba-se que tem condições cognitivas para interpretar, mas nega
Auto-crítica	O sujeito critica a si mesmo. Ex.: como estou sem imaginação hoje
Crítica ao objeto	O sujeito critica a técnica, a resposta ou o próprio examinador
Auto-referência	O sujeito identifica coisas suas, de sua propriedade, ou história de vida, partes de si mesmo na mancha
Estereotipia	Repetição de um mesmo conteúdo
Perseveração	Repetição de um conjunto, onde o primeiro objeto percebido pode ser um F+, os outros são associações que não têm referência com o estímulo, são mecânicas, automáticas
Simetria	O sujeito elabora uma resposta na metade da prancha e sugere que a outra metade seja o simétrico, vendo duas partes iguais num paralelismo
Reflexo	O sujeito elabora uma resposta na metade da prancha e sugere a especularidade da mesma parte
Contaminação	Uma tentativa fracassada de construir uma unidade que tenha sentido; são as condensações esquizofrêncas que mesclam duas respostas como ocorre num filme fotográfico submetido a uma dupla exposição. Combinações esteticamente incompatíveis
Confabulação	Relações que não respeitam o princípio de causa-efeito. Uso comprometedor da fantasia, pensamentos onipotentes que levam a conclusões erradas, estórias inverossímeis.
Perspectiva	Conteúdos vistos em perspectiva e profundidade, num plano visual tridimensional
Luminosidade	Percepções de luz, esplendor, luminosidade, brilho
Disforia	Respostas carregadas de sentimentos com agregados de morbidez, depreciação, mal-estar provocado pela ansiedade e medo
Conteúdo persecutório	Respostas que expressam interpretações persecutórias e de vigilância
Desvitalização	Substituição do objeto vivo por inanimado, uma perda da vitalidade

Deterioração	Agregados negativos ao objeto percebido, implicando numa perda de estética e integridade do objeto que pode entrar em estado de deterioração, estados de putrefações
Descrição do objeto	O sujeito não consegue desprender-se do cartão, podendo permanecer com ele, emitindo verbalizações ou elementos descritivos excessivos .
Inho	Tendência acentuada do sujeito a usar o diminutivo inho nas suas verbalizações, ou seja, em diminuir a dimensão do objeto
Olhar o verso do cartão	Alguns até lêem em voz alta o que está escrito e fazem perguntas sobre
Choque	Uma manifestação que expresse incômodo, embaraço, quebra de ritmo, de continuidade, quer na conduta, quer na postura, quer nas flexões e intensidade de voz ao apresentar o cartão
Choque ao branco	Impasse ao elaborar formas no branco externo da mancha
Choque ao vazio	Quando o indivíduo expressa desagrado ou preocupação com o branco no interior da mancha
Choque ao vermelho	Reação de incômodo diante do vermelho nas pranchas II e III, não percebendo, ou percebendo de forma incompatível, esta cor
Choque cromático	Reação de fascínio, surpresa ou de incômodo e irritação diante das cores cromáticas
Choque acromático	Reação de incômodo diante da cor escura, do preto, do negro ou da escuridão
Abstração	Conteúdos ideativos sem a percepção de formas concretas
Agressividade	Respostas que expressam destrutividade nas verbalizações. Inclui também objetos pontiagudos ou armas de guerra

CAPÍTULO V

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Procuramos adotar uma abordagem conceitual para justificar nossas interpretações, identificando aspectos do funcionamento (construto) da personalidade que associam os dados do teste às conclusões deles derivadas. Prevalece, em alguns momentos, uma abordagem mais empírica em detrimento de elaborações idiográficas – para as quais , até o presente momento, não existem codificações e quantificações disponíveis – por isso essa proposta se abre a discussões, uma vez que os valores atribuídos às estruturas ainda não são, de fato, definitivos.

Os resultados serão apresentados por meio de tabelas, em termos de porcentagens e, às vezes, usando somente a frequência de determinadas variáveis em cada grupo. Os dados mais pertinentes à discussão

dos processos evolutivos no Rorschach e à proposta de valoração foram submetidos a uma análise de variância (ANOVA) para detectar a existência de diferenças significativas entre os grupos, adotando um nível de confiança de 95%. Tendo a ANOVA apresentado uma diferença significativa, passou-se, então, a uma comparação dos grupos dois a dois, por intermédio do teste de Tukey, buscando apreender em quais variáveis Rorschach cada grupo desvela uma configuração mais peculiar. Os programas que utilizamos para as análises estatísticas foram o Excel e o SAS.

5.1. Os Modos de Apreensão

Os modos de apreensão (G, D, Dd, Dbl e Do) que o sujeito escolhe para suas respostas ao Rorschach, de acordo com Weiner (2000), são um bom índice da direção de sua atenção em um modo convencional. Para Vaz (1997), os modos de apreensão revelam a maneira como a pessoa percebe racionalmente a realidade objetiva. Ambos relacionam estas categorias de classificação da resposta no teste à maneira que o indivíduo percebe e entra em contato com o mundo.

É importante esclarecermos alguns critérios que utilizamos nos levantamentos dos dados:

- a) G articulada: são as localizações globais GDbI, DG e DGDbl;
- b) D articulada: são os DDbl;
- c) Dd articulada: são os DdDbI;
- d) localizações articuladas integradas: GDbI, DG, DGDbl, DDbl, DdDbI com os sinais + e +-;
- e) localizações articuladas patológicas: : GDbI, DG, DGDbl, DDbl, DdDbI com os sinais -+ e -.

5.1.a Tabela de porcentagens dos modos de apreensão

Localizações	Esquizof.	Crianças	Adultos	Artistas
Somatório de G .100/R	32,8%	42,7%	34,0%	23,8%
G+ .100/G	24,0%	43,8%	68,7%	62,4%
G+- .100/G	10,8%	27,6%	12,6%	20,0%
G-+ .100/G	5,7%	14,6%	5,3%	4,5%
G- .100/G	59,5%	14,0%	13,4%	13,1%
G articulada + e +-	12,7%	13,4%	19,1%	30,8%
G articulada – e -+	24,0%	11,3%	6,7%	8,1%
Somatório de D .100/R	56,9%	53,0%	59,8%	66,4%
D+ .100/G	31,1%	40,9%	67,4%	65,2%
D+- .100/G	10,6%	33,0%	16,9%	17,0%
D-+ .100/G	6,6%	12,6%	4,6%	4,0%
D- .100/G	51,7%	13,5%	11,1%	13,8%
D articulada + e +-	0,4%	2,5%	7,9%	10,6%
D articulada – e -+	3,7%	0,4%	1,6%	3,3%
Somatório de Dd .100/R	5,6%	1,8%	3,2%	4,1%
Dd+ .100/G	3,7%	25,0%	60,9%	44,7%
Dd+- .100/G	0,0%	62,5%	26,1%	21,1%
Dd-+ .100/G	18,5%	12,5%	8,7%	7,9%
Dd- .100/G	77,8%	0,0%	4,3%	26,3%
Dd articulada + e +-	0,0%	0,0%	0,0%	13,2%
Dd articulada - e -+	0,0%	0,0%	0,0%	7,9%
Somatório Dbl .100/R	3,7%	1,8%	3,0%	5,6%
Dbl+ .100/G	5,6%	37,5%	86,4%	80,8%
Dbl+- .100/G	5,6%	0,0%	0,0%	9,6%
Dbl-+ .100/G	5,6%	25,0%	0,0%	0,0%
Dbl- .100/G	83,2%	37,5%	13,6%	9,6%
Somatório de Do .100/R	1,0%	0,7%	0,0%	0,1%

O grupo de esquizofrênicos desvelou índices percentuais dos modos de apreensão em relação ao número total de respostas (R) próximos

aos índices normativos da escola francesa do Rorschach apresentados por Anzieu (1989), como pode-se observar na tabela abaixo.

5.1.b Tabela de índices percentuais normativos e porcentagens do grupo de esquizofrênicos nos modos de apreensão

Localizações	Índices normativos	Esquizofrênicos
$\Sigma G .100 / R$	20 – 30%	32,8%
$\Sigma D .100 / R$	50 – 60%	56,9%
$\Sigma Dd .100 / R$	5 – 10%	5,6%
$\Sigma Dbl .100 / R$	5 – 10%	3,7%

Contudo, a análise qualitativa descritiva das porcentagens desvela o predomínio de respostas globais primárias (índice baixo de G articulada + e +- = 12,7%) de nível primitivo e patológico (índice elevado de G- = 59,5% mais o índice de G articulada - e -+ = 24,0%), o que evidencia: pobreza perceptual; pouquíssima capacidade de planejamento; desagregação do pensamento lógico; falta de separação nítida e permanente entre os objetos; confusão entre todo e parte; incapacidade do esquizofrênico de lidar com a totalidade da realidade. Tudo isso em função de sua dificuldade de manter a unidade do eu no fluir do tempo e na multiplicidade do mundo, em função de sua constante iminência de catástrofe, de dissociação. Neste sentido, podemos afirmar que a atividade de síntese no esquizofrênico fica tão prejudicada como o fracasso da percepção da unidade.

A qualidade das respostas D, Dd e Dbl (D- e -+ = 51,7% e 6,5, Dd- e -+=77,8% e 18,5%, Dbl- e -+ =83,2 e 5,6%) denunciam fracasso no pensamento concreto, objetivo, pragmático e analítico (D e Dd), bem como comportamentos expressivos de negativismo e oposicionismo (Dbl).

De uma forma geral, os modos de apreensão deste grupo, analisando evolutivamente, nos direciona aos processos psíquicos primários patológicos indicativos de regressão, fixação e desestruturação orgânico-psíquico-existencial.

As porcentagens das localizações em crianças neste estudo se aproximam das porcentagens sugeridas por Jacquemim (1977) em crianças de 3 anos, como se observa na tabela abaixo.

5.1.c Tabela de índices percentuais em crianças

Localizações	Jacquemim (1977)	Grupo de Crianças
$\Sigma G .100 / R$	40,0%	42,7%
$\Sigma D .100 / R$	51,5%	53,0%
$\Sigma Dd .100 / R$	5,5%	1,8%
$\Sigma Dbl .100 / R$	3,0%	1,8%

Podemos inferir, a partir dos dados levantados no presente estudo (tabela 5.1.a), que a porcentagem de G (42,7%) mais elevada, em crianças de 2 e 3 anos que nos demais grupos, está relacionada ao tipo de apreensão peculiar ao estágio dos processos primários ingênuos, em que o ato perceptivo é caracterizado pela liberdade perceptiva, pela ausência de estereótipos e modelos pré-determinados. Estão submetidos a uma indiferenciação e a um sincretismo em função da imaturidade orgânico-psíquica inerente às crianças. Isto se verifica claramente em respostas G primárias (simples, sem articulação e com descrição imprecisa): isto é uma casa; é uma baleia; é um bicho bem grande; é a cama. Segundo Traubenberg (1998) estas G primárias ou primitivas mostram a incapacidade para desagregar os conjuntos, percebido de um modo sumário e esquemático. São comuns até os 5 anos de idade, e a porcentagem pode atingir 50%.

Em relação à qualidade das respostas de localização comparadas aos demais grupos, os dados mostram porcentagens mais elevadas nas categorias que desvelam potencial para progressão (+-), com exceção das respostas de detalhe branco (Dbl). Porém, nesta categoria, a distribuição da porcentagem do Dbl se mostra bem distinta do grupo de esquizofrênicos, onde há o predomínio de estruturas patologicamente precárias.

Os grupos de adultos e artistas, nos modos de apreensão, apresentam porcentagens em relação ao total de R, muito próximas das normas estabelecidas pela escola francesa do Rorschach (tabelas 5.1.a e

5.1.b). Porém, os dados mostram diferenças significativas na qualidade evolutiva dos modos de apreensão. De um lado, o predomínio daqueles que explicitam uma consciência que ordena e racionaliza, que mantém a estruturação e a harmonia das partes no todo, sobretudo no fluir do tempo e das mudanças (G+, D+, Dd+, Dbl+). De outro, os modos de apreensão que revelam, em índices percentuais bem inferiores, sincretismo ou indistinção das percepções, bem como perda do poder penetrativo na realidade e inadaptação a ela (G-, D-, Dd-, Dbl-). Esta comparação também pode ser estabelecida entre o grupo de esquizofrênicos e os grupos de adultos e artistas, evidenciando, em relação às localizações, a fenomenologia dos processos primários patológicos (percepções inexatas e confusas) e a fenomenologia dos processos secundários (percepções claras e ordenadas) respectivamente.

Os artistas se destacam nas categorias dos modos de apreensão articulados + e +-, ou seja, nas localizações articuladas integradas (tabela 5.1.a e 5.1.c), em que apresentam a maior média desta variável (6,9 – tabela 5.1.d). Estes resultados indicam o predomínio, neste grupo, de uma inteligência que integra e harmoniza todo o vivido da história pessoal, que descobre identidades e diferenças combinando unidades, que articula o real e o vir a ser real, bem como capacidade de elaboração, criatividade original e uma discriminação mais precisa do conceito de si, de sua posição em relação a outrem.

Isto se torna mais evidente mediante a análise de variância a partir das médias das localizações articuladas integradas (tabela 5.1.d) que apontou uma diferença significativa entre os grupos ($F < 0,0001$), em que os artistas e os adultos se distingue entre si e dos demais grupos. Porém, em relação a esta variável, as crianças e os esquizofrênicos, em uma análise estatística, não se diferenciam (tabela 5.1.d).

5.1.d Tabela de frequência média das localizações articuladas integradas e localizações articuladas patológicas

Grupos	Integradas	Patológicas
Esquizofrênicos	0,3	1,6
Crianças	1,1	0,7

Adultos	2,6	1,5
Artistas	6,9	2,0

5.1.e Tabela de comparação dos grupos dois a dois na variável localizações articuladas integradas

Comparação entre os grupos	Nível de confiança de 95%*
artista – adultos	*
artista – criança	*
artista – esquizofrênico	*
adulto – artista	*
adulto – criança	*
adulto – esquizofrênico	*
criança – artista	*
criança – adulto	*
criança – esquizofrênicos	
esquizofrênico – artista	*
esquizofrênico – adulto	*
esquizofrênico - criança	

* A presença deste sinal aponta uma diferença estatisticamente significativa entre os grupos comparados.

Em relação as localizações articuladas patológicas não houve diferença significativa entre os grupos. Dessa forma, é uma variável que não distingue condutas *sui generis* dos grupos de nossa amostra.

Contudo, pode-se observar que o grupo de artistas é, ao mesmo tempo, o grupo que atinge a maior número de localizações articuladas integradas e patológicas por sujeito (2,0), e logo em seguida o grupo de adultos (1,5), embora nas patológicas não tenha relevância estatística. Isto nos faz concordar com Petrelli (1989) ao afirmar que um funcionamento normativo pode evidenciar alguns movimentos regressivos e pontos de fixação patológicos, pois, os dois grupos apresentam um contingente de estruturas do processo secundário que asseguram o equilíbrio dinâmico entre as estruturas opostas.

A localização Do foi muito pouco utilizada pelos sujeitos e tornou-se inexpressiva no conjunto dos resultados, sinalizando não corresponderem a percepções comuns aos grupos avaliados, marcando peculiaridades. Apesar de ser um modo de apreensão que associamos aos processos primários, o Do não apontou uma diferença estatisticamente significativa nos grupos de esquizofrênicos e crianças, embora o índice seja um pouco mais elevado no grupo de esquizofrênicos.

5.2. Os Determinantes

Os determinantes são os elementos responsáveis pela interpretação dada. É o conceitual, o emocional e o dinâmico constitutivos do eu, que estruturam o conteúdo do mundo na consciência, dando-lhe o significado, o colorido do afetivo e o dinamismo. Vaz (1997) afirma que, de um modo geral, representam, em comparação com as grandes categorias de localização, conteúdos e fenômenos especiais, os elementos dinâmicos mais estáveis da personalidade.

5.2. Tabela de porcentagens dos determinantes

Determinantes	Esquizof.	Crianças	Adultos	Artistas
Somatório de F.100 /R	75,8%	84,0%	55,1%	46,4%
F+.100 / F	30,3%	47,0%	70,5%	67,3%
F+-.100 / F	8,2%	32,7%	15,3%	18,8%
F-+.100 / F	7,4%	13,0%	3,6%	4,2%
F-.100 / F	54,1%	7,3%	10,6%	9,7%
Somatório de C.100 /R	9,6%	7,7%	11,1%	9,3%
FC	23,9%	2,9%	36,2%	36,3%
CF+-	8,7%	26,5%	27,7%	39,6%
CF-+	17,4%	11,8%	12,0%	8,8%
CF-	2,2%	0,0%	13,3%	14,3%
C	47,8%	58,8%	10,8%	1,0%
Somatório de Clob.100 /R	1,4%	2,0%	3,0%	3,2%

FClOb	14,3%	0,0%	27,3%	59,5%
ClObF+-	0,0%	33,3%	36,4%	3,1%
ClObF-+	0,0%	0,0%	4,5%	6,2%
ClObF-	14,3%	55,6%	22,7%	25,0%
ClOb	71,4%	11,1%	9,1%	6,2%
Somatório de (C) .100 /R				
F(C)	0,8%	0,7%	8,0%	6,6%
(C)F+-	0,0%	0,0%	45,0%	42,2%
(C)F-+	25,0%	44,3%	28,3%	39,1%
(C)F-	50,0%	0,0%	13,3%	14,0%
(C)	25,0%	66,7%	6,7%	4,7%
(C)	0,0%	0,0%	6,7%	0,0%
Somatório de kob.100 /R				
Fkob	1,0%	4,3%	4,2%	3,9%
kobF+-	0,0%	0,0%	12,5%	43,6%
kobF-+	60,0%	5,3%	18,8%	12,8%
kobF-	0,0%	52,7%	12,5%	15,4%
kob	40,0%	21,0%	28,1%	20,5%
kob	0,0%	21,0%	28,1%	7,7%
Somatório de kan.100 /R				
kan+	5,4%	1,1%	10,2%	16,8%
kan+-	30,8%	40,0%	83,1%	83,7%
kan-+	7,7%	0,0%	9,1%	10,9%
kan-	3,8%	0,0%	1,3%	1,2%
kan-	57,7%	60,0%	6,5%	4,2%
Somatório de cinestesia H.100 /R				
K	6,0%	0,2%	8,4%	13,8%
K	16,7%	0,0%	84,0%	60,7%
kp	83,3%	100,0%	15,9%	39,3%

Nossas considerações, neste momento, basearam-se em análises descritivas das porcentagens. Em relação ao fator conceitual-cognitivo (F) percebe-se um índice percentual mais elevado nas crianças (F= 84,0%). Este se aproxima do índice encontrado por Jacquemim (1977), em crianças de 3 anos, (F=82,9%). O F elevado pode indicar um esforço da criança de 2 e 3 anos, em nossa amostra, no sentido de não extravasamento de reações afetivas no seu modo de agir e atuar, o que não se verifica, segundo Jacquemim (1977), no aumento da idade, em que há maiores possibilidades de expansão afetiva, ocorrendo o rebaixamento progressivo de F%. O tipo de vivência (TRI) coartado e coartativo (tabela 5.5.b), que se revela predominante,

confirmaria esta observação de que as crianças parecem restringir as manifestações afetivas.

Analisando a qualidade das respostas formais no grupo de crianças, a categoria que se destaca dos demais grupos é o F+- (32,0%), desvelando o maior índice percentual em estruturas conceituais não diferenciadas, mas em transformação, próprias de uma experiência em expansão e evolução.

No grupo de esquizofrênicos o F% elevado (75,8%), em relação aos padrões normativos estabelecidos por Adrados (1991), indica uma formalização excessiva em um esforço de leitura objetivante do material, procurando eliminar dele a contribuição subjetiva e usando o distanciamento das ingerências das fantasias (Chabert, 1993). Isto é o que Vaz (1997) também argumenta sobre o índice de forma pura (F%) elevado: temendo a ameaça de dissociação, o esquizofrênico tenta proteger-se por meio do controle intelectual sobre o meio externo. Todavia, a racionalização não chega a assegurar uma continência, uma precisão e coerência do pensamento (F- e -+ > F+ e +-, o que equivale a 61,5% > 38,5%). Os dados denunciam julgamentos arbitrários em função de uma dissociação entre experiência e realidade. Neste sentido, a relação com o real se define, em seu conjunto, por fracassos graves do funcionamento perceptivo e adaptativo (F- elevado). Segundo Chabert (1993), denuncia a perda do contato com a realidade externa e a desorganização do pensamento acarretado pela ineficácia de diferenciação ego e alter-ego.

Nos demais determinantes, tanto no grupo de esquizofrênicos quanto no grupo de crianças, há o predomínio de estruturas que carecem de controles cognitivos eficientes (C, Clob e ClobF-, (C)F-+ e -, kobF-, kan- e kp elevados). Isto denuncia, em termos dinâmicos, um funcionamento a partir dos processos primários, em que há uma emergência de descarga total e imediata de energia, sem nenhum vínculo com as circunstâncias e oportunidades, obedecendo exclusivamente ao princípio da redução e eliminação do desprazer.

Neste momento, faz-se necessário distinguir que essa modalidade de funcionamento primário nas crianças está dentro dos limites

estabelecidos pelas normas biológicas e sociais, orientando para um diagnóstico de imaturidade evolutiva natural e pertinente à infância, longe de conotações negativas e regressivas. Trata-se, por assim dizer, de impulsos e dinamismos absolutos, de operações pre-lógicas, de potenciais em expansão, livres de patologias.

Já no adulto, aqui referindo-se ao grupo de esquizofrênicos, esse modo de funcionamento psíquico acusa um defeito estrutural funcional, manifestações dinâmicas e condutas caóticas. Neste sentido, remete-se a um diagnóstico de fixação, regressão e desestruturação, uma vez que estas estruturas deficientes não coexistem com as estruturas eficientes do processo secundário, mas se sobrepõem a elas. O que se evidencia, então, é o deterioramento da experiência, a fragilidade das estruturas cognitivas que comprometem o exame real e a quebra da sintonia, da harmonia, da estética, da funcionalidade e do equilíbrio em uma identidade patologicamente desadaptada.

Este é um fenômeno que parece não atingir o grupo de artistas, não havendo um controle demasiado via expressão lógico-racional da percepção ($F= 46, 4\%$). O grupo desvela estruturas que permitem ao indivíduo se abandonar no imaginário e usufruir da espontaneidade e da fluidez de sua criatividade ($F+= 67,3\%$, $F+-= 18,8\%$, $kan+= 83,7\%$, $FClob+= 59,5\%$, $F(C)= 42,2\%$, $(C)F+-= 39,1\%$, $FC= 36,3\%$, $CF+-= 39,6\%$, $Fkob= 43,6\%$, $kobF+-=12,8\%$ e $K=60,7\%$) sem se sentir ameaçado por seus impulsos e emoções, pois já tem garantidas as estruturas adaptativas do processo secundário. Aqui parece desvelar a capacidade do artista em se dissociar, em se abandonar ao paradoxo, ao pre-lógico, em uma atitude de passividade transitória, reversível e intencional. Nesse sentido, de acordo com Arieti (1969, *apud* Petrelli, 1989), não se perde a análise da realidade, pois essa passividade não se estende a toda psiquê e não invalida o processo secundário, a atividade racional, dando origem a síntese terciária.

O grupo de adultos, por sua vez, evoca um funcionamento normativo ($F= 55,1\%$, $F+= 70,5\%$, $kan+= 83,1\%$, $F(C) + (C)F+- > (C)F-+ + (C)F- + (C)$, $FC + CF+- > CF-+ + CF- +C$, $FClob + ClobF+- > ClobF-+ + ClobF- +Clob$

e $K=84,1\%$), embora evidencie, mais uma vez, alguns movimentos regressivos e pontos de fixação patológicos ($kob + kobF- > Fkob + kobF+- + kobF-+$). Contudo, se trata de pessoas que conseguiram superar a fase da infância e não estão acometidas por quadros psicopatológicos graves. Apresentam invasões ou regressões com duração variável, resistindo à censura e aos controles do ego. O processo primário se desloca de um momento de latência para um momento de atividade, interferindo, temporariamente, nos processos cognitivos, nas respostas da afetividade e da conexão em pessoas momentaneamente distraídas, cansadas ou submetidas a situações de tensões.

5.3. Os Conteúdos e o Índice de Realidade

Mais uma vez, optamos, quase que exclusivamente, por uma análise descritiva das porcentagens. Não nos aprofundamos em uma análise dinâmica dos conteúdos nem em suas especificidades, prancha por prancha, não por desmerecer a sua importância, mas por limitações, deste estudo, de abarcar a multiplicidade de dados em uma proposta avaliativa ainda em construção, embora insistimos em uma ótica integrativa de leitura estrutural-dinâmica e temática do material suscitado do estímulo Rorschach.

Para Souza (1971 *apud* Jacquemim, 1977), o conteúdo das respostas revela a variabilidade e riqueza ideativa do indivíduo e o uso que ele faz dessa riqueza, bem como uma noção, embora imperfeita, dos interesses, problemas e preocupações do sujeito.

5.3.a Tabela de porcentagens dos conteúdos animais e humanos

Conteúdos	Esquizof.	Crianças	Adultos	Artistas
A	36,1%	44,7%	40,1%	31,2%
(A)	2,9%	6,7%	2,4%	3,5%
Ad	1,6%	0,7%	6,7%	6,6%
(Ad)	0,2%	0,2%	0,0%	0,5%
Total	40,8%	52,3%	49,2%	41,8%

H	9,0%	2,1%	8,8%	10,4%
(H)	5,9%	3,4%	3,8%	7,7%
Hd	4,1%	5,5%	3,8%	3,4%
(Hd)	0,4%	0,2%	0,4%	0,9%
Total	19,4%	11,2%	16,8%	22,4%

5.3.b Tabela de porcentagens dos conteúdos moderadores

Cont. moderadores	Esquizof.	Crianças	Adultos	Artistas
objeto	6,6%	12,1%	7,2%	10,4%
botânico	2,9%	2,8%	5,0%	3,3%
natureza	2,7%	2,8%	4,0%	5,2%
geografia	0,0%	0,0%	0,7%	1,5%
arte	0,0%	1,6%	1,1%	0,4%
arquitetura	1,0%	0,7%	0,3%	1,3%
símbolo	0,2%	0,0%	0,9%	1,3%
Total	13,4%	20,0%	19,2%	23,4%

5.3.c Tabela de porcentagens dos conteúdos complexuais

Cont. complexuais	Esquizof.	Crianças	Adultos	Artistas
sangue	0,8%	0,5%	1,1%	0,5%
fogo	0,0%	3,7%	0,3%	0,5%
explosão	0,0%	0,0%	1,3%	0,1%
fumaça	0,0%	0,0%	0,3%	0,5%
nuvem	1,2%	2,1%	0,8%	0,6%
mancha	1,4%	0,0%	0,3%	0,3%
tinta	0,2%	2,8%	0,1%	0,1%
sujeira	0,6%	0,5%	0,0%	0,0%
buraco	0,2%	1,1%	0,3%	0,0%
cor	4,6%	1,1%	0,0%	0,2%
anatomia	8,5%	1,3%	6,3%	4,6%
fragmento	1,4%	0,0%	0,0%	0,4%
máscara	0,0%	1,4%	1,9%	1,0%
alimento	2,3%	1,8%	0,7%	1,0%
sexual	5,0%	0,2%	1,1%	2,3%
Total	26,2%	16,5%	14,5%	12,1%

5.3.d Tabela do índice de realidade

Esquizof.	Crianças	Adultos	Artistas
-----------	----------	---------	----------

20,9%

31,9%

74,8%

75,0%

As percepções de animais são os conteúdos que surgem com maior frequência em qualquer protocolo, sendo o índice normativo, para a maioria dos pesquisadores do método de investigação do Rorschach, em torno de 30 a 50% para adultos e de 45 a 70% em crianças, em pessoas pouco cultas ou em personalidades que escondem dificuldades de adaptação. O A está associado aos mecanismos de automatismos mentais indispensáveis ao pensamento e a uma adaptação mais superficial ao coletivo. Os índices apresentados pelos grupos avaliados se encontram dentro do intervalo esperado ($A_{\text{esquizof.}} = 40,8\%$, $A_{\text{crianças}} = 52,3\%$, $A_{\text{adultos}} = 49,2\%$, $A_{\text{artistas}} = 42,0\%$)

É importante observar, ainda, que o mundo animal constitui uma classe de perceptos que parece favorecer, em nossos sujeitos, a apreensão do inteiro, da totalidade. Segundo Santos (1996), isso pode estar relacionado a menor carga ansiogênica que estes conteúdos despertam nesses indivíduos. As percepções parciais e irrealistas são proporcionalmente menores do que os conteúdos dos inteiros e realistas [$A > (A) + (Ad) + Ad$], inclusive no grupo de esquizofrênicos. Poderíamos associar esta configuração ao fato destes perceptos zoomórficos colocarem em cena o uso de mecanismos de pensamento mais automatizados e estereotipados, não requerendo, portanto, maior esforço adaptativo ou uma recorrência àqueles recursos internos mais complexos e pessoais.

Os conteúdos humanos, por sua vez, indicam o interesse que a pessoa tem pelo ser humano, pelo meio ambiente em geral, além do interesse por si mesma. Os índices percentuais de H apresentados pelos quatro grupos encontram-se próximos ou dentro do intervalo esperado, de 15 a 20%, sendo peculiar nas crianças um índice inferior a 15%, em função da imaturidade na estruturação de sua imagem corporal.

Essa imaturidade das crianças se observa, também, no índice mais elevado de Hd e (H) em relação ao H inteiro [$(Hd + (Hd) > H + (H)$ e $H < (H)$], o que ratifica, por um lado, a não integridade corporal e a percepção parcial,

fragmentada, da pessoa, como a percepção de objetos parciais, típica da posição esquizo-paranóide estudada por Melani Klein, capazes de frustrar ou gratificar necessidades específicas. Por outro lado, o (H) aponta o pensamento mágico e onipotente comum em crianças, mediante imagens humanas sobrenaturais e irreais.

No caso do grupo de esquizofrênicos, poderíamos esperar maior presença de formas humanóides, produzidas graças à ativação de mecanismos de idealização que permitem manter o distanciamento em relação aos aspectos reais do objeto e que, nessa medida, segundo Chabert (1993) , protege o paciente do contato direto com uma realidade que se lhe afigura insuportável. Mas, de qualquer forma, as percepções de H inteiro, as percepções interpessoais mais adaptadas à realidade, não superam as percepções de H irreal e parcial que, por sua vez, indicam prejuízo no relacionamento com as pessoas, bem como na capacidade de empatia e auto-aceitação [$H < (H) + H_d + (H_d)$]. Aqui se desvela um *self* desmantelado por uma desestruturação regressiva orgânico-psíquica, e não por imaturidade como nas crianças.

No grupo de artistas este mesmo fenômeno se repete [$H < (H) + H_d + (H_d)$], porém com conotações um pouco diferentes, embora, as formas humanóides e parciais representem, ainda, um meio que o sujeito encontra para manter o contato possível com a realidade. O artista, por assim dizer, sabe se inserir no sobrenatural e irreal, uma vez que consegue um firme apoio na realidade, ou seja, nas modalidades de funcionamento do processo secundário.

O único grupo em que o H inteiro superou as demais categorias de conteúdo humano menos adaptativas às relações interpessoais e associadas às dificuldades de estruturação da imagem corporal, foi o grupo de adultos [$H > (H) + H_d + (H_d)$]. Este dado sugere uma melhor adaptação social quando analisado juntamente ao índice de realidade, com os percentuais de A, K, F+, G+ e D+ por exemplo.

Traubenbergl (1998) propõe agrupar em uma fórmula percentual os conteúdos de detalhe da figura humana, as anatomias, as respostas sangue e sexo [$(H_d + anat + sex + sg) \times 100 / R$]. O resultado percentual, desta fórmula,

superior a 12, já seria um indicador de ansiedade e angústia corporal, embora não sejam estas as únicas estruturas Rorschach que evidenciem este fenômeno, uma vez que são múltiplas as expressões desse mal estar.

Os resultados denunciam uma vivência de não integridade da imagem corporal e uma constituição do esquema psico-físico desvitalizado e com tonalidades mórbidas no grupo de esquizofrênicos (esquizofrênicos = 18,4%, crianças = 7,5%, adultos = 12,3%, artistas = 10,8%). Isso também pode ser observado na tabela de conteúdos complexuais em que a porcentagem mais elevada encontra-se neste mesmo grupo (esquizofrênicos = 23,9%, crianças = 14,7%, adultos = 13,8%, artistas = 11,1%). Segundo Colombo et al. (1993), esses conteúdos, geralmente, têm conotações desprazerosas, regressivas e com fortes cargas afetivas. Indicam conflitos perturbadores que, em quantidades elevadas, evidenciam pessoas invadidas por angústias e com escassos recursos para superá-las.

Esta situação se agrava quando os demais conteúdos (obj, bot, nat, geo, arte, arq e sim) – que podemos denominar de moderadores, uma vez que possuem um caráter neutralizador de impactos afetivos que algumas percepções provocam, evidenciando como o indivíduo orienta e canaliza sua problemática, de maneira que possa amortizar o conflito sem perder o contato com a realidade e o mundo dos objetos – se apresentam em porcentagens inferiores (esquizofrênicos = 13,4%, crianças = 20,0%, adultos = 19,2%, artistas = 23,4%). Como podemos visualizar na tabela 5.3.b e 5.3.c, o grupo que se distancia dos demais é o grupo de esquizofrênicos, demonstrando uma dificuldade maior em orientar e canalizar suas problemáticas. Por outro lado, os artistas se destacam pelo percentual mais elevado nos conteúdos moderadores, e percentual menor nos conteúdos complexuais, o que revela maior capacidade de aliviar os conflitos afetivos, bem como uma maior capacidade de adequar à realidade, amortecendo e, muitas vezes, elaborando os sentimentos e conflitos desestruturantes.

Isto pode ser melhor visualizado nas tabelas 5.3.e e 5.3.f, em que o número médio de conteúdos moderadores por grupo atingiu o maior valor no grupo de artistas (11,2), a análise de variância detectou a diferença

estatisticamente significativa ($F < 0,0001$), e a comparação entre os grupos desvelou, nesta variável, uma configuração peculiar do artista.

Na coluna dos conteúdos complexuais (tabela 5.3.f) percebe-se que as diferenças relevantes se encontram apenas entre os grupos de artistas e crianças ($F < 0,0164$), indicando que os artistas têm muito mais preocupações perturbadoras do que as crianças, o que não ocorre nas comparações com os demais grupos.

5.3.e Tabela de frequência média dos conteúdos moderadores e complexuais

Grupos	Moderadores	Complexuais
Esquizofrênicos	2,4	4,4
Crianças	2,9	2,4
Adultos	3,1	3,7
Artistas	11,2	6,0

5.3.f Tabela de comparação dos grupos dois a dois na variável conteúdos moderadores e complexuais

Comparação entre os grupos	Moderadores	Complexuais
artista – adultos	*	
artista – criança	*	*
artista – esquizofrênico	*	
Adulto – artista	*	
adulto – criança		
adulto – esquizofrênico		
criança – artista	*	*
criança – adulto		
criança – esquizofrênicos		
esquizofrênico – artista	*	
esquizofrênico – adulto		
esquizofrênico – criança		

* A presença deste sinal aponta uma diferença estatisticamente significativa entre os grupos comparados.

Novamente, o grupo de artistas atinge a maior média de estruturas consideradas saudáveis por sujeito, como também de estruturas que denunciam perturbações conflituais do indivíduo (5.3.f). Isso nos leva a perceber, mediante o Rorschach, o que Carotenudo (1996) sugeriu ao argumentar que parece existir uma relação entre liberdade perceptiva/criatividade/capacidade construtiva integrativa e sofrimento/complexos/forças desestruturantes.

Um outro fator, mais específico, que nos permite inferir sobre a percepção e a adaptação ao senso comum é o índice de realidade, que se baseia nas respostas banais ou vulgares. Já em 1921 Rorschach (1973) argumentava que o caráter banal das associações é capaz de nos elucidar sobre a capacidade de adaptação intelectual à medida que as respostas banais representam a participação na maneira de conceber da coletividade. Vaz (1997) também associa às respostas vulgares as condições que a pessoa tem para perceber as coisas em consonância com o grupo humano a que pertence. Dizem respeito a como a pessoa se ajusta e se adapta na prática, no uso de suas funções intelectuais, em situações do dia-a-dia. De acordo com os resultados da tabela 5.3.d os grupos se apresentaram na seguinte ordem crescente de participação no pensamento coletivo: IR_{esquizofrênicos} = 20,9%, IR_{crianças} = 31,9%, IR_{adultos} = 74,8% e IR_{artistas} = 75,0%.

Nesse sentido, de acordo com os valores apresentado, podemos afirmar que as crianças de 2 e 3 anos de idade, sujeitos de nossa amostra configuram uma melhor capacidade de compreender as normas de convivência do senso comum – embora as estruturas Rorschach evidenciassem dinamismos absolutos, operações pré-lógicas e liberdade perceptiva, ou seja, percepções sincréticas e confusas – do que os esquizofrênicos. Esse grupo de pacientes psiquiátricos, mediante os processos regressivos e de fixação patológicos que dissociam o pensamento coerente, parece afastar-se mais do natural e comum à coletividade, criando as suas próprias regras alheias à realidade de convivência com o social, em que as fantasias estão acima do

óbvio. Este já é um fenômeno que não se observa nos grupos de adultos e artistas, pois ambos atingem índices bem satisfatórios de adaptação intelectual e às regras de convivência com o grupo que pertencem.

5.4. Os Fenômenos Especiais

Não discutiremos todos os fenômenos especiais. Vamos nos ater, principalmente, naqueles que apresentaram diferenças estatisticamente significativas entre os grupos, ou pela sua maior ou menor incidência nos grupos.

É importante esclarecermos que, quando codificamos o fenômeno especial abstração, ele não estava associado a uma confabulação, a uma contaminação ou, ainda, a um neologismo. Nestes casos, em que o fenômeno abstração ocorreu sucessivamente, ou de forma simultânea aos demais fenômenos citados, prevaleceu sempre a confabulação, a contaminação ou o neologismo. Talvez, por este motivo, a abstração, no grupo de esquizofrênicos – referida na literatura como comum nos protocolos de esquizofrênicos por traduzir uma tentativa de defesa, via intelectualização, do estado de ausência de sentido em que o indivíduo está imerso e por calcar reações superficiais, arbitrárias e forçadas entre os elementos (Chabert, 1993) – ocorreu com baixa frequência (tabela 5.4.a).

5.4.a Tabela de frequência dos fenômenos especiais

Fenôm. Especiais	Esquizof.	Crianças	Adultos	Artistas
abstração	2	0	5	4
agressividade	2	6	34	6
atenção sel. ao vermelho	2	5	2	0
auto-crítica	0	0	2	0
auto-referência	36	3	13	21

choque acromático	21	9	9	9
choque ao branco	1	0	5	0
choque ao cartão	6	0	19	11
choque ao vazio	0	7	5	0
choque ao vermelho	1	0	8	7
choque cromático	6	1	6	6
confabulação	90	3	8	16
consc. ato interpretativo	0	0	3	2
contaminação	37	2	7	6
conteúdo persecutório	1	1	3	8
crítica ao objeto	15	1	64	16
desvitalização	12	1	24	31
deterioração	3	0	6	5
disforia	24	5	33	36
estereotipia	90	122	22	27
idéia de referência	2	1	25	9
inho	0	1	28	0
negação	24	0	11	12
neologismo	5	0	0	0
olhar o verso do cartão	2	4	2	0
perseveração	8	16	9	14
perspectiva	0	0	5	6
reflexo	0	0	17	15
rejeição	38	18	13	2
simetria	1	0	20	15
descrição do objeto	0	0	10	14
luminosidade	0	0	0	6
Total	429	206	418	304

Inserir tab. 5.4.b

5.4.c Tabela de frequência média de alguns fenômenos especiais por grupo

Grupos	Ester	Conf	Cont	Auto- refer.	Nega	Crític Obj.	Desv	Desc Obj.	Inho
Esquizof.	3,0	3,1	1,2	1,2	0,8	0,5	0,4	0,0	0,0
Crianças	4,1	0,1	0,1	0,1	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0
Adultos	0,8	0,2	0,1	0,3	0,2	2,1	0,8	0,3	0,9
Artistas	1,4	0,8	0,4	1,0	0,6	0,8	1,6	0,7	0,0

Nos chamou a atenção a maior incidência da agressividade no grupo dos adultos do que nos demais grupos, refletindo uma maior hostilidade e sentimento de ser ameaçado (esquiz. = 2, crianças = 6, adultos = 34, artistas = 6). Segundo Sullivan (1953), a contenção da liberdade de expressar a agressividade é indutora de processos psicóticos. Dessa forma, os adultos manifestam explicitamente a agressividade, fato que os libera de defesas e reelaborações psicóticas. A frequência menor nos esquizofrênicos poderia estar relacionada a um bloqueio da agressividade natural, entendida como energia e defesa de vida. A agressividade incrustada, interdita, reprimida ao ser “engolida” e abafada, explodiu em uma psicotização do indivíduo.

Os fenômenos especiais mais frequentes (tabela 5.4.a) e que, ao mesmo tempo, detectam uma configuração mais específica dos esquizofrênicos (tabela 5.4.b) foram: as estereotipias (90 – $F < 0,0001$), as confabuladas (90 – $F < 0,0001$), as contaminadas (37 – $F < 0,0001$), as rejeições (38 – $F < 0,0478$), as auto-referências (36 – $F < 0,0001$), as negações (24 – $F < 0,0055$) e os neologismos (5 – $F < 0,0478$) que, apesar da pouca incidência, constituíram-se em um fenômeno exclusivo deste grupo.

As tabelas 5.4.b e 5.4.c mostram que a estereotipia é um fenômeno que distingue bem os grupos de esquizofrênicos e adultos, em que os esquizofrênicos apresentam uma quantidade significativamente maior que os adultos. Porém, não é um fenômeno que, quantitativamente analisando, faz a distinção entre os esquizofrênicos e os artistas, bem como entre os esquizofrênicos e as crianças ou vice-versa

As estereotipias, neste grupo, parecem obedecer à compulsão de repetição pela não observância da prova de realidade, pelo fracasso das capacidades de diferenciação e pela existência ativa de mecanismos da ordem da negação da realidade. Outros dados, como a incidência mais elevada da negação (24), o percentual elevado de F- (59%) e o menor índice de realidade (20,9%), juntamente com as estereotipias, explicitam, também, falhas consideráveis na qualidade da relação com o real. Mais especificamente, há, por assim dizer, uma recusa em admitir novas percepções, formando uma

espécie de barreira contra as excitações externas ao mundo interior, negando toda diferença e toda singularidade, contra as representações das ingerências de fantasias e das confusões emocionais (Chabert, 1993).

Tanto as respostas confabuladas quanto as contaminadas, fenômenos intimamente ligados ao processo primário patológico, denunciam a presença de algum elemento perturbador nas associações incompatíveis. Traduzem as particularidades de processos cognitivos seguidos por operações de pensamento frequentemente bizarras e, em todos os casos, desconectadas umas em relação às outras. Sinalizam, também, a distorção da realidade e a dissociação do pensamento (Portuondo, 1972). As tabelas 5.4.b e 5.4.c apontam estes dois fenômenos como bons detectores de processos patológicos em nível de uma esquizofrenia. São os únicos fenômenos que distinguem este grupo de qualquer outro pela sua incidência elevada.

As confabuladas revelam a deterioração da esfera conceitual pela liberação do emotivo e do dinâmico, os quais passam a modelar a realidade. Evidenciam um defeito de causalidade lógica, colocando em risco a dimensão temporal. As contaminadas, por sua vez, acusam um defeito na organização do espaço, na estética e composição de elementos. Segundo Vaz (1997), é um dos elementos qualitativos do Rorschach mais comprometedores quanto à precisão e coerência do pensamento. A literatura Rorschach também aponta este como um dos fenômenos mais característicos da esquizofrenia.

As rejeições, de uma forma geral, estariam relacionadas, segundo Chabert (1993), a uma pobreza de associações e de fantasias, traduzidas pela ausência de elaboração de imagens figurantes e pela deserção do espaço psíquico pelos *representantes das representações inconscientes*. Além da pobreza associativa, também fazemos a leitura desse fenômeno como uma negação de qualquer contato que, no caso dos esquizofrênicos, leva-os a viver como se fossem condenados e julgados o tempo todo, como se fossem responsáveis pelas catástrofes e desorganizações do mundo. De acordo com as tabelas 5.4.b e 5.4.c, este é um fenômeno que mostra uma diferença estatisticamente significativa entre os grupos de esquizofrênicos e artistas, sendo os outros grupos muito semelhantes em relação a sua incidência

Um outro dado relevante, já citado anteriormente, é a frequência elevada da negação em relação aos demais grupos. Ao compararmos a sua incidência com os outros grupos (tabelas 5.4.b e 5.4.c), observamos configurações bem distintas, diferenciando, apropriadamente, os grupos de adultos e crianças dos esquizofrênicos e aproximando-os ao grupo dos artistas. Mediante esse fenômeno especial se evidencia a descontinuidade marcante do pensamento esquizofrênico que, não raro, traz consigo uma distância entre aplicação espontânea do teste e o inquérito. Alguns pacientes não se lembravam das respostas que deram alguns segundos antes do inquérito, que foi realizado imediatamente após a resposta. Quando se recordavam, alguns, ainda localizavam as respostas de forma absolutamente arbitrária. Os pacientes psicóticos, segundo Chabert (1993), abordam superficialmente as pranchas do teste, sem manter uma atenção contínua, talvez com receio de serem captados por um objeto que os absorva se nele se demorarem.

É bem provável que a negação nos artistas não tenha esta mesma conotação. É importante lembrarmo-nos de que a forma de aplicação do teste foi diferente para os dois grupos – no grupo dos artistas o inquérito fez parte de um segundo momento, após todas as respostas nos 10 cartões já terem sido emitidas, como em uma aplicação convencional do teste – e que o número médio de respostas no Rorschach por artista (tabela 5.6.e - 46,4 respostas) foi quase três vezes maior que a média do número de respostas por esquizofrênicos (16 respostas). Podemos, então, inferir que a negação estaria mais relacionada a uma defesa neurótica ou a uma amnésia senil, já que o grupo de artistas é o grupo de sujeitos com a faixa etária mais elevada.

A auto-referência se tornou um fenômeno de destaque pela sua frequência em nossa amostra de esquizofrênicos – outros autores, como Adrados (1991) e Vaz (1997), já haviam detectado a sua incidência nestes pacientes. Ela está, neste caso, mais associada a um transtorno profundo do juízo e do pensamento, em que falta a distinção entre sujeito e objeto por identificações, quase sempre negativas, do que ao caráter egocêntrico infantil. Dessa forma, tem-se uma perda de contato com o objeto, com o mundo objetivo, por involução do eu.

Neste sentido, segundo Petrelli, a auto-referência é um “fragmento”, o resto de uma “consciência de si” perdida no *pathos* da psicose esquizofrênica; um fragmento não mais autêntico. Comparando a sua incidência nos demais grupos (tabelas 5.4.b e 5.4.c), detectamos uma diferença estatisticamente significativa, distinguindo os esquizofrênicos do grupo de crianças e adultos, e mais uma vez, desvelando uma maior semelhança com os artistas.

Neste caso, poderíamos sustentar que as auto-referências nos artistas, quase nunca frutos de identificações negativas como nos esquizofrênicos, se referem mais a uma necessidade de expressão de sua subjetividade e à presença de um caráter egocêntrico, como podemos observar nos exemplos a seguir: prancha VIII (D1) - Essa parte lembra a minha linda cachorrinha peluda; prancha VI (G) - Me lembrou uma pele de rã que tem em meu ateliê; prancha III (G) - São duas bailarinas africanas... é bem realista, não sei se é mesmo... porque eu fiz muitas coisas africanas agora.

Retomando a tabela 5.4.b, podemos identificar o neologismo como um fenômeno que distingue os esquizofrênicos de qualquer outro grupo. Este fenômeno que, segundo Exner (1993), implica no uso de uma palavra incorreta, ou inexistente, no lugar de outra que se adequa perfeitamente na capacidade verbal do sujeito, não permite uma comunicação clara em função de sua característica bizarra e sincrética. Um exemplo desta expressão rara, que denuncia um pensamento ilógico, dissociado, lábil e circunstancial, seria: prancha V (G): Isso é um escorpitário, uma mistura de escorpião com sagitário.

No grupo de crianças, o fenômeno especial que mais se destacou foi a estereotipia com 122 ocorrências ($F < 0,0001$), e, logo em seguida, a rejeição e a perseveração – embora nenhum destes fenômenos apresentem diferenças estatísticas significativas que venham distinguir uma performance inerente às crianças da amostra – com 18 e 16 ocorrências respectivamente. As tabelas 5.4.b e 5.4.c revelam que a estereotipia distingue as crianças dos artistas e dos adultos pela sua média de ocorrência mais elevada, mas se aproxima dos esquizofrênicos. Desse modo, analisando quantitativamente, de

acordo com este fenômeno, crianças e esquizofrênicos se comportam de forma semelhante.

A estereotipia, neste caso, indica, juntamente com a perseveração e a rejeição, a falta de recurso, de categorização e de diferenciação entre sujeito e objeto por imaturidade psico-física. Estes fenômenos refletem a incapacidade, evolutivamente natural, de identificar e distinguir os conteúdos da consciência e do mundo, desvelando a falta de capacidade de organizar a experiência de forma diferenciada e articulada, própria de um processo evolutivo primário ingênuo, o que difere da compreensão deste fenômeno no grupo de esquizofrênicos, como já discutimos anteriormente.

Nos adultos os fenômenos especiais mais comuns foram: a crítica ao objeto com 64 ocorrências ($F < 0,0017$), a expressão inho com 28 ($F < 0,0138$), a idéia de referência com 25 ($F < 0,0138$), a disforia com 33 – contudo, não foi estatisticamente significativa em relação aos demais grupos, embora sua frequência, em relação aos outros fenômenos do próprio grupo, tenha sido mais elevada – e o choque ao branco com 5 ocorrências que, apesar da pouca incidência, se destacou como um fenômeno que distingue o grupo de adultos em relação aos demais, além da agressividade que já citamos anteriormente.

A crítica ao objeto, nesta amostra que também apresenta índices elevados de agressividade, evidencia não só traços obsessivos na tendência a querer corrigir tudo, como também traços paranóicos, mediante uma agressividade extrapunitiva com tendências a atacar o mundo com comentários malevolentes. Loosli-Usteri (1962), por sua vez, traduz essas críticas como auto-críticas camufladas, em que as pranchas, e não a inibição do sujeito, são tomadas por responsáveis pela dificuldade de interpretação. Nesse sentido, as críticas ao objeto, nos sujeitos adultos do presente estudo, emanam das suas próprias incertezas interiores, ou talvez por um juízo crítico bem consolidado.

Como se pode observar (tabelas 5.4.a, 5.4.b e 5.4.c) a expressão inho foi praticamente exclusiva dos adultos. De acordo com a análise de variância, a expressão constitui um fenômeno que distingue este grupo dos demais. Segundo Vaz (1997), este código especial está relacionado ao uso do

mecanismo de formação reativa, em que a atitude que se constitui reação ao desejo recalcado é de sentido oposto a este.

Um outro fenômeno que evidencia um estilo de resposta inerente aos adultos é a idéia de referência (tabelas 5.4.a, 5.4.b – $F < 0,0138$). Vaz (1997) afirma que este código ocorre em pessoas demasiadamente confusas ou com transtornos neuróticos. Nesse sentido, se associarmos este fenômeno às auto-referências, podemos inferir que os adultos desta pesquisa, de uma certa forma, desvelam comprometimentos da personalidade mediante perturbações emocionais em que a expressão de sua subjetividade, experiências passadas marcantes, passam a ser o traço distintivo do percepto.

A mesma situação se repete em relação ao choque ao branco. Este, por sua vez, denuncia uma ansiedade situacional, mobilizando sentimentos de temor não objetivo, insegurança e, às vezes, de inferioridade (Vaz, 1997).

Os grupos de artistas e adultos se aproximam, ou melhor, não se distinguem em relação à incidência dos fenômenos especiais de perspectiva, reflexo e simetria. Podemos inferir que ambos apresentam algumas tendências à introspecção e à busca de apoio diante de situações que geram ansiedade e insegurança (perspectiva e simetria), bem como uma disposição para o auto-centramento e fechamento de si para o outro (reflexo). Podemos, ainda, sustentar que essas características divergem estes dois grupos dos grupos de crianças e esquizofrênicos que, por sua vez, se assemelham pela inexistência ou escassez desses fenômenos (perspectiva= $F < 0,0001$, reflexo= $F < 0,0001$ e simetria= $F < 0,0190$).

Os artistas se destacam como grupo, mediante a ANOVA, pela incidência, estatisticamente significativa, dos fenômenos descrição do objeto ($F < 0,0478$), desvitalização ($F < 0,0001$) e luminosidade ($F < 0,0001$)

De acordo com Chabert (1993), a descrição do objeto está relacionada ao exagero de comentários – muitas vezes gerados pelo aumento da reatividade sensorial (percepção das cores) ou do investimento da atividade pulsional (cinestésias) – que podem ser considerados como provocações sedutoras ou, também, como atos compulsivos que, de qualquer forma,

caracterizam traços neuróticos, em que o diretor autêntico de suas próprias produções imaginárias é o próprio sujeito. Neste sentido, a descrição detalhada, igualmente, pode sugerir mecanismos de idealização ou desvalorização do objeto que, segundo a nossa leitura, pode caracterizar uma disposição depressiva, uma visão mais penetrante da realidade, um caráter viscoso, em que o sujeito não se libera das relações com o objeto.

Segundo esta autora, este mesmo mecanismo de idealização pode ser observado nos protocolos Rorschach de narcísicos mediante a tendência muito forte à desvitalização, que também se apresenta como um fenômeno que distingue os artistas dos demais grupos (tabela 5.4.b e 5.4.c). Ela se traduz em conteúdos específicos como estátuas (idealizações mais positivas) e os bonecos e marionetes (idealizações mais negativas) que correspondem, de modo particular, à singularidade da representação de si das personalidades narcísicas. Nelas estão a indiferença, a frieza ou a beleza admirável das pedras e do mármore, a ausência de vida, o reflexo irrisório que oferecem e a dependência ilimitada dos movimentos externos, sendo este o preço a ser pago pela recusa de reconhecer a interioridade pulsional, que se encontra associada às representações simbólicas de onipotência, ou projetadas sobre uma força externa.

É importante fazermos a distinção deste tipo de desvitalização daquela encontrada nos esquizofrênicos, que são ilustradas por conteúdos mórbidos do tipo esqueletos, corpos abertos, entre outros.

E, por fim, a percepção da cor luminosa, de brilho e esplendor nos estímulos Rorschach, marcada pela incidência inusual do fenômeno luminosidade, distingue uma capacidade mais sensível, que foi compatível somente com a personalidade dos artistas de nossa amostra. Dessa forma, este fenômeno se desvelou em uma configuração peculiar aos artistas¹.

Contudo, em relação a todos os fenômenos especiais, mediante a ANOVA, podemos assegurar, de uma forma geral, levando em consideração as observações discutidas acima, que os grupos do

1- Em uma pesquisa apresentada ao CNPq (programa PIBIC) com médiuns incorporantes, a cor luminosa no branco extramacular caracterizava estes sujeitos.

presente estudo que mais se aproximam entre si são, em primeiro lugar, os grupos de crianças e esquizofrênicos, em segundo lugar, adultos e artistas. Por outro lado, no que se refere a esses fenômenos, os grupos que mais se divergem entre si são os grupos de adultos e esquizofrênicos.

5.5. Os Tipos de Vivência

O tipo de vivência ou o tipo de ressonância íntima (TRI), proposto por Hermann Rorschach (1973) em 1921, indica como o indivíduo experimenta as suas relações no mundo, a maneira como ressoam, no mundo interno do sujeito, os estímulos afetivos e emocionais. O autor deixa claro que essas vivências podem ser muito mais amplas e mais extensas do que o indivíduo exprime na vida corrente. Neste sentido, Trautenberg (1998) argumenta que o TRI oferece uma indicação sobre a maneira como o indivíduo poderia viver, e não forçosamente sobre as suas reações manifestas e circunscritas, ou características fixas de personalidade; representa, de certo modo, um teclado utilizado ou não, e o termo ressonância é particularmente significativo a esse respeito

O TRI se constitui da relação mútua das respostas de cinestésias humanas (K) e das respostas cor ponderadas (FC= 0,5, CF= 1, C= 1,5), além de sofrer influência da disposição emocional da função lógica consciente e inconsciente automatizada e adquirida por meio da disciplina.

O idealizador do teste propôs 4 tipos de ressonância íntima – introversivo, extratensivo, coartado/coartativo e ambigüal – que continuam formando a base das distinções correntemente adotadas e que se pode caracterizar da forma expressa na tabela abaixo.

5.5.a Tabela dos tipos de vivência

Tipo de vivência	Proporção K : C ^p	Características
Introversivo	2 : 1	Afetividade contida na interioridade. Criativo, imaginativo e produtivo. Pensa, elabora mentalmente mais do que age.
Extratensivo	1 : 2	Afetividade mais lábil, superficial e instável. Diante de tensão externa tem facilidade para perder o controle emocional. Motilidade excitável e inteligência mais estereotipada e reprodutiva. São mais sintônicos e espontâneos em suas reações.
Ambigüal	2 : 2	Para Rorschach não tinha significado de ambivalente, mas com condições de lidar com as coisas do mundo externo. Clinicamente, é hoje uma questão discutida, pois alguns (Anzieu, 1961) comentam que o ambigüal pode corresponder ao ambivalente; indeciso e bloqueado.
Coartado	0 : 0	Tensão. Poucas condições de se decidir ante situação de tensão. Estreitamento afetivo. Submete-se à disciplina lógica. Rigidez dos mecanismos de defesa.
Coartativo	1 : 1	Coartado com menos intensidade. Repressão. Defensividade ¹ .

Além desses 4 tipos de vivência, geralmente denominados de tipos de ressonância íntima primário² ou fórmula principal do TRI, optamos por trabalhar com a fórmula complementar. Esta segunda fórmula relaciona a soma das cinestésias menores (kan, kob e kp) com a soma das respostas de cor acromática [FClob, ClobF, Clob, F(C), (C)F e (C)] que, por sua vez, também são ponderadas à imagem e semelhança das respostas cor (FC, CF e C).

1. A tabela dos tipos de vivência foi elaborada tendo com referência Vaz (1997).

2. Para evitarmos qualquer confusão com a terminologia dos processos evolutivos primários e secundário no Rorschach, nosso objeto de estudo, decidimos utilizar o termo fórmula principal e complementar no lugar de fórmula primária e secundária.

A fórmula complementar, em uso após vários anos pelos especialistas franceses, foi introduzida por Ombredame e Canivet (1949, *apud* Loosli-Usteri, 1962). Fórmula esta que representa as tendências introversivas e

extratensivas não inteiramente aceitas ou utilizadas pelo sujeito. Quando a fórmula complementar combina com a fórmula principal, confirma e reforça a impressão dada pela relação de $K : C^P$. Já a sua orientação oposta significa sempre a desarmonia entre as tendências do sujeito, suas aspirações profundas mais ou menos conscientes e suas realizações. A fórmula complementar indica, então, o sentido no qual o desenvolvimento psicológico tenderia a se orientar se as barreiras fossem levantadas, ou seja, desvela a estrutura originária, a natureza instintiva da personalidade antes de passar pelo processo de socialização, enquanto a fórmula principal indicaria uma tendência reativa básica do sujeito.

Segundo Exner (1993), esta segunda fórmula tem haver com elementos fixos da pessoa que revelariam, mais especificamente, o seu temperamento.

Logo abaixo apresentaremos os resultados dos 4 grupos em relação aos tipos de vivência a partir do psicodiagnóstico Rorschach.

5.5.b Tabela de porcentagens dos tipos de vivência da fórmula principal

TRI Fórmula princ.	Esquizof. 30 sujeitos	Crianças 30 sujeitos	Adultos 30 sujeitos	Artistas 20 sujeitos
coartado	12 (40,0%)	14 (46,7%)	2 (6,7%)	-
coartativo	6 (20,0%)	9 (30,0%)	3 (10,0%)	2 (10,0%)
extratensivo	11 (36,7%)	7 (23,3%)	7 (23,3%)	1 (5,0%)
introversivo	-	-	12 (40%)	17 (85,0%)
ambigüal	1 (3,3%)	-	6 (20%)	-

5.5.c Tabela de porcentagens dos tipos de vivência da fórmula complementar

TRI fórmula compl.	Esquizof. 30 sujeitos	Crianças 30 sujeitos	Adultos 30 sujeitos	Artistas 20 sujeitos
-------------------------------	----------------------------------	---------------------------------	--------------------------------	---------------------------------

coartado	10 (33,3%)	14 (46,7%)	1 (3,3%)	-
coartativo	4 (13,4%)	6 (20,0%)	5 (16,7%)	2 (10,0%)
extratensivo	3 (10,0%)	3 (10,0%)	5 (16,7%)	9 (45,0%)
introversivo	13 (43,3%)	7 (23,3%)	15 (50,0%)	8 (40,0%)
ambigual	1 (3,3%)	-	4 (13,4%)	1 (5,0%)

5.5.d Tabela de porcentagens dos tipos de vivência da fórmula principal e complementar

TRI Fórmulas I e II	Esquizof. 30 sujeitos	Crianças 30 sujeitos	Adultos 30 sujeitos	Artistas 20 sujeitos
coartado-coartado	3 (10%)	9 (30%)	-	-
coartado-coartativo	4 (13,3%)	3 (10%)	-	-
coartado- introver.	5 (16,7%)	1 (3,3%)	2 (6,7%)	-
coartado-extratens.	1 (3,3%)	1 (3,3%)	-	-
coartado-ambigual	-	-	-	-
coartativo-coartado	3 (10%)	3 (10%)	-	-
coartativo-coartativo	-	1 (3,3%)	2 (6,7%)	-
coartativo- introver.	1 (3,3%)	3 (10%)	-	1 (5%)
coartativo-extratens.	1 (3,3%)	2 (6,7%)	1 (3,3%)	-
coartativo-ambigual	-	-	-	1 (5%)
extratens.-coartado	3 (10%)	3 (10%)	-	-
extratens.-coartativo	1 (3,3%)	1 (3,3%)	1 (3,3%)	-
extratens.- introver.	6 (20%)	3 (10%)	3 (10%)	-
extratens.-extratens.	1 (3,3%)	-	1 (3,3%)	1 (5%)
extratens.-ambigual	-	-	2 (6,7%)	-
introvers.-coartado	-	-	-	-
introvers.-coartativo	-	-	1 (3,3%)	2 (10%)
introvers.- extratens.	-	-	1 (3,3%)	8 (40%)
Introvers.-introvers.	-	-	9 (30%)	7 (35%)
Introvers.-ambigual	-	-	1 (3,3%)	-
ambigual-coartado	-	-	1 (3,3%)	-
ambigual-coartativo	-	-	1 (3,3%)	-
ambigual- extratens.	-	-	2 (6,7%)	-
ambigual-introvers.	1 (3,3%)	-	1 (3,3%)	-
ambigual-ambigual	-	-	1 (3,3%)	-

Mediante uma análise descritiva das porcentagens dos tipos de ressonância íntima chegamos aos resultados explicitados abaixo.

- Fórmula principal

Os esquizofrênicos desvelaram, em sua grande maioria, tipos de vivência coartado/coartativo (60%) e extratensivo (36,7%). Os tipos coartados/coartativos revelam uma maneira de adaptação mediante uma formalização excessiva (F% elevado), porém ineficaz (F-% elevado), pois não permite uma verdadeira ancoragem na realidade externa, possibilitando, apenas, se agarrar a marcos desprovidos de qualquer lógica, mesmo concreta. O espaço psíquico ou é atravessado por correntes fantasmáticas devastadoras ou é habitado por um caos, e a formalização excessiva, nesse sentido, pode sustentar um certo isolamento (Chabert, 1993).

Os tipos extratensivos são mais lábeis, impulsivos e excitados. O excesso de labilidade (C e Cdenominada elevadas) e a perturbação de outras funções necessárias à adaptação (G+ e D+ em F+, por exemplo) prejudicam o ajustamento ao senso comum, às normas de convivência do grupo que pertencem. As Cdenominadas, mais especificamente, denunciam desordens estruturais das atividades psíquicas e grande pobreza associativa.

O único esquizofrênico ambigüal pode se tratar de um sujeito com tendências catatônicas em que os momentos de introversão e extratensão parecem paralisar-se mutuamente em uma ambitendência: segundo Rorschach (1973), tenso tanto para fora como para dentro, bloqueado entre os dois momentos pela incapacidade de manter o equilíbrio. A riqueza e a diversidade das reações impedem a escolha e tornam a satisfação inexistente.

As crianças apresentaram apenas dois tipos de vivência: coartado/coartativo (76,7%) e extratensivo (23,3%). Os tipos coartados/coartativos indicam o esforço das crianças, no presente estudo, quanto ao não extravasamento das reações afetivas no seu modo de agir e atuar. E os extratensivos constataam a impulsividade, o baixo índice de tolerância a frustração, bem como a instabilidade afetiva, e os estados emocionais livres, sem vinculação com os processos cognitivos (C > CF+ FC), características inerentes aos processos primários ingênuos, sem conotações patológicas.

Nos adultos houve o predomínio do tipo de vivência introversivo (40%), logo depois o extratensivo (23,3%), o ambigüal (20%) e, por último, o coartado/coartativo (16,7%). O tipo de vivência introversivo tem a tendência de privilegiar o domínio da atividade de pensar, portanto, tem uma disposição intelectual e uma capacidade melhor de interiorização, o que oferece ao indivíduo uma maior propriedade para protelar as excitações instintuais, as ações e as gratificações, canalizando seus impulsos por vias socialmente aceitáveis. Suas relações são mais intensivas do que extensivas.

Os adultos extratensivos têm uma maior capacidade de adaptação afetiva, pois apresentam outras estruturas (G+ e D+ em F+), igualmente importantes para este fim, que não se encontram prejudicadas. Tendem a ser pessoas mais práticas, sintônicas, espontâneas e desembaraçadas socialmente, o que pode facilitar sua adaptação ao ambiente. Porém, tendem a ter uma maior dificuldade de entrar em contato com o seu mundo interno, o que torna a sua vida interior um pouco empobrecida. Portanto, são menos imaginativas e produtivas, o que confere com uma inteligência mais estereotipada e reprodutiva.

De acordo com Rorschach (1973), os adultos normais ambigüais são pessoas que, de fato, unem uma grande quantidade de momentos introversivos, produtividade, originalidade e contato intenso com um grau elevado de contato extratensivo e extensivo, capacidade de reprodução inteligente, abordagem excelentemente afetiva e habilidade motora. Para estes indivíduos o autor não encontrou outra designação melhor do que a de bem dotados, sintônicos ou harmônicos.

Já os adultos coartados/coartativos, os tipos menos frequentes, apresentam uma capacidade de contato fraca tanto intensiva como extratensivamente. Não raro, tendem a uma perturbação depressiva. Costumam ser pessoas que se dedicam exclusivamente a negócios, burocratas, meticolosos, que dispõem, quase exclusivamente, de uma capacidade de contato intelectual. Abominam a fantasia e toda labilidade da expressão afetiva. Desvelam no teste aquilo que apresentam na vida:

domínio permanente da função consciente sobre todas as suas experiências interiores e exteriores.

Nos testes dos artistas o tipo de vivência predominante é o introversivo (85%) e, logo em seguida, o coartativo (10%) e o extratensivo (5%). Os tipos de vivência que aqui se desvelaram seguem as mesmas observações já realizadas anteriormente para o grupo de adultos. Apenas gostaríamos de qualificar os artistas como indivíduos imaginativos, que Rorschach (1973), em 1921, caracterizou como pessoas que possuem a particularidade de transportar-se para suas esferas introversivas de modo mais ou menos frequentes, e por um tempo mais ou menos longo, mais ou menos voluntariamente, mas nunca de modo completamente involuntário, de modo mais ou menos produtivo ou receptivo, com sentimentos de prazer definidos e de desligarem-se por algum tempo, de maneira mais ou menos ativa, da preocupação de adaptação à realidade. Podemos inferir que o artista pode se comportar dessa forma porque já possui uma certa garantia interna da estabilidade de sua integridade psico-física e de sua capacidade de adaptação ao meio em que convive sempre que requisitadas.

- Fórmula secundária

É importante esclarecermos, mais uma vez, que as tendências introversivas e extratensivas nesta fórmula complementar são por nós compreendidas como estruturas de natureza instintiva da personalidade, antes de passar pelo processo de socialização. Neste sentido, podemos argumentar que o predomínio de estruturas cinestésicas kan, kob e kp (tendências introversivas nesta fórmula), num plano mais elevado de maturidade, podem converter-se em verdadeiros perceptos cinestésicos superiores (K), quando submetidas a uma análise e sendo bem integradas pelo indivíduo. São recursos que podem evoluir se as condições internas e externas permitirem.

Por outro lado, o predomínio de estruturas acromáticas (tendências extratensivas na fórmula complementar) estariam relacionadas à capacidade de induzir estados afetivos internos, ou seja, de induzir uma afetividade autônoma. Essa afetividade pode estar amparada por um estado de humor e emocionalidade de tato e delicadeza frente ao outro, bem como de perturbações e agitações profundas de confusões intensas, angústia, medo e insegurança. Poderíamos nos questionar se os processos primários ingênuos operam com estas estruturas

Podemos observar a presença dos tipos de vivência introversiva nos grupos de crianças e esquizofrênicos e o maior desvelamento de vivências extratensivas nos artistas, que não existiam na fórmula principal.

As vivências introversivas nas crianças e nos esquizofrênicos denunciam não só uma orientação desarmônica entre as tendências, aspirações e realizações dos sujeitos, como também tendências cinestésicas que não atingiram sua plena maturidade nas crianças e que denunciam sinais de perturbação, regressão e fixação nos esquizofrênicos, além de apontar em ambos a impotência contra o assalto da imaginação.

O aumento das vivências extratensivas nos artistas denunciam, também, uma orientação incoerente entre as fórmulas que, segundo Klopfer (1979), poderia indicar que o TRI do sujeito se encontra em transição uma vez que a fórmula complementar assinala a orientação atual que foge do controle. Porém, diferente dos grupos de crianças e esquizofrênicos, os artistas explicitam seus sentimentos de tristeza e insegurança, quase sempre, sob a vinculação dos processos cognitivos, indicando uma maior capacidade de canalizar por vias socialmente aceitas seu humor disfórico e suas perturbações mais profundas, desvelando uma fonte de riqueza afetiva inesgotável e capacidade de sublimação das necessidades afetivas, bem como tendências à introspecção (tabela 5.2. – FClob e F(C) + (C)F+- em textura e perspectiva).

- Fórmula principal e complementar

Ao correlacionarmos as duas fórmulas podemos observar que juntas elas nos oferecem um bom valor prognóstico da harmonia ou desarmonia das vivências reativas e instintuais do sujeito. Dessa forma, podemos visualizar melhor a coerência e incoerência da ressonância, no mundo interno do indivíduo, dos estímulos afetivos e emocionais.

Se considerarmos como coerentes apenas os tipos de vivências coartado-coartado, coartado-coartativo, coartativo-coartado, coartativo-coartativo, extratensivo-extratensivo, introversivo-introversivo e ambigüal-ambigüal encontraremos as seguintes proporções nos quatro grupos (tabela 5.5.d): esquizofrênicos 11 (36,3%) coerentes

crianças	16 (53,3%) coerentes
adultos	12 (40,0%) coerentes
artistas	8 (40,0%) coerentes

Desse modo, em uma análise descritiva das proporções, o grupo que se apresenta mais coerente entre os dois tipos de ressonância íntima é o de crianças, logo em seguida, o de adultos e o de artistas e, por último, os esquizofrênicos. Podemos inferir que as crianças ainda não foram manipuladas por operações de ética social; os artistas sentem-se livres no próprio imaginário e a incoerência é um dos sintomas de esquizofrenia.

5.6. A Proposta de Valoração das Respostas e os Processos Psíquicos Evolutivos

Por serem os dados da proposta de valoração das estruturas Rorschach, em uma análise fenomenológica dos processos evolutivos primário, secundário e terciário, os mais relevantes para o presente estudo, todos foram submetidos a uma análise de variância e a uma comparação entre os grupos no sentido de buscar as diferenças estatisticamente significativas ($F < 0,05$), que definem configurações psíquicas mais

pertinentes a cada grupo escolhido como representante de um processo psíquico evolutivo: no processo primário patológico os esquizofrênicos, no processo primário ingênuo as crianças, no processo secundário os adultos normais e no processo terciário os artistas.

Inserir tab. 5.6.a

Inserir tab. 5.6.b

5.6.c Tabela da frequência média por grupo de respostas referentes aos processos psíquicos evolutivos

Grupos	Pri.Patol	Prod.Pat	Pri.Ing.	Secund.	Terci.
Adultos	4,1	1,1	1,6	17,7	0,2
Artistas	7,7	0,7	3,5	33,5	1,3
Crianças	3,4	1,2	3,7	6,7	0,0
Esquizofrênicos	10,8	0,8	1,0	4,5	0,0

5.6.d Tabela de comparação dos grupos dois a dois das respostas referentes aos processos psíquicos evolutivos

Grupos	Pri. Pat	Prod.Pat	Pri. Ing.	Secund.	Terci.
artista – adultos			*	*	*
artista – criança	*			*	*
artista – esquiz.	*		*	*	*
adulto – artista			*	*	*
adulto – criança			*	*	
adulto – esquiz.	*			*	
criança – artista	*			*	*
criança – adulto			*	*	
criança – esquiz.	*		*		
esquiz. – artista	*		*	*	*
esquiz. – adulto	*			*	
esquiz. - criança	*		*		

* A presença deste sinal aponta uma diferença estatisticamente significativa entre os grupos

É importante lembrarmos que o processo primário patológico no Rorschach equivale às estruturas de valor -1 a -5, o processo que denuncia pródromos patológico equivale às estruturas de valor -0,5, o processo primários ingênuo às estruturas de valor +0,5, os processos secundários às estruturas de valor +1 a +3 e os processos terciário às estruturas de valor de +3,5 a +5.

Analisando as 4 tabelas acima, podemos perceber que, de acordo com a proposta valorativa das estruturas Rorschach, não houve diferença estatisticamente significativa nas estruturas de valor $-0,5$ ($F > 0,05$), que também correspondem aos processos que denunciam indícios patológicos. Logo, podemos afirmar que todos os grupos apresentaram pródromos de estruturas perturbadoras em quantidades que não podemos distinguir um do outro, ou seja, todos se assemelham nesta variável.

Por outro lado, as estruturas de valor $+0,5$, que correspondem aos processos primários ingênuos, apontam diferenças significativas ($F < 0,0001$), em que as crianças e os artistas se assemelham entre si e, ao mesmo tempo, se diferenciam dos demais grupos. Nesse sentido, podemos sugerir que existe no artista um tipo de percepção em que há uma ausência de estereótipos, de modelos pré-determinados, que dão um olhar inocente, como é inocente olhar da criança, ou seja, um olhar espontâneo, aberto à experiência, que se caracteriza pela liberdade perceptiva (Maslow, 1954 *apud* Carotenudo, 1996).

As estruturas Rorschach que estabelecemos como inerentes aos processos terciários (valor de $+3,5$ a $+5$) por suas configurações altamente integrativas, de síntese na ordem da imaginação e da lógica, se desenvolveram, quase exclusivamente, no grupo de artistas (tabela 5.6.c). Contudo, na análise de variância, este processo psíquico superior se apresentou como um processo diferencial entre os artistas e os demais grupos (tabela 5.6.d). Isto nos faz inferir, baseando-nos em Arieti (1969), que os artistas são pessoas que buscam soluções em um âmbito novo, mais abrangente, revelando um profundo *insight* e um comportamento inovativo. São pessoas que, segundo Petrelli (1989), exprimem atividades mentais altamente conjuntivas, tanto em relação à organização do tempo quanto em relação à organização do espaço, bem como do desejo e da realidade, do que já foi, do que é hoje e do que pode vir a ser amanhã.

Dessa forma, podemos asseverar que os artistas dispõem do processo primário para a sua originalidade, e que, neste grupo, foi possível observar o que Petrelli (1989) argumentava sobre um dos destinos do processo primário: este processo de produções potenciais vai além dos limites evolutivos e se

articula, integrando-se às manifestações do secundário dando origem a um outro tipo de conduta, as originais. Arieti (1969) define tal conduta com o termo de processo terciário, típico de pessoas que desafiam o domínio e o campo, que colocam à prova a ortodoxia, que buscam ir além do que veio antes.

Em relação aos processos primários patológicos, de uma forma geral (tabela 5.6.d), os esquizofrênicos se distinguem dos demais grupos pela elevada produtividade destas estruturas perturbadoras (5.6.c) que expressam uma imagem corporal comprometida em sua integridade levando ao predomínio de uma pensamento disruptivo que afasta o indivíduo do senso de realidade. Todavia, foi interessante observar que o grupo de artistas, se diferencia do grupo de crianças pela maior produção de estruturas doentias. Este grupo que se destaca pelas elaborações terciárias, de uma certa forma, também revela um aumento das elaborações que denunciam transtornos. Este fenômeno nos faz levantar a hipótese de que a liberdade perceptiva que permite o artista se afastar de convenções sociais, facilitando à chegada aos processos psíquicos superiores, é também perigosa, no sentido de que a criatividade original e estética do artista ao exigir uma fuga da realidade, que o direciona aos processos primários ingênuos, produz situações de risco. No entanto, no caso destes sujeitos dotados de produções superiores, a presença das estruturas lógico-rationais do processo secundário, com observaremos na análise logo abaixo, garantem um equilíbrio dinâmico entre as tensões opostas, permitindo-os visitar o abismo e se elevar aos céus sem se desestruturarem de uma vez por todas ou permanecerem em uma eterna transcendência distante dos pobres mortais.

Os processos secundários, estruturas de valor +1 a +3, se destacam por estabelecerem diferenças estatísticas significativas entre quase todos os grupos ao serem comparados entre si ($F < 0,0001$), com exceção dos grupos de crianças e esquizofrênicos que se aproximam, ao serem, também, comparados entre si (tabela 5.6.d). Estes dois grupos, em relação ao domínio dos processos cognitivos racionais, se configuram de forma semelhante em todos os valores (5.6.b), enquanto os grupos de adultos e artistas se assemelham apenas nas estruturas de valor +2,5 e +3. Nos demais valores do processo secundário, +1

e +1,5, os artistas se distinguem pela produção mais elevada destas estruturas que exprimem uma consciência que ordena e racionaliza. Essa configuração, um pouco surpreendente, nos reme a algumas discussões já levantadas anteriormente, de que o artista, em função da presença marcante dessa modalidade de funcionamento secundária, não se sente ameaçado ao relaxar-se, abandonando-se, de maneira controlada e reversível, aos processos primários, utilizando para fins produtivos e criativos, a liberdade e a fluidez das estruturas potencialmente abertas

Os últimos dados que gostaríamos de estar explicitando é o número médio de respostas por sujeito e a qualidade dessas respostas. Nestas variáveis, foi possível observar, claramente, a partir das tabelas 5.6.e e 5.6.f abaixo, que não só a produtividade dos artistas ($\Sigma R/\text{sujeitos}$), como também a eficiência desta produtividade ($R+$ e $R+-$) se apresenta, de forma distinta e estatisticamente significativa, dos demais grupos pelos índices mais elevados.

5.6.e Tabela da média do número de respostas por sujeito em cada grupo e a qualidade destas respostas

Grupos	R+	R+-	R-+	R-	SR
Adulto	16,0	3,9	1,3	2,9	24,1
Artista	29,9	8,2	1,9	6,2	47,7
Criança	6,1	4,6	2,1	1,7	14,5
Esquizofrênico	4,2	1,6	1,1	9,2	16,0

5.6.f Tabela de comparação dos grupos dois a dois do número de respostas por grupo e da qualidade das respostas

Grupos	R+	R+-	R-+	R-	SR
artista – adultos	*	*			*
artista – criança	*	*		*	*
artista – esquiz.	*	*		*	*
adulto – artista	*	*		*	*
adulto – criança	*				*

adulto – esquiz.	*	*		*	
criança – artista	*	*		*	*
criança – adulto	*				*
criança – esquiz.		*		*	
esquiz. – artista	*	*		*	*
esquiz. – adulto	*	*		*	
esquiz. – criança		*		*	

* A presença deste sinal aponta uma diferença estatisticamente significativa entre os grupos comparados.

As crianças e os adultos se diferem entre si em R+, pela produtividade mais elevada destas estruturas perceptivas que desvelam uma intencionalidade e uma inteligência que se volta ao mundo e o torna cognoscível e diferenciado no adulto, porém, assemelam-se nas estruturas que revelam potencialidade abertas (R+-). As respostas -+ e - se configuram de forma similar aos processos que denunciam pródromos patológicos e aos processos patológicos que já discutimos neste mesmo item.

CAPÍTULO VI

APLICAÇÕES PRÁTICAS DA VALORAÇÃO DOS PROCESSO PRIMÁRIOS, SECUNDÁRIOS E TERCIÁRIOS

Como mencionamos anteriormente, a atribuição de valores numéricos às estruturas perceptivas do Rorschach, dentro de uma perspectiva evolutiva contínua – que vai do mínimo ao máximo de organização, integração equilíbrio – surgiu não só da intenção de facilitar o seu uso em pesquisas de grupos e intergrupos, como também da necessidade de tornar mais objetiva a

avaliação do desenvolvimento mental, da organização básica das estruturas de personalidade e das tendências espontâneas do indivíduo, atendendo às necessidades de praticidade nas avaliações clínicas, forenses e organizacionais.

Neste sentido, manifesta-se, igualmente, a pretensão de avaliar o direcionamento da temporalidade: das inclinações do indivíduo à ação, à expansão, ao auto-controle, ao desejo, à esperança e à capacidade de dar a volta por cima (temporalidade protentiva de Biswanger), bem como das disposições à regressão, à fixação, a uma espera passiva, a uma derrota sem chance de vitória (temporalidade retentiva de Biswanger)

6.1. Gráfico da Performance do Comportamento

Neste momento, será possível visualizarmos, de forma operativo-aplicativa, a performance do comportamento de um indivíduo, nos dez campos semânticos do Rorschach, mediante a proposta de valoração das estruturas perceptivas deste método de psicodiagnóstico.

Para essa finalidade, escolhemos dois testes de nossa amostra, um do grupo de esquizofrênicos e outro do grupo de artistas – estes foram os grupos que desvelaram as estruturas de personalidade mais discrepantes estatisticamente significativas, nos itens levados em consideração na discussão dos resultados – e usamos a soma dos valores positivos e negativos de suas cotações em cada cartão para a construção do gráfico.

Para elaborarmos o gráfico da performance do comportamento nos dez campos semânticos do Rorschach, é preciso abordarmos um outro aspecto da técnica: a interpretação simbólica e arquetípica das pranchas. Podemos inferir que cada cartão mobiliza um repertório de experiências do homem que o examinando, mediante o ato perceptivo-associativo e projetivo, desvela a modalidade de sua presença diante do estímulo. Neste sentido, é importante levarmos em consideração a advertência de Vaz (1997) para os

cuidados que se deve ter ante esta forma de avaliação, uma vez que símbolos não se interpretam por padrões fixos e rigidamente preestabelecidos.

Como não é nossa intenção aprofundar nos significados e especificidades de cada cartão, vamos propor uma compreensão fenomenológica e bastante ampla de cada campo semântico do teste:

- I. **a apresentação de si ao mundo:** autêntica, dissimulada, espontânea, ansiosa, insegura, adaptada;
- II. **o enfrentamento de situações traumáticas:** o drama que se elabora em uma matança, que sucumbe à culpa, ao abandono e à agressão física e moral, ou o drama que se supera no lúdico de uma dança que elabora as violações contra a integridade do sujeito;
- III. **os dinamismos:** a energia vital necessária para assumir um projeto de vida mediante a relação com o outro. Desvela o fator volitivo e a solidez do existir;
- IV. **a representação da figura paterna:** desperta a situação emocional típica que se produz entre dominador e dominado em suas múltiplas formas culturais (pai-filho, patrão-empregado, professor-aluno). Podem despertar emoções que vão desde a reverência e o respeito, até as emoções de impotência e anulação;
- V. **a integridade psico-física:** harmonia mente e corpo;
- VI. **a gestão da libido:** mobiliza dinamismos genitais e sexuais;
- VII. **a relação de intimidade interpessoal:** desvela a capacidade de intimidade interpessoal mediada pela relação primária com a mãe;
- VIII. **a sócio-afetividade:** revela como se estruturam nossas reações e sentimentos sócio-afetivos, a relação com os outros no mundo da convivência;
- IX. **a inteligência emocional:** o humor vital, o temperamento;
- X. **a inteligência organizacional:** solicita reações diante da multiplicidade do eu e do mundo, verificando as habilidades práticas do indivíduo.

Ao integrarmos essa compreensão fenomenológica da especificidade de cada cartão à proposta valorativa, tornamos mais nítida a observação das áreas de eficiência (processo secundário), de excelência

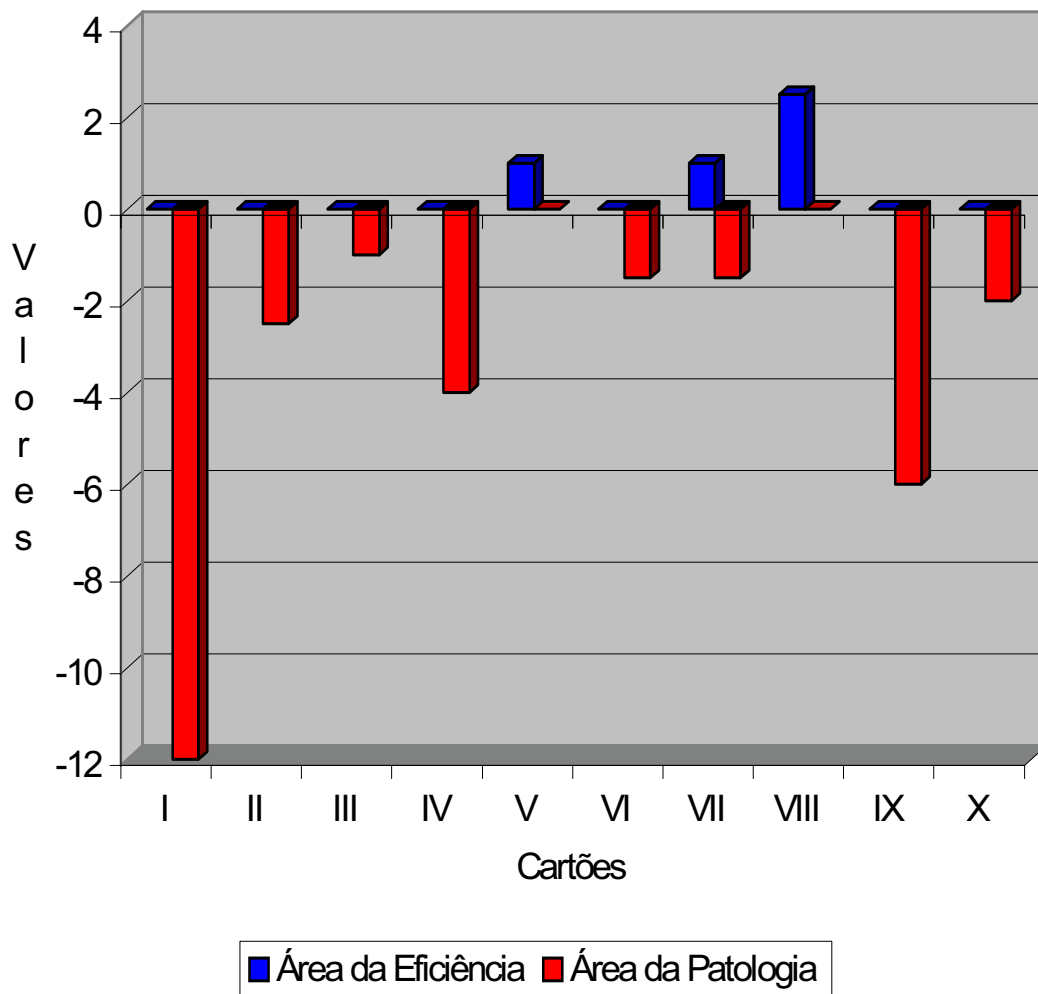
(processo terciário), de potencialidade evolutiva aberta à progressão (processo primário ingênuo), de potencialidade de involução do eu (pródromo de patologia) e da área do fracasso (processo primário patológico) em cada campo semântico. Os valores positivos de cada cartão são somados para a construção da coluna superior do gráfico e os valores negativos, igualmente somados, constituem a coluna inferior, sendo a performance ideal a coluna dos valores positivos superar a coluna dos valores negativos. Observemos os exemplos abaixo.

a) Sujeito 30 do grupo de esquizofrênicos

6.1.a Tabela das Cotação do Protocolo de Rorschach do Sujeito 30 do Grupo de Esquizofrênicos

Cartões	Cotações	Valores	
I	1)DGF-Arq	Auto-refer. / Confabul	-4
	2)DGkan-A	Contaminada	-4
	3)DkpH	Auto-refer. /Confabulada	-4
II	1)DF-+Sex	Idéia de referência	-0,5
	2)DCSg	Auto-referência	-2
III	1)DF-(A)	Estereotipia/Choque	-1
IV	1)DF-Nat	Confabulada	-4
V	1)GF+A / Ban /	Auto-referência	+1
VI	1)DGF-A / Nat	Estereotipia	-1,5
VII	1)GDbIF-Obj		-1,5
	2)GDbIF+-Alim		+1
VIII	1)DGCF+-Nat	Choque Cor	+1,5
	2)DF+A / Ban	Crítica ao objeto	+1
IX	1)DG CF-Nuvem		-2
	2)DGkp (H) / Arq	Confabulada	-4
X	1)DkobF+-Obj		-1
	2)DF-(H)	Estereotipia	-1

6.1.a Gráfico da Performance do Sujeito 30 do Grupo de Esquizofrênicos nos 10 Campos Semântico do Rorschach



a) Sujeito 10 (grupo dos artistas)

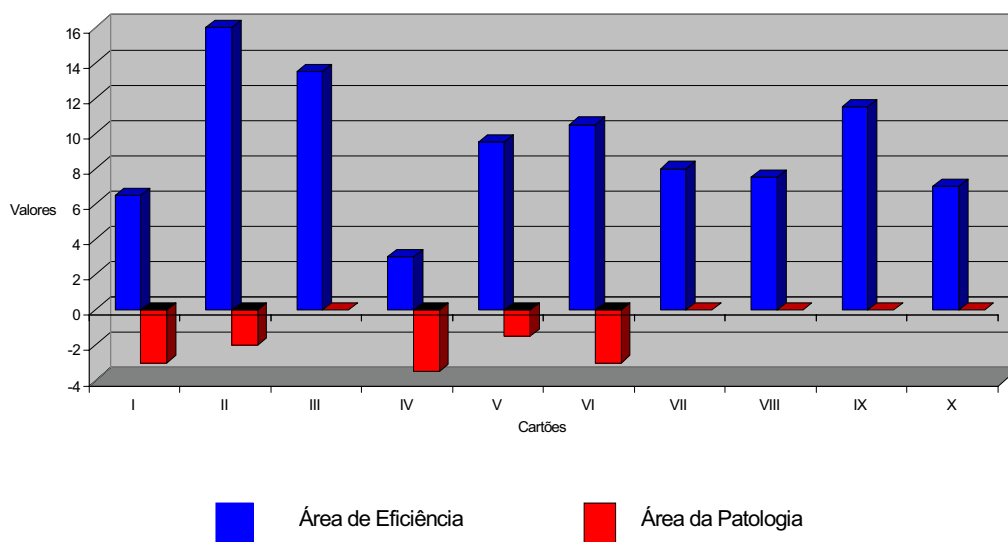
6.1.b Tabela das Cotação do Protocolo de Rorschach do Sujeito 10 do Grupo de Artistas

Cartões	Cotações	Valores
I	1)Gkan+A Disforia	1,5

	2)DK(H)	Disforia	2
	3)Dkan+A	Disforia	1,5
	4)GkobF-ClobF-Nuvem		-3
	5)DGF+(H)	Reflexo	1,5
II	1)DGK(H)Obj		2,5
	2)DDblkan+A		2
	3)DDbIFCkan+A/Bot		4
	4)DFCBot		2
	5)Dkan+A	Reflexo	1,5
	6)GFCA	Crítica ao Objeto	2
	7)DdDbIkp(H)		-2
	8)DdF(C)(H)	Estereotipia	2
III	1)GkFClobH / Ban		5
	2)DF(C)kan+A		3,5
	3)DDbIF+A		1,5
	4)DDbIF+(Hd)		1,5
	5)DDblkan+A		2
IV	1)GF+Ad	Desvitalizado	1
	2)DGkobClob(C)F-+Nat	Reflexo	-3,5
	3)G(C)F+-(A)	Agressividade	1
	4)DF+Máscara		1
V	1)Gkan+A / Ban		1,5
	2)GK(H)		2
	3)DbIF+H		1
	4)DbIkpH		-1,5
	5)GK(H)		2
	6)DK(H)		2
	7)DF+(H)		1
VI	1)DF(C)(H)		2
	2)DF+(H)		1
	3)DGFClobFkob Obj / Nat	Disforia	4,5
	4)GF+Ad	Luminosidade	1
	5)D(C)FkpH	Disforia	-3
	6)DKH		2
VII	1)DKH		2
	2)Dkan+A	Crítica ao Objeto	1,5
	3)Dkan+A		1,5
	4)DbIF+(H)		1
	5)DFClobA	Disforia	2
VIII	1)DFCBot	Disforia	2
	2)DF+(A) / Nat		1
	3)Dkan+A / Ban		1,5
	4)DCF(C)F+-Nat		2
	5)DCF+-Nat		1
	Negação		
IX	1)DGCF(C)F+-Bot		2,5
	2)DDbIK(H)Nat		2,5
	3)D(C)F+-Bot		1

	4)DDbIF+Bot	Disforia	1,5
	5)DFCA		2
	6)DF+(H)	Estereotipia	1
	7)DCF+-Nat		1
X	1)DGCF+- (H)		1,5
	2)DF+A / Ban		1
	3)DF+(A)	Crítica ao Obj. / Agressivid.	1
	4)DCF+- (H)		1,5
	5)DF+(H)		1
	6)DF+(H)	Estereotipia	1

6.1.b Gráfico da Performance do Sujeito 10 do Grupo de Artistas nos 10 Campos Semânticos do Rorschach



6.2. Avaliação da Temporalidade

Acreditamos que avaliar o direcionamento da temporalidade deve ser parte integrante de um psicodiagnóstico bem construído. Dados apenas qualitativos e quantitativos sobre estruturas e configurações da personalidade não são fatores por si satisfatórios e completos de

informações. É necessário saber o que vai, provavelmente, acontecer no tempo: se a tendência do sujeito é uma regressão contínua como em uma retirada de investimento em todas as atividades em que se insere; se a disposição é permanecer nos níveis já alcançados como limites de eficiência possível; ou se a inclinação é progredir, melhorando continuamente as próprias potencialidades.

O psicodiagnóstico Rorschach é um método de avaliação da personalidade já bastante utilizado no acompanhamento de pacientes em psicoterapia. É um instrumento de controle e de apreciação das mudanças qualitativas do desenvolvimento do indivíduo. Propomos aqui aplicação dos critérios avaliativos de atribuição de pontos para que a disposição da temporalidade e a passagem de uma retentividade para uma protentividade se torne quantitativamente mensurável.

Teste e reteste aplicado depois de um período razoável, durante o qual eventos terapêuticos ocorreram ou simplesmente deu-se o próprio tempo devir como fator a ser medido, representa uma das formas de avaliação da temporalidade. Vejamos por exemplo, esta possibilidade, onde A é a representação situação de teste em um primeiro momento, B é a representação situação de reteste aplicado após 9 meses. No intervalo houve um processo de psicoterapia.

6.2.a Tabela de Cotações de Teste e Reteste

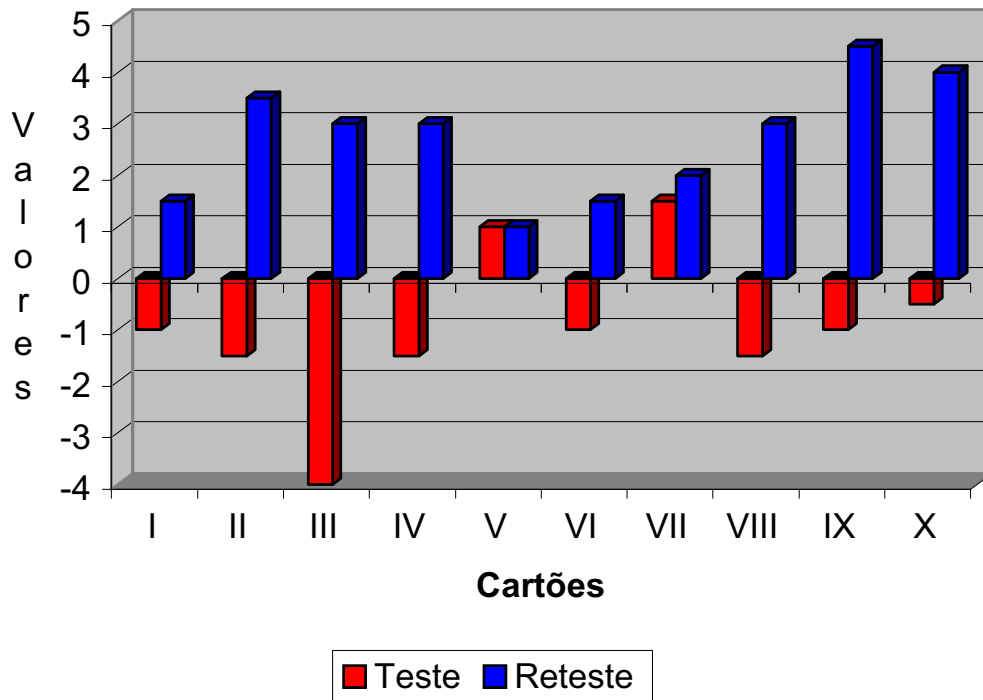
Pranchas	A		B	
	Teste		Resteste	
I	1)GClobF- Nat	-1,5	1)GF+(H)	1
	2)DF+-A	0,5	2)DF+A	0,5
II	1)DGCF-Anat / Sg	-1,5	1)DGKH	2,5
			2)DbIF+Obj	1

III	1)DF+H / Ban	1	1)GKH / Ban	3
	2)DCkobSg	-4	2)DF+Obj	1
	3) DF-Anat	-1	3) DF-Anat / Sg	-1
IV	1)Gkp(H)	-1,5	1)GKH	2
			2)DF+A	1
V	1)GF+A / Ban	1	1)GF+A / Ban	1
VI	1)DF-Anat	-1	1)DGF+H / Nat	1,5
VII	1)DGF+(H)desvitalizado	1,5	1)DGKH	2
VIII	1)DCF-Anat	-1,5	1)DGkan+A / Nat / Ban	2
			2)DFCBot	2
			3)DF-Anat	-1
IX	1)GF-Abstração	-1	1)DGkFC H / Nat	4,5
X	1)DF-Anat	-1	1)DF+A / Ban	1
	2)DF+A / Ban	1	2)DF+Arq	1
	3)DF-+Hd	-0,5	3)DFCA	2

6.2.b Tabela de Valoração do Teste e Reteste de Cada Campo Semântico

Pranchas	Valor de cada prancha no teste	Valor de cada prancha no reteste
I	-1	1,5
II	-1,5	3,5
III	-4	3
IV	-1,5	3
V	1	1
VI	-1	1,5
VII	1,5	2
VIII	-1,5	3
IX	-1	4,5
X	-0,5	4

6.2.a Gráfico da Performance Temporal no Teste e Reteste

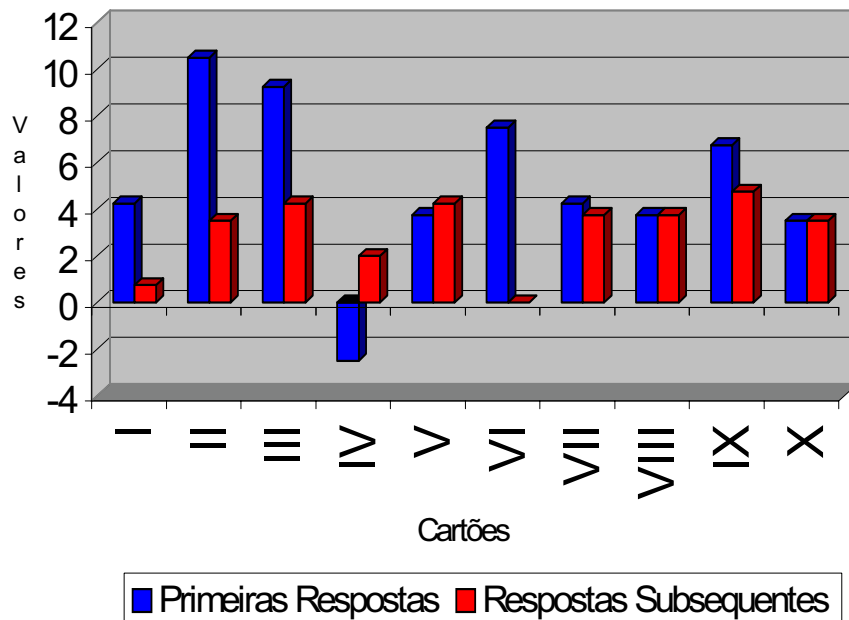


Neste exemplo, foi possível evidenciar as melhoras da personalidade em uma perspectiva temporal, na qual houve a superação de regressões, fixações e bloqueios para uma expansão da atividade psíquica. Também é possível observar a temporalidade do indivíduo no Rorschach ao avaliar a diferença entre os valores da primeira metade das respostas dadas com os valores da segunda metade, no caso de números ímpares de respostas é só dividir o valor intermediário ao meio. Utilizaremos como exemplo, mais uma vez, o teste do sujeito 10 do grupo de artistas, cuja as cotações e os seus respectivos valores prancha por prancha já foram expostos no item anterior.

6.2.c Tabela de Valoração dos Primeiras Respostas e das Respostas Subsequentes em Cada Campo Semântico

Pranchas	Valor (primeira metade da prancha)	Valor (Segunda metade da prancha)
I	4,25	0,75
II	10,5	3,5
III	9,25	4,25
IV	-2,5	2
V	3,75	4,25
VI	7,5	0
VII	4,25	3,75
VIII	3,75	3,75
IX	6,75	4,75
X	3,5	3,5

6.2.b Gráfico da Performance Temporal no Teste



De acordo com o quadro acima podemos inferir que o sujeito revela dificuldade de enfrentamento , em um primeiro momento, apenas no quarto campo semântico. A sua disposição temporal é iniciar quase sempre muito bem, porém, não mantém a mesma qualidade no decorrer do tempo, embora não se afasta dos níveis de eficiência da personalidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao analisarmos todas as tabelas, em que os dados foram submetidos à ANOVA e os grupos comparados dois a dois, observamos os grupos que mais diferenciaram entre si, bem como os grupos que mais se assemelharam. As tabelas utilizadas foram:

- a) 5.1.e Tabela de comparação entre os grupos dois a dois na variável localizações articuladas integradas;
- b) 5.3.f Tabela de comparação entre os grupos dois a dois nas variáveis conteúdos moderadores e conteúdos complexuais;
- c) 5.4.b Tabela de comparação entre os grupos dois a dois dos fenômenos especiais;
- d) 5.6.b Tabela de comparação entre os grupos dois a dois dos valores atribuídos às estruturas Rorschach;
- e) 5.6.d Tabela de comparação entre os grupos dois a dois das respostas referentes aos processos psíquico evolutivos;
- f) 5.6.f Tabela de comparação entre os grupos dois a dois do número de respostas por grupo e a qualidade dessas respostas.

Artistas e esquizofrênicos constituíram os grupos que mais explicitaram diferenças estatisticamente significativas, revelando condutas peculiares de cada um. Podemos asseverar que estas diferenças quantitativas expressam também diferenças qualitativas marcantes. Em outras palavras, inferimos que as duas dimensões não se contradizem, mas se inter-relacionam como duas faces do real num movimento cumulativo e transformador que, segundo Gamboa (1995), não se deve concebê-las uma sem a outra, nem uma separada da outra. Embora estes dois grupos se apresentassem com um maior número de dados distintos entre si, eles, também, se aproximaram em outros não apontando diferenças significativas. Apesar de alguns dados estarem intimamente relacionados, dentro da ANOVA, na discussão dos resultados levantamos as devidas considerações diferenciais qualitativas que nossa análise quantitativa ainda não conseguiu apurar, não descartando, de forma

alguma, a possibilidade dos grupos de artistas e esquizofrênicos desvelarem fenômenos psíquicos semelhantes.

Os dados Rorschach que assinalaram os maiores contrastes estatísticos entre estes dois grupos foram:

- a) o número de localizações articuladas integradas: a média de respostas por artista foi de 6,9, por esquizofrênicos, 0,3;
- b) os conteúdos moderadores: 11,2 por artista e 2,4 por esquizofrênico;
- c) as confabulações: 0,8 por artista e 3 por esquizofrênico;
- d) as contaminações : 0,4 por artista e 1,2 por esquizofrênico;
- e) as respostas desvitalizadas: 1,6 por artista e 0,4 por esquizofrênico;
- f) os neologismos: fenômeno especial exclusivos dos esquizofrênicos;
- g) perspectiva, reflexo, descrição do objeto e luminosidade: fenômenos ausentes nos esquizofrênicos;
- h) as respostas de valor de 3 a 5: inexistentes nos esquizofrênico e menos de uma resposta por artista;
- i) as respostas de valor 2,5: 1,4 por artista e 0 por esquizofrênico;
- j) as respostas de valor 2: 5,7 por artista e 0,2 por esquizofrênico;
- k) as respostas de valor 1,5: 2,2 por artista e 0,4 por esquizofrênico;
- l) as respostas de valor 1: 16,8 por artista e 3,9 por esquizofrênico;
- m) as respostas de valor 0,5: 3,5 por artista e 1 por esquizofrênico;
- n) as respostas de valor -3,5 a -5,0: 1,7 por artista e 4,5 por esquizofrênico;
- o) as respostas referentes ao processo primário patológico: 7,7 por artista e 10,8 por esquizofrênico;
- p) as respostas referentes ao processo primário ingênuo: 3,5 por artista e 1,0 por esquizofrênico;
- q) as respostas referentes ao processo secundário: 33,5 por artista e 4,5 por esquizofrênico;
- r) as respostas referentes ao processo terciário: 1,3 por artista e 0 por esquizofrênico;
- s) o número de respostas por sujeito: 47,7 por artista e 16 por esquizofrênico;
- t) as R+: 29,9 por artista e 4,2 por esquizofrênico;
- u) as R+-: 8,2 por artista e 1,6 por esquizofrênico;

v) as R-: 6,2 por artista e 9,2 por esquizofrênico;

As maiores afinidades entre os dois grupos se configuraram nos seguintes dados:

- a) pródromos de patologia: que também equivalem às R+ ou às estruturas Rorschach de valor -0,5: média foi de 0,7 resposta por artista e 0,8 por esquizofrênico;
- b) as auto-referências: mais ou menos 1 por sujeito nos dois grupos;
- c) os choque ao branco: 0,8 por artista e 0,5 por esquizofrênico;
- d) as disforia: 1,9 por artista e 0,7 por esquizofrênico;
- e) as estereotipias: 1,4 por artista e 3 por esquizofrênico;
- f) a expressão inho: ausente nos dois grupos;
- g) as negações: 0,6 por artista e 0,8 por esquizofrênico;
- h) as respostas de valor -4,5: ausente nos dois grupos;
- i) as respostas de valor -3,5 e -3: praticamente inexistentes nos dois grupos;
- j) as respostas de valor -1,5: 3 por artista e 1,2 por esquizofrênico;
- k) as respostas de valor -1: 2,2 por artista e 4,1 por esquizofrênico;

Crianças e esquizofrênicos evidenciaram uma menor quantidade de dados Rorschach que denunciasses diferenças estatisticamente significativas, mesmo porque a imaturidade de um e a regressão e fixação patológica do outro faz com que se identifiquem pela ausência de vários fenômenos e estruturas Rorschach. Embora se assemelhassem em vários elementos do teste, apontaram também traços distintos, que indicaram condutas peculiares de cada um. Mais uma vez se faz necessário argumentar que, na discussão dos resultados, foram levantadas as considerações pertinentes às distinções qualitativas que a nossa análise quantitativa ainda não apurou.

Os dados Rorschach que assinalaram os maiores contrastes estatísticos entre crianças e esquizofrênicos foram:

- a) as auto-referências: 0,1 por criança e 1,2 por esquizofrênico;
- b) as confabulações: 0,1 por criança e 3 por esquizofrênico;
- c) as contaminações : 0,1 por criança e 1,2 por esquizofrênico;
- d) as respostas desvitalizadas: 0 por criança e 0,4 por esquizofrênico;
- e) os neologismos: fenômeno especial exclusivos dos esquizofrênicos;

- f) as negações: inexistentes nas crianças e 0,8 por esquizofrênico
- g) as respostas de valor 0,5: 3,7 por criança e 1 por esquizofrênico;
- h) as respostas de valor -1: 1,1 por criança e 4,1 por esquizofrênico;
- i) as respostas de valor -4: 0,2 por criança e 3,2 por esquizofrênico;
- j) as respostas referentes aos processos primários patológicos e as R-: 3,4 por criança e 10,8 por esquizofrênico;
- k) as respostas referentes aos processos primários ingênuos: 3,7 por criança e 1 por esquizofrênico;
- l) as R+-: 4,6 por criança e 1,6 por esquizofrênico;
- m) as R-: 1,7 por criança e 9,2 por esquizofrênico.

Os dados Rorschach que explicitaram uma maior aproximação entre estes dois grupo foram:

- a) o número de localizações articuladas integradas: a média de respostas por criança foi de 1,1, por esquizofrênico, 0,3;
- b) os conteúdos moderadores: 2,9 por criança e 2,4 por esquizofrênico;
- c) os conteúdos complexuais: 2,4 por criança e 4,4 por esquizofrênico;
- d) choques ao branco: praticamente inexistente nos dois grupos
- e) as críticas ao objeto: inexistente nas crianças e 0,5 por esquizofrênico;
- f) as desvitalizações: inexistente nas crianças e 0,4 por esquizofrênico;
- g) as disforias: 0,2 por criança e 0,8 por esquizofrênico
- h) as estereotipias: 4,1 por criança e 3 por esquizofrênico
- i) perspectiva, reflexo, descrição do objeto, expressão inho e luminosidade: fenômenos ausentes nos dois grupos
- j) as respostas de valor de 2,5 a 5: inexistentes
- k) as respostas de valor 2 e de -2 a -4,5: inexistentes ou quase ausentes
- l) as respostas de valor 1,5: 0,5 por criança e 0,4 por esquizofrênico;
- m) as respostas de valor 1: 6 por criança e 3,9 por esquizofrênico;
- n) as respostas de valor -0,5: 1,2 por criança e 0,9 por esquizofrênico;
- o) as respostas de valor -1,5: 0,8 por criança e 1,2 por esquizofrênico;
- p) as respostas referentes aos processos terciário: inexistentes
- q) as respostas referentes aos processo secundário: 6,7 por crianças e 4,5 por esquizofrênico;

- r) as respostas referentes aos pródromos de patologia: 1,2 por criança e 0,8 por esquizofrênico;
- s) as respostas eficientes/qualidade + (R+): 6,1 por criança e 4,2 por esquizofrênico
- t) o número de respostas por sujeito: 14,5 por criança e 16 por esquizofrênico;

Se considerarmos as repostas do psicodiagnóstico Rorschach como representações que testemunham sempre a maneira como o indivíduo habita seu corpo e como ele experiencia, fenomenologicamente, o seu estar-no-mundo, podemos afirmar que o esquizofrênico perdeu o acesso simbólico à sua própria história, à medida que a auto-imagem corporal que contém as marcas de sua história encontra-se virtualmente desmantelada (Hd e Anat).

Sua experiência *eidética* é a desagregação psico-física que no Rorschach se evidencia na desordem da construção do espaço e da estética, na gestão desarmônica do tempo, nos julgamentos arbitrários, nos pensamentos ilógicos, nos dinamismos incompatíveis e nos conteúdos complexuais. Esses indícios correspondem a uma identidade mal diferenciada, infiltrada pela confusão dos limites entre sujeito e objeto, pelos estados emocionais difusos sem vinculação com os processos cognitivos e pelas experiências invasivas de angústia, medo e culpa.

Esses indicadores traduzem um mundo no qual, devido a indiferenciação afetiva e intelectual, os engramas se organizam em torno de uma representação pouco ordenada e integrada de praticamente quase todas as experiências. A formalização excessiva, bem como a negação de qualquer contato e o afastamento do senso comum, explicitam o rigor extremo da reclusão em um sistema neutralizado, em que os enredos imaginários e os representantes pulsionais do processo primário ingênuo não têm espaço.

Portanto, no esquizofrênico percebemos um transbordamento do processo primário patológico sobre os processos secundário e primário ingênuo, como também a ausência de qualquer estrutura do processo terciário, o que evidencia uma certa falta de flexibilidade de trocas e de comunicação das instâncias psíquicas entre si e com o mundo. Contudo, o padrão de funcionamento psíquico de uma forma geral, tanto do ponto de vista estrutural

como afetivo parece correlacionar-se à configuração diagnóstica da esquizofrenia, o que corrobora com as observações de diversos autores.

Em relação aos artistas, um dado evidenciado foi o contingente de respostas intermediárias ou de estruturas potenciais (R+-). Estas estruturas, segundo Petrelli (1989), são próprias de uma experiência em expansão e evolução, de amadurecimento contínuo e progressivo, inerentes às crianças e às pessoas normais que usufruem da fluidez destas estruturas potenciais abertas para produções criativas sem se sentir ameaçadas por seus impulsos e emoções, pois já têm garantidas as dimensões intelectuais, emocionais e motivacionais adaptativas do processo secundário.

Nas R+- encontramos as respostas de valor 0,5, inerentes ao processo primário ingênuo, bem como respostas que articulam emoção e cinestesia com a razão, porém são estruturas que não têm o pleno controle do cognitivo (CF+-, ClobF+-, kobF+-), mas assinalam atitudes espontâneas, lúdicas e inocentes. Estas estruturas podem atingir valores próprios dos processos secundários e, até mesmo, do processo terciário quando associadas entre si como no exemplo: DGDbI (C)R+-kobF+- Nat / Arq = valor 3,5.

Nesse sentido, foi possível observar, mediante os dados Rorschach, a síntese perfeita dos processos primário ingênuo e secundário, em uma combinação adaptativa, funcional e estética de esquemas arcaicos do comportamento com esquemas secundários mais tardios e recentes. Ou seja, verificamos, de forma objetiva, a articulação integrativa desses dois níveis evolutivos que Arieti (1969) denominou de processo terciário: a capacidade de voltar às origens conservando e integrando estruturas e esquemas da infância com construções mentais e comportamentais da idade adulta.

Outra questão relevante a assinalar é o contingente de estruturas Rorschach de natureza primária patológica que entrou na composição das operações mentais dos artistas – índices maiores que nos adultos, porém menores que os índices de níveis patológicos dos esquizofrênicos. Dessa forma, é possível apreender, na configuração psíquica do artista, o que Arieti (1969) postulava ao asseverar que o processo terciário supera a simples finalidade adaptativa do processo secundário, se colocando como uma solução

divergente e criativa e, ao mesmo tempo, superando os dualismos e a dicotomia, ao encontrar uma solução mediante uma síntese compatível entre razão e instinto.

Podemos inferir que o artista se permite dissociar, se abandonar ao paradoxo, ao pré-lógico e, até mesmo ao ilógico, em uma atitude de passividade que, segundo o autor e a análise dos nossos dados, é apenas transitória e intencional, pois o processo secundário está sempre presente. É como se este sujeito tivesse uma ligação estável com o senso de realidade que lhe permitisse refletir sobre o absurdo sem ser coagido por ele, porém, não deixa de ser uma situação de risco, em que alguns a ele se sucumbem, enquanto outros se aproximam muito do nível do processo psíquico primário patológico. No caso do grupo de artistas houve uma aproximação, em alguns dados, à configuração psíquica doentia do grupo de esquizofrênicos. Afinal, a crença de que a genialidade está relacionada com a loucura – de origem muito antiga, remontando, no mínimo, a Platão e Aristóteles – não é de toda infundada.

Mediante o que foi discutido, reiteramos que a obra de arte dos artistas, componentes dos sujeitos dessa pesquisa – que são renomados pela sociedade – seria a expressão de uma autêntica singularidade, uma comunicação que produz uma sensação de harmonia e, ao mesmo tempo, a expressão do universal, revelando um *insight* de amplo significado humano, uma vez que são frutos de elaborações terciárias.

De uma forma geral, o artista evidencia produções inerentes aos quatro níveis evolutivos – processos primário patológico e ingênuo, processos secundário e terciário – e se destaca por uma configuração peculiar: um processo secundário bem expressivo com 33,5 respostas por sujeito do secundário; um processo terciário com 1,3 resposta por sujeito, porém significativo ao comparamos com a frequência quase inexistente dos demais grupos; 3,5 repostas por sujeito do processo primário ingênuo, que se aproxima muito da performance das crianças; 7,7 respostas por sujeito de processo primário patológico, se aproximando dos esquizofrênicos.

Nesse sentido, a nossa proposta de valoração dos processos psíquicos evolutivos sugere certa similaridade entre pessoas criativas e psicóticas, bem como entre pessoas criativas e crianças, em relação a alguns traços de personalidade, mas certamente não reivindica identidade. Podemos conjecturar que grandes espíritos estão próximos da insanidade, e que suas fronteiras estão muito perto, porém consevam-se distintas. Embora o artista assinale uma certa proximidade da psicose (no caso do presente estudo, a esquizofrenia), esta por sua vez tende a impedir a realização criativa, pois o que nela impera é a invasão dos processos psíquicos patológicos.

No adulto o que se observa é que a qualidade da relação com o real coloca em evidência, em inúmeros casos, uma integração satisfatória das demarcações perceptivas. O predomínio do processo capaz de remeter a uma secundarização efetiva é constatado com frequência.

O padrão de funcionamento psíquico, de uma forma geral, tanto do ponto de vista estrutural quanto afetivo, parece correlacionar-se com as configurações normativas, o que é consonante às observações de diversos autores. Aqui podemos expressar que a normalidade inclui mais um conceito de equilíbrio dinâmico entre os níveis de funcionamento primário e secundário – em que o adulto normal administra também a patologia na configuração de sua personalidade – do que um ação de sanidade absoluta, isenta de qualquer contradição.

O adulto normal, em relação aos processos evolutivos, desvelou a seguinte configuração: 17,7 respostas por sujeito no processo secundário, 1,6 no primário ingênuo, 4,1 no primário patológico e 0,2 no terciário. Podemos perceber que o processo primário ingênuo foi reduzido, dando lugar a uma maturidade adulta um pouco eximida de imaginação. Isso é o resultado de uma consciência social dominada pelo processo secundário, que ordena e racionaliza e, portanto, cinde (Maslow, 1954 apud Carotenudo, 1996). É o efeito de uma educação em que a genialidade é uma ameaça à grande maioria não criativa – que não busca ir além do que veio antes, que não põe à prova a ortodoxia – e, por isso, rigidamente penalizada e asfixiada; não são raros em nossa história casos em que os *transgressores* éticos foram presos ou mortos.

O grupo de crianças revelou uma configuração dos processos psíquicos evolutivos que nos orienta para as áreas intermediárias da psíquê, próprias de uma experiência em expansão e evolução, de amadurecimento contínuo e progressivo inerente às crianças e, segundo Petrelli (1989), às pessoas normais que usufruem da fluidez destas estruturas de crescimento e potencialidades para produções criativas.

Intencionamos finalizar o registro das observações, que consideramos introdutórias, sobre um tema e um instrumento tão amplo de possibilidades, insistindo na mesma questão que nos direcionou rumo a elaboração de uma proposta em uma perspectiva evolutiva alternativa aplicada ao psicodiagnóstico Rorschach que, também, pode vir a complementar as demais propostas já existentes.

O Rorschach deve ser cada vez mais apurado com o intuito de definir e avaliar processos psíquicos superiores para que os dois extremos, patologia e genialidade, jamais se confundam, uma vez que, se faz necessário em nossa sociedade identificar mentes sistêmicas que percebem elementos em relação, que possam, por exemplo, conectar atos políticos e consequências sociais, que tenham capacidade de substituir os modelos descontextualizados e obsoletos, de orientar nossas organizações por meios mais contextualizadores que venham ao encontro de uma visão simultânea de homem bio-psico-social e que, sobretudo, resgate o direito da subjetividade do existir e o direito à originalidade das “obras”(Bateson, 1984).

Esperamos ter contribuído para uma maior distinção das estruturas potencialmente abertas, longe de conotações negativas, inerentes ao processo primário ingênuo, de um processo primário patológico que evidencia processos regressivos, de fixação e desestruturação – situação que se observa nos defeitos orgânicos, nos mais variados quadros de patologia do pensamento, da afetividade e da ação, incluindo os casos de carência nas intervenções educativas (Petrelli, 1989). Como argumentamos anteriormente, a presença dos processos primários ingênuos não deveria prejudicar o diagnóstico do sujeito; ao contrário, coexistindo com formações secundárias representam núcleos dinâmicos que evoluirão nos processos terciários.

Da mesma forma que gostaríamos de ter contribuído para reduzir as tendências, nos psicodiagnósticos, de enfatizar mais as psicopatologias e menos as operações psíquicas que exigem altos níveis de maturidade da mente, procuramos evidenciar um meio operativo-aplicativo prático e de fácil visualização das tendências espontâneas do indivíduo mediante os gráficos da performance nos campos semânticos e os gráficos da temporalidade no psicodiagnóstico de Rorschach. Neste sentido, a devolução do resultado de um psicodiagnóstico Rorschach fica mais acessível aos demais profissionais, fora do âmbito da psicologia, que se interessam por uma compreensão do quadro psíquico do paciente, ou que trabalham em equipes multidisciplinares e, às vezes, até mesmo a título de ilustração para o próprio indivíduo, como por exemplo um gráfico que evidencia superação de regressões e bloqueios da atividade psíquica em um processo psicoterapêutico, na perspectiva temporal de teste e reteste.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADRADOS, Isabel. **Teoria e prática do teste de Rorschach**. 11 ed. Petrópolis: Vozes, 1991.

ALBERNAZ, M. F. **Investigação da personalidade mediúnica incorporante através do Psicodiagnóstico de Rorschach**. Goiânia: UCG, 1996.

ANZIEU, Didier. **Os métodos projetivos**. 5 ed. Trad. Maria Lúcia do Eirado Silva. Rio de Janeiro: Campus, 1989.

ARIETI, Silvano. **Il sé intrapsichico**: affettività, cognizione e creatività nella salute e nella malattia mentale. Boringhieri, 1969.

AUGRAS, M. **Teste de Rorschach**: atlas e dicionário. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1969.

AUGRAS, M. **O ser da compreensão**: fenomenologia da situação de psicodiagnóstico. 3 ed. Petrópolis: Vozes, 1986.

BATESON, Gregory. **Verso uma ecologia della mente**. Milano: Adelphi, 1984.

BEIZMANN, C. **El Rorschach em el niño de tres a diez años**. Madrid: Aguilar, S. A. Ediciones, 1968.

BOHM, Ewald. **Manual del psicodiagnóstico de Rorschach**. 7 ed. Madrid: Ediciones Morata, 1979.

BUCHER, Richard. **A psicoterapia pela fala**: fundamentos, princípios, questionamentos. São Paulo: EPU, 1989.

CAROTENUDO, Aldo. **Trattado di psicologia della personalità e delle differenze individuali**. Raffaello Cortina Editore, 1996.

CECHIN, Francisco A. Fenomenologia da temporalidade no psicodiagnóstico de Rorschach. Dissertação de Mestrado. São Paulo: Fundação Escola de Sociologia Política de São Paulo, 1985.

CHABERT, C. **A psicopatologia no exame de Rorschach**. Trad. Nelson da Silva Jr. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1993.

CHEPTULIN, A. **A dialética materialista**. São Paulo: Alfa-Ômega, 1982.

COLOMBO, M. A. et al. **El psicodiagnóstico de Rorschach: interpretación.** Buenos Aires: Editorial Klex, 1993.

EXNER, J.E. **Manual del Rorschach para el sistema comprensivo.** 4 ed. Trad. Francisco Galán. Asheville, North Carolina: Rorschach Workshop, 1993.

_____. **El Rorschach: un sistema comprensivo.** 3 ed. Trad. Manuel Esbert Ramírez. Madrid: Rorschach Workshop, v. 1, 1994.

FERREIRA, Aurélio B. de H. **Novo dicionário da língua portuguesa.** 2 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

FREUD, S. **Obras completas de Sigmund Freud.** 3 ed. Rio de Janeiro: Imago, v. 13,18, 20 e 23, 1990.

GAMBOA, Silvio S. (org). **Pesquisa educacional: quantidade-qualidade.** São Paulo: Cortez, 1995.

HERTZ, M. R. **Frequency tables for scoring Rorschach responses.** 3 ed. Cleveland: Western Reserve University Press.

HOLT, Robert R. **Il processo primario nel Rorschach: e nel materiale tematico.** Trad. Alessandra de Coro. Borla, 1981.

JACQUEMIM, A. A. **O teste de Rorschach em crianças brasileiras.** São Paulo: Vetor Editora Psico-Pedagógica Ltda., 1977.

JASPERS, K. **Psicopatologia geral.** Rio de Janeiro: Atheneu, v. 2, 1979.

KLOPFER, B., AINSWORTH, M. D., KLOPFER, W. G., e HOLT, R. R. **Developments in the Rorschach technique.** New York: World Book, 1954, v.1.

LOOSLI-USTERI, M. **Manuel pratique du test de Rorschach**. Paris: Hermann, 1962.

MAYMAN, M. Object representations and relationships in Rorschach responses. *Journal of Projective Techniques & Personality Assessment*, 31, 1967.

MCCULLY, Robert S. **Rorschach**: teoria e simbolismo: uma abordagem jungiana. Trad. Vera Lucia Baptista de Souza. Belo Horizonte: Interlivros, 1980.

PASSALACQUA, A. M. e colaboradores. **El psicodiagnóstico de Rorschach**: sistematización y nuevos aportes. Buenos Aires: Editorial Klex, 1992.

PETRELLI, Rodolfo. Studio comparato di strutture mentale di indios del centro oveste colte attraverso lo psicodiagnóstico di Rorschach. Tesi di dottorato. Roma: Università Pontificia Salesiana, Facoltà Discienze dell'Educazione, 1989.

PETRELLI, Rodolfo. **Fenomenologia**: teoria, método e prática. Goiânia: Editora da UCG, 2001.

PIOTROWISKI, Z. A. **Perceptanalysis**. New York: Macmillan, 1957.

PORTUONDO, Juan A. **El psicodiagnostico de Rorschach y la esquizofrenia**. Madrid: Biblioteca Nueva, 1972.

RAPPAPORT, D., GILL, M., & SHAFFER, R. **Diagnostic psychological testing**. Chicago: Year Book Publishers, 1946.

RORSCHACH, Hermann. **Psicodiagnóstico**: método e resultados de uma experiência diagnóstica de percepção. 8 ed. Trad. Marie Sophie de Villemor Amaral. São Paulo: Mestre Jou, 1973.

SANTOS, Manoel Antônio dos. A representação de si do outro na esquizofrenia: um estudo através do exame do Rorschach. Tese de doutorado. São Paulo: Universidade de São Paulo, 1996.

SULLIVAN, H. S. **The interpersonal theory of psychiatry**. New York: Norton, 1953.

TRAUBENBERG, Nina Rausch de. **A prática do Rorschach**. Trad. Álvaro José Lelé. São Paulo: Vetor, 1998.

VAZ, Cícero E. **O Rorschach**: teoria e desempenho. 3 ed. Porto Alegre : Manole Ltda, 1997.

WEINER, Irving B. **Princípios da interpretação do Rorschach**. Trad. Maria Cecília de Vilhena Moraes Silva. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2000.

WERNER, H. **Psicologia comparata dello sviluppo mentale**. Firenze: Gunti, 1957

5.4.b Tabela de comparação dos grupos dois a dois dos fenômenos especiais

Grupos	Auto- refer,	Choq Bran.	Conf	Crít.	Obj	Desv	Disf	Este	Inho	Neg.	Neol	Pers	Refl.	Rejei.	Idéia	Desc	Lumi
												pect.			Ref.		
artista – adulto	*	*		*	*	*		*		*					*	*	*
artista – criança	*			*	*	*	*	*				*	*	*	*	*	*
artista – esquiz.		*	*		*	*			*	*		*	*	*	*	*	*
adulto – artista	*	*		*	*	*		*		*				*	*	*	*
adulto – criança	*	*		*	*	*	*	*		*		*	*	*	*	*	*
adulto – esquiz.	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*		*	*	*	*	*	*
criança – artista	*			*	*	*	*	*				*	*	*	*	*	*
criança – adulto	*	*		*	*	*	*	*	*	*		*	*	*	*	*	*
criança – esqui	*	*	*	*	*	*		*	*	*		*	*	*	*	*	*
esquiz. – artista		*	*	*	*	*	*	*		*		*	*	*	*	*	*
esquiz. – adulto	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*		*	*	*	*	*	*
esqui. - criança	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*		*	*	*	*	*	*

* A presença deste sinal aponta uma diferença estatisticamente significativa entre os grupos comparados.

5.6.a Tabela da frequência média, por grupo, dos valores atribuídos às estruturas Rorschach

Grupos	5	4,5	4	3,5	3	2,5	2	1,5	1	0,5	-0,5	-1	-1,5	-2	-2,5	-3	-3,5	-4	-4,5	-5
Adulto	0,0	0,0	0,1	0,1	0,9	0,8	2,2	2,7	11,1	1,7	1,1	2,2	1,0	0,3	0,1	0,2	0,1	0,2	0,0	0,0
Artista	0,3	0,2	0,4	0,4	0,6	1,4	5,7	2,2	16,8	3,5	0,7	2,2	3,0	0,9	0,0	0,4	0,2	1,0	0,0	0,1
Criança	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,5	6,2	3,7	1,2	1,1	0,8	0,5	0,0	0,2	0,0	0,2	0,0	0,6
Esquizofrénico	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,2	0,4	3,9	1,0	0,8	4,1	1,2	0,2	0,0	0,0	0,0	3,2	0,0	1,3

5.6.b Tabela de comparação dos grupos, dois a dois, dos valores atribuídos às estruturas Rorschach

Grupos	5	4,5	4	3,5	3	2,5	2	1,5	1	0,5	-0,5	-1	-1,5	-2	-2,5	-3	-3,5	-4	-4,5	-5	
artista – adultos	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*								
artista – criança	*	*	*	*	*	*	*	*	*				*								
artista – esquiz.	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*
adulto – artista	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*								
adulto – criança					*	*	*	*	*	*	*	*	*								
adulto – esquiz.					*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*
criança – artista	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*							
criança – adulto					*	*	*	*	*	*	*	*	*								
criança – esqui.					*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*
esquiz. – artista	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*
esquiz. – adulto					*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*
esquiz. - criança										*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*

* A presença deste sinal aponta uma diferença estatisticamente significativa entre os grupos comparados.